

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO ESCOLAR BRASILEIRA

AS POSSIBILIDADES PARA A INTRODUÇÃO
DE UMA PEDAGOGIA HISTÓRICO-DIALÉTICA
COOPERATIVISTA EM UMA COOPERATIVA DE ENSINO

GLAUCIA REGINA CAIXETA YOSHIDA

Dissertação apresentada como exigência-
parcial para obtenção do Título de MES-
TRE EM EDUCAÇÃO ESCOLAR BRASILEIRA à
Comissão Julgadora da Faculdade de Edu-
cação da Universidade Federal de Goiás,
sob a orientação da Profa. Dra. MARIA
ELEUSA MONTENEGRO.

COMISSÃO JULGADORA

mei xonlo negu

Achucado

J. Lij

Dedico esta dissertação que ora nasce:

a César Luiz Yoshida

e à filha que vai nascer.

AGRADECIMENTOS:

À minha orientadora:

Maria Eleusa Montenegro.

Aos professores:

José Carlos Libâneo, José Odelso Schneider, Heldo Vitor
Mulatinho, Carlos Marcos Batista, Sônia da Cunha Urt e
Maria Hermínia M. Domingues.

Às instituições:

MEEB/FE/UFG, CNPQ, FUNAPE/UFG e COOPENSINO.

Aos meus colegas de mestrado.

Aos funcionários da FE/UFG.

...o que é "primário", a sociedade ou o indivíduo? Este problema da galinha ou do ovo está mal posto. A isto já Marx respondeu há mais de cem anos com seu conceito de cooperação, que engloba a dialética do indivíduo e grupo ou sociedade.

(HIEBSCH, H. & VORWERG, M.)

YOSHIDA, Gláucia R. Caixeta. **AS POSSIBILIDADES PARA A INTRODUÇÃO DE UMA PEDAGOGIA HISTÓRICO DIALÉTICA COOPERATIVISTA EM UMA COOPERATIVA DE ENSINO.** Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Educação Escolar Brasileira da Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, Goiânia, 1994, 300 p.

RESUMO

Esta dissertação é resultado de um trabalho de campo sob forma de pesquisa-ação, em uma cooperativa de ensino no Estado de Goiás - a COOPENSINO e do referencial teórico na perspectiva marxista. Também é fruto do conhecimento teórico em cooperativismo e experiência profissional desta pesquisadora. Teve como objetivo fornecer subsídios para possibilitar a elaboração de uma Pedagogia Histórico-Dialética Cooperativista.

Fêz-se o levantamento da estrutura organizacional da COOPENSINO, compreendendo-se as contradições existentes entre o projeto de educação da referida escola e o seu funcionamento. Ao mesmo tempo foram implantados vários projetos de trabalho que tiveram como finalidade a superação desta dicotomia, encaminhando-se para a vivência da práxis cooperativista, conforme a proposta deste trabalho.

Na parte de análise e conclusões refletiu-se o papel das cooperativas de ensino, como uma das alternativas que podem colaborar para resolver os problemas educacionais do país. Desmistificou-se o seu papel de "redentora" da educação e de que os pais/cooperados possam participar do projeto pedagógico da escola.

Por último, chamou-se a atenção para o fato de que os princípios propostos para as escolas cooperativistas neste trabalho devam ser os mesmos a serem seguidos por outras instituições escolares. A formação de um cidadão cooperativista deve ser tarefa de todos e condição para se resolver os problemas sócio-econômicos de uma sociedade.

YOSHIDA, Gláucia R. Caixeta. **THE PROSPECTS TO THE INTRODUCTION OF A HISTORIC-DIALECTIC COOPERATIVE PEDAGOGY IN AN EDUCATIONAL COOPERATIVE**. Dissertation presented to obtain the Master Degree at Department of Education of Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1994.

SUMMARY

This dissertation is a set out in effect of research-action, in a educational cooperative in state of Goiás - the COOPENSINO. Result of the bibliographic uprising in Marxist ideology. It is also consequence of the oretical knowledge in system based on cooperatives and the professional experience of this researcher. It had the purpose to provide subsidies to make possible the development of a Historic-Dialectic Cooperative Pedagogy.

It was done the study about the educational strutures of COOPENSINO, including the contradictions that there are between the educational plan of this university and its performance. At the same time it was found many working plans that had the purpose to excel this dichotomy, resulting the existence of the cooperative praxis, according to this working proposal.

In analysis and conclusion part it was reproduced the educacional cooperatives' function, as one the alternatives that can be a contributor to solve the educational problems of our country. It became undone the mystification about her "reedeming" function of the education and that the parents/cooperating can participate in the school pedagogic plan.

Finally it attracted attention to the fact the principium proposed to cooperatives schools in this work should be the same to be followed by others school institution. The formation of a cooperative citizen must be a obligation of all and condition to solve the social and economical problems of a society.

S U M Á R I O

RESUMO	7
SUMMARY	9
INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO I	
COOPERATIVISMO DE ENSINO: UMA PROPOSTA DE ESTUDO	25
1 - Considerações Iniciais.....	25
2 - Justificativa.....	35
3 - Objetivos.....	36
4 - Problematização.....	37
5 - Metodologia.....	38
5.1 - Referencial Teórico.....	39
5.2 - Pesquisa-Ação.....	40
5.2.1 - Considerações Gerais.....	40
5.2.2 - Pesquisa-Ação na COOPENSINO.....	45
5.3 - Análise dos Dados.....	50

CAPÍTULO II

ABORDANDO AS COOPERATIVAS DE ENSINO NO BRASIL:

ORIGENS, E TRAJETÓRIA.....	53
1 - Aspectos Preliminares.....	53
2 - Brasil: Contexto Geral.....	58
3 - Goiás: Histórico e Conjuntura.....	63
4 - Cooperativa de Ensino de Goiânia - COOPENSINO....	72
4.1 - Histórico.....	72
4.2 - Estrutura e Funcionamento.....	75
4.2.1 - Espaço Físico.....	75
4.2.2 - Quadro Funcional.....	77
4.2.2.1 - Organização.....	77
4.2.2.2 - Características do Quadro Funcional	80
4.2.3 - Funcionamento.....	83
4.2.4 - Organograma.....	87
4.3 - Quadro Discente.....	89
4.4 - Proposta Pedagógica e Materiais de Ensino- Aprendizagem.....	92

CAPÍTULO III

COOPENSINO: PROJETOS DE INTERVENÇÃO.....	98
1 - Projetos Elaborados Para a COOPENSINO.....	100
2 - Considerações Sobre os Projetos.....	150

CAPÍTULO IV

COOPERATIVISMO DE ENSINO: DAS CONTRADIÇÕES ÀS POSSIBILIDADES.154

1 - Cooperativas de Ensino no Brasil e em Goiás.....	155
2 - COOPENSINO : Análise de uma Trajetória.....	168
2.1 - Os professores.....	172
2.2 - Equipe Técnico-Pedagógica.....	179
2.3 - Os alunos.....	183
2.4 - Os pais/cooperados.....	188

CAPÍTULO V

SUBSÍDIOS PARA A ELABORAÇÃO DE UMA PEDAGOGIA-HISTÓRICO

DIALÉTICA COOPERATIVISTA.....	201
5.1 - Pressupostos teóricos de uma Pedagogia His- tórico-Dialética Cooperativista.....	203
5.1.1 - A cooperação e a práxis no ensino Cooperativista.....	203
5.1.2 - A Consciência do indivíduo e a edu- cação para a cooperação (a constru- ção da subjetividade).....	225
5.1.3 - A dialética no ensino cooperativis- ta.....	234
5.2 - Proposta para uma Equipe Técnico-Pedagógica numa Cooperativa de Ensino.....	244
5.3 - Perfil do Educador Cooperativista.....	247
5.4 - Educando: um cooperador.....	255
5.5 - Pais: cooperados e cooperadores.....	258

REFLEXÕES FINAIS.....	262
BIBLIOGRAFIA.....	271
ANEXOS.....	280

INDICE DE QUADROS DEMONSTRATIVOS

QUADRO I

QUADRO ATUAL DAS COOPERATIVAS FILIADAS À O.C.G..... 68

QUADRO II

QUADRO DEMONSTRATIVO DAS COOPERATIVAS DE ENSINO NO ESTADO
DE GOIÁS..... 71

QUADRO III

FUNCIONAMENTO DE AULAS DA COOPENSINO - 1993..... 84

QUADRO IV

DISTRIBUIÇÃO DE ALUNOS DA COOPENSINO..... 85

QUADRO V

MATRÍCULAS E TRANSFERÊNCIAS DOS ALUNOS DA COOPENSINO..... 91

ANEXOS

I - QUESTIONÁRIOS

1.1 - Cooperados.....	281
1.2 - Professores.....	285
1.3 - Alunos.....	288

II - TEXTOS

2.1 - Educação: O Sonho Possível.....	290
2.2 - Fábula.....	291
2.3 - Breve Reflexão Sobre o Cooperativismo e Cooperativas de Ensino.....	292
2.4 - Pensando a Educação Hoje.....	294
2.5 - Estas "defesas" nos protegem ?.....	295
2.6 - Carta Aberta aos Cooperados.....	297
2.7 - A Escola dos Nossos Sonhos.....	298

INDICE DOS PROJETOS PARA A COOPENSINO

PROJETO I

CEFUNBB: A PROPOSTA DE UMA PEDAGOGIA SOCIAL COOPERATIVA.... 100

PROJETO II

PALESTRA PARA PROFESSORES - COOPERATIVISMO E CEFUNBB..... 111

PROJETO III

PLANEJAMENTO DE ENSINO PARA A DISCIPLINA: COOPERATIVISMO... 114

PROJETO IV

PLANO DE AÇÃO ADMINISTRATIVA - ÁREA DE COOPERATIVISMO..... 118

PROJETO V

I INTERCÂMBIO PEDAGÓGICO - ORIENTAÇÕES AOS PROFESSORES
SOBRE REGISTRO DE EXPERIÊNCIAS..... 120

PROJETO VI

I ENCONTRO DE PAIS - APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA
DA CEFUNBB..... 125

PROJETO VII

II ENCONTRO DE PAIS - INTEGRAÇÃO E LEVANTAMENTO DE PROPOSTAS 127

PROJETO VIII

ELABORAÇÃO E DISCUSSÃO DO PLANO ESTRATÉGICO PARA
A COOPENSINO..... 129

PROJETO IX

II e III INTERCÂMBIO PEDAGÓGICO - DISCUSSÃO DE COMPORTAMENTOS
DE PROFESSORES NA COOPENSINO..... 135

PROJETO X

PARTICIPAÇÃO NO JORNAL COOPENSINO..... 139

PROJETO XI

AVALIAÇÃO DO I SEMESTRE..... 139

PROJETO XII

PESQUISA - COOPENSINO..... 144

PROJETO XIII

PLANO PARA A ELABORAÇÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA DA
COOPENSINO..... 146

INTRODUÇÃO

A emergência de um novo segmento do cooperativismo em Goiás, o de ensino, suscitou nesta pesquisadora o interesse para o conhecimento de tais instituições, bem como fornecer subsídios para uma nova proposta educacional às cooperativas de ensino de um modo geral e especificamente em Goiás.

A realização do curso de Especialização em Administração em Cooperativas permitiu o início de estudos acerca do referido tema e os primeiros contatos com cooperativas de ensino. O Mestrado em Educação Escolar Brasileira, por sua vez, possibilitou o aprofundamento teórico sobre assuntos referentes à educação, necessários à análise e propostas de subsídios para o funcionamento de instituições inspiradas no modelo liberal de educação.

A idéia de um trabalho surgiu ao ser constatada a inexistência nas cooperativas de ensino, práticas docentes e organizacionais voltadas para uma práxis cooperativista histórico-dialética. O que se propõe é uma prática cooperativista como concepção de ensino e forma de organização do trabalho escolar. A especificidade das escolas cooperativistas as diferencia do sistema educacional em geral, não apenas em sua forma de criação, como também pela proposta da maioria destas cooperativas de implemen-

tarem princípios morais e sociais, voltados para a cooperação.

Apesar de se pretender estender as possibilidades apresentadas neste trabalho a todas as cooperativas de ensino, optou-se por conhecer, com maior profundidade, a COOPENSINO - Cooperativa de Ensino de Goiânia - Ltda, onde, a partir de uma pesquisa os conhecimentos e experiências adquiridos anteriormente foram implantados no sentido de superação de suas lacunas e dificuldades.

No trabalho apresentado, tentou-se evidenciar os aspectos conflitantes existentes nestas escolas com relação às suas metas educacionais, uma vez que, normalmente, não há a vivência do cooperativismo na prática educativa das cooperativas de ensino. No entanto, contradições surgidas no decorrer do trabalho puderam, ao mesmo tempo, apontar os elementos e as condições que deveriam compor uma nova proposta pedagógica para o cooperativismo de ensino. Assim é que esta dissertação intitula-se **AS POSSIBILIDADES PARA A INTRODUÇÃO DE UMA PEDAGOGIA HISTÓRICO-DIALÉTICA COOPERATIVISTA EM UMA COOPERATIVA DE ENSINO.**

Para isto, inicialmente seria necessário evidenciar a prática em tais escolas para, em seguida, implementar uma nova forma de vivenciar a educação cooperativista. Partindo das referidas preocupações é que se optou por um estudo onde, mais que a observação e a pesquisa convencional, fosse possível também intervir em tal realidade, de forma que se possa chegar aos elemen-

tos que viriam posteriormente criar condições para a elaboração de uma proposta pedagógica para as cooperativas de ensino. Isto não significaria estabelecer objetivos, princípios e diretrizes para a mesma, mas oferecer subsídios para a sua implantação.

Para tal trajetória foram seguidas várias etapas, as quais são apresentadas nesta dissertação em seus cinco capítulos. No Capítulo I, **Cooperativismo de Ensino: Uma proposta de Estudo**, são registradas as diretrizes e metodologia para a realização do presente trabalho.

No Capítulo II, **Abordando as Cooperativas De Ensino no Brasil: Origens e Trajetória**, tentou-se traçar as origens, estruturas e conjunturas das instituições cooperativistas no Brasil e em Goiás. Não sendo este o foco central do trabalho, mas servindo de contextualização para o mesmo, passou-se à verticalização da COOPENSINO, objeto deste estudo.

O Capítulo III, **COOPENSINO: Projetos de Intervenção**, apresentou os projetos de trabalho que tiveram como objetivo a intervenção na realidade estudada, a fim de se perceber as contradições existentes e as possibilidades para a educação cooperativa no ensino. Durante um ano de trabalho na COOPENSINO a pesquisadora pôde aprofundar sua percepção do problema, até então apresentado com a preocupação de que os profissionais da instituição pudessem repensar sua prática a partir destes projetos.

No Capítulo IV, **Cooperativismo de Ensino: Das Contradições às Possibilidades**, são apresentadas as análises, as contradições relacionadas ao cooperativismo de ensino. Verticalizou-se tais análises nos aspectos gerais da COOPENSINO em seus elementos constitutivos e em sua prática pedagógica.

Por último, no Capítulo V **Subsídios para Elaboração de uma Pedagogia Histórico-Dialética** que é a proposição central do presente, trabalho foram abordadas as categorias: cooperação, práxis, consciência, subjetividade e dialética, selecionadas devido à relevância das mesmas para o objetivo deste estudo.

Com isto conclui-se que qualquer instituição escolar necessita delimitar sua filosofia educacional e suas metas. Propõe-se que as cooperativas de ensino definam-se pela elaboração de um projeto pedagógico condizente com a prática cooperativista, de acordo com a proposta de trabalho.

Em tal projeto pedagógico tem também como objetivo a formação de um cidadão cooperativista que se utilizará da cooperação como superação dos antagonismos criados pelo capitalismo e conseqüente melhoria da qualidade de vida. Isto somente poderá ser construído na práxis, sem doutrinação ou imposição, possibilitando a formação de uma consciência cooperativista. Tarefa que deve ser abraçada por outras instituições escolares.

CAPÍTULO I

COOPERATIVISMO DE ENSINO: UMA PROPOSTA DE ESTUDO

El educando, ser social por excelencia, sólo puede alcanzar su plenitud humana en la medida que se le possibiliten experiencias educativas através de las cuales pueda interactuar cooperativamente con sus semejantes.

(MAGGIO, M.)

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A educação, compreendida como um dos fatores do desenvolvimento social, possibilita mudanças no conjunto de uma sociedade que, por sua vez, também vão interferir na própria educação. Nesse sentido, a educação determina e é determinada pelas relações sociais vigentes em cada sociedade e, portanto, dependente dos interesses e práticas de classe social. Desta forma a transformação da educação é um processo também ligado à transformação das relações sociais. Verifica-se, por conseguinte, que o ensino

brasileiro, inserido em uma sociedade antagônica marcada pelas diferenças de classes sociais, refletirá esta situação, através de suas instituições e educadores, nas salas de aula.

Vivendo numa sociedade pluralista, em que há oportunidade de se vivenciar variadas práticas sociais, pode-se observar, também, práticas educativas que condicionam a visão de mundo em contextos históricos específicos. E ainda, o surgimento de certas ideologias¹ que condicionam a estruturação de novas instituições, como também a transformação da cultura existente. É nesse sentido que se evidencia a implantação de **Cooperativas de Ensino**² que propõem mudanças organizacionais de uma instituição escolar.

Trata-se de um modelo de educação inspirado na **Pedagogia Liberal**. LIBÂNEO classifica as tendências da Pedagogia Liberal em: tradicional, tecnicista, renovada progressivista e renovada não diretiva. Cada uma destas tendências apresenta-se de forma distinta quanto ao papel da escola, aos conteúdos de ensino, aos métodos e aos pressupostos de aprendizagem e às práticas escolares. Pedagogia Liberal, segundo o autor, é caracterizada por sustentar

1 - O conceito de ideologia será entendido como: "o sistema ordenado de idéias ou representações e das normas e regras como algo separado e independente das condições materiais, visto que seus produtores - os teóricos, os ideólogos, os intelectuais - não estão diretamente vinculados à produção material das condições de existência." (Cf. CHAUI, Marilena. *O que é Ideologia*. São Paulo, Brasiliense, 1991, p.65.)

2 - Os termos Cooperativas de Ensino, Ensino Cooperativista, Cooperativas Escolas e Escolas Cooperativistas serão todos conceituados posteriormente.

" a idéia de que a escola tem por função preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais. Para isso, os indivíduos precisam aprender a adaptar-se aos valores e às normas vigentes na sociedade de classes, através do desenvolvimento da cultura individual." ³

Ainda:

" Historicamente, a educação liberal iniciou-se com a pedagogia tradicional e, por razões de recomposição da hegemonia da burguesia, evoluiu para a pedagogia renovada (também denominada escola nova ou ativa), o que não significou a substituição de uma pela outra, pois ambas conviveram e convivem na prática escolar" ⁴

Por sua vez a Pedagogia Liberal apóia-se no Liberalismo e no neo-liberalismo, cuja origem é assim explicitada por WARDE:

"surgiu como expressão historicamente necessária do modo de produção capitalista, não só na sua fase de estruturação e consolidação como também nas fases seguintes de crescente expansionismo, nas quais a burguesia precisou da disponibilidade subjetiva para que o capitalismo fosse aceito como natural e necessário, identificado a progresso, desenvolvimento, liberdade, etc..." ⁵

Continuando, WARDE apresenta a contraposição de MARX ao liberalismo:

3 - LIBÂNEO, J. Carlos. *Democratização da Escola Pública - A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos*. São Paulo, Loyola, 1990, p.21-22.

4 - Idem, *ibidem*. p.22

5 - WARDE, Mírian. *Liberalismo e Educação*. Tese de Doutorado. PUC/São Paulo, 1994, p.26.

"o que MARX contrapõe ao pensamento liberal é a prática da burguesia de utilizar-se do Estado - a esfera do público - para a acumulação do capital; isto é, contrapõe a concepção liberal "negativa" de Estado que veícula no âmbito político-jurídico com a prática "positiva" que toma o Estado como instrumento da produção e reprodução do capital."⁶

O Liberalismo tem como características: o direito de liberdade, a igualdade na natureza e igualdade legal, o direito de propriedade, a segurança e a proteção do Estado. O Neoliberalismo, por sua vez, teve como aspiração renovar certas posições do velho liberalismo, mas permanecendo fiel ao mesmo. Assim sendo nessa doutrina, a liberdade continua significando a ordem natural e suscitando as harmonias espontâneas. O neoliberalismo reconhece que somente o Estado pode preservar o princípio fundamental da concorrência ameaçada pelo monopólio, considerando este como a liberdade de alguns à custa da liberdade de outros.⁷

Desta forma, surgiu um modelo de educação cuja proposta foi fundamentar-se sob a égide de uma **Filosofia Cooperativista**⁸. Entretanto, a maioria dessas tentativas tem ficado a nível de projetos e discursos, como tem ocorrido no Estado de Goiás.

6 - Idem, ibidem. p.57.

7 - *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1987, p.814-815.

8 - A *Filosofia* neste trabalho será entendida como em LUCKESI "é um corpo de conhecimentos constituído a partir de um esforço que o ser humano vem fazendo de conhecer seu mundo e dar-lhe sentido, um significado compreensivo. Corpo de conhecimentos, em filosofia, significa um conjunto coerente e organizado de entendimentos sobre a realidade. Conhecimentos estes que expressam o entendimento que se tem do mundo, a partir de desejos, anseios e aspirações."(Cf.LUCKESI, Cipriano C. *Filosofia da Educação*, São Paulo, Cortez, 1990, p.22.)

Tem-se observado a emergência de inúmeras propostas educacionais que abordam desde princípios conservadores, que apelam pela permanência dos métodos, conteúdos e posturas de um ensino tradicional⁹, até os considerados **progressistas** e **progressivistas**¹⁰. Estes, por sua vez, aspiram a mudanças, optando por métodos alternativos, de acordo com a realidade apresentada. O presente trabalho constituiu-se no estudo de um determinado tipo de instituição dessa natureza que, embora não seja nova no Brasil, tem alcançado destaques desde a década de 80. Trata-se da Escola Cooperativista ou Cooperativas de Ensino, termos que serão clarificados a seguir.

Partindo da concepção do **Cooperativismo**, enquanto um movimento social, é possível compreendê-lo como a organização de um grupo para reivindicações e consolidação de interesses no âmbito social. Esse movimento surge a partir da integração de categorias e/ou classes sociais, cuja mobilização coletiva possibilita o enfrentamento de dificuldades. O cooperativismo na sua forma atual é portanto, resultado de situações criadas pelo capitalismo, ou seja, da constatação de que em uma concepção capitalista

9 - Ensino Tradicional considera o adulto um homem "pronto" e o aluno um "adulto em miniatura", que precisa ser atualizado. O ensino será centrado no professor. Esse tipo de ensino volta-se para o externo ao aluno: o programa, as disciplinas, o professor. O aluno apenas executa prescrições que lhe são fixadas por autoridades exteriores. (Cf. MIZUKAMI, M. Graça N. *Ensino: As Abordagens do Processo*, São Paulo, E.P.U., 1986, p.8.)

10 - O termo **progressista**, emprestado de Snyders (Cf. SNYDERS, Georges. *Pedagogia Progressista*. Lisboa, ed. Almedina.), é utilizado para designar as tendências pedagógicas, cuja característica principal é ter como ponto de partida da educação uma análise crítica da realidade.

O ensino **progressivista**, por sua vez, possui como característica a adaptação progressiva do indivíduo ao meio social tentando adequá-lo segundo suas respectivas necessidades, conforme proposto pelo Movimento Escola Nova. (Cf. LUCKESI, Carlos C. *Filosofia da Educação*. São Paulo, Cortez, 1990, p.57.)

nem sempre é possível a resolução de problemas coletivos, uma vez que a fundamentação do capitalismo é a competitividade, a concorrência, enfim práticas em que há a perda de uns em prol do benefício de outros.

A **Escola Cooperativista**, que se funda a partir desta perspectiva, ou seja, do enfrentamento de dificuldades econômicas e/ou pedagógicas, é apresentada como possibilidade de mudança no que se refere à formação de um novo tipo de cidadão. E tal mudança na organização institucional poderá abrir espaço para que todos os elementos inseridos no processo educacional participem na construção da escola.

No Movimento Cooperativista, o princípio da **cooperação** pode ser entendido enquanto um sistema de idéias e valores. Assim a sistematização de princípios dá as diretrizes para uma forma específica de atitudes. Neste estudo, a concepção de cooperação parte das contribuições de MARX, mesmo que este não tenha mencionado sistematicamente, em seus estudos, a cooperação no sentido de movimentos cooperativos ou de formas particulares de produção cooperativa. No entanto, MARX dedicou em sua obra, *O Capital*, um capítulo referente à cooperação. O sentido atribuído por MARX à cooperação é o seguinte:

"a forma de trabalho em que muitos trabalham juntos, de acordo com um plano, no mesmo processo de produção ou em

processos de produção diferentes mas conexos."¹¹

A educação para a cooperação poderá emergir tanto dentro do que se poderia considerar uma instituição formal de educação, no sentido convencional, a escola, quanto em instituições cuja educação poderia ser do tipo informal, como a família, o trabalho, a igreja. E ainda, uma educação cooperativa do tipo não formal em instituições como os sindicatos, os partidos, a extensão rural e também as cooperativas.

O termo cooperação pode ser encontrado em vários sentidos: ético, econômico, psicológico, social etc. Em seu sentido ético cooperação significa ajuda, auxílio, enfim a prática da solidariedade. No sentido econômico, a cooperação visa os setores de produção, consumo e crédito, podendo estender-se a outros campos de atividade visando à realização e racionalização do trabalho coletivo. Do ponto de vista psicológico a cooperação tem como objetivo a socialização do indivíduo, possibilitando o desenvolvimento intelectual e a aprendizagem do mesmo. A cooperação neste estudo será tratada em seu sentido psicossocial, seguindo a orientação histórico-dialética, a qual será definida posteriormente.

A prática da cooperação escolar poderá ser implementada mediante também um maior desenvolvimento teórico do cooperativismo, permeada pelo princípio da cooperação. Tais aspectos poderão,

11 - MARX, Karl. *O Capital*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil S.A., 1989, V.I, p.374.

ainda, possibilitar a delimitação de uma nova pedagogia¹² para as cooperativas de ensino.

Uma **Cooperativa de Ensino** é uma instituição organizada a partir da associação de pais e/ou professores, com o propósito de oferecer um ensino de alta qualidade a baixo custo. Estes, por conseguinte, tornam-se proprietários da mesma, mediante a aquisição de cotas. **Cooperativas Escolas**, por sua vez, são instituições escolares em que a manutenção é realizada pelo governo e cujos alunos se organizam enquanto cooperados e participantes do processo organizacional. No caso de Goiás, são encontrados dois exemplos, que são as escolas agrotécnicas, situadas no interior do Estado: COETAGRI/RV - Cooperativa-Escola dos Alunos da Escola Agrotécnica Federal de Rio Verde Ltda; COETAGRI/UR - Cooperativa-Escola dos Alunos da Escola Agrotécnica de Urutaí Ltda.

Neste estudo, houve a preocupação de se discutir a inexistência de práticas docentes e organizacionais em uma cooperativa de ensino, em uma perspectiva de práxis cooperativista, proposta esta apresentada neste trabalho.

No sentido ora apresentado, o Cooperativismo de Ensino Goiano poderá ser redefinido a partir de suas relações sociais, ou seja, relações coletivas igualitárias, uma vez que nesta soci-

12- Pedagogia segundo LIBÂNEO constitui-se na "ciência da e para a educação, estuda a educação, a instrução e o ensino"(Cf. LIBÂNEO, J. Carlos. Didática, São Paulo, 1990, p.24.). Neste trabalho os termos pedagogia e proposta pedagógica possuem a mesma conotação, apesar de se julgar que o primeiro seja mais abrangente que o segundo.

idade predomina o individualismo.

Compreender uma escola cooperativista ou cooperativa, como está sendo sugerido, pressupõe, inicialmente, apreender os princípios que norteiam a formação dos educadores que trabalharão nesta área. A realidade que tem sido vista é a de que, nas cooperativas de ensino do Estado de Goiás, em geral, o quadro de seus professores possui a mesma formação dos profissionais engajados nas outras instituições. Assim sendo, os professores das escolas cooperativistas, não possuem uma formação em cooperativismo conforme o modelo ora proposto, como **Pedagogia Histórico-Dialética Cooperativista**¹³, termo definido a seguir.

Entende-se por **Pedagogia Histórico-Dialética** uma prática educacional, cuja teoria pedagógica se coloca a serviço da sociedade. Esta pedagogia considera o homem enquanto um ser histórico e concreto, cujo desenvolvimento é efetivado mediante a assimilação e apropriação do saber social e historicamente construído. Segundo URT¹⁴, o indivíduo deve ser analisado em enfoque "**histórico-crítico-social**", termo este definido pela autora da seguinte forma : "*significa considerar que o indivíduo é um ser histórico em que a unidade indivíduo-sociedade deve constituir o seu objeto de estudo*". Assim, o indivíduo, inserido numa Escola Coo-

13 - Neste trabalho os termos sócio-histórico, sócio-cultural, histórico-dialético, marxista, progressista, crítico, apesar de terem conotações diferenciadas, serão entendidas no mesmo sentido.

14 - URT, Sônia, *A Psicologia na Educação: do real ao possível*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, PUC, 1989, p.65.

perativista, deverá ser apreendido segundo seu contexto específico conhecendo-se também suas expectativas e suas experiências.

Não será apresentada neste trabalho uma proposta final de Pedagogia Histórico-Dialética Cooperativista, por se acreditar que esta é uma meta que deve ser percorrida pelas escolas cooperativistas. Com esse procedimento, essas escolas poderão ser repensadas em todos os seus níveis, sobretudo, no que concerne a seus aspectos sócio-histórico-políticos e culturais¹⁵. Esta é uma tarefa que deverá envolver todas as escolas cooperativistas, bem como seus respectivos educadores. Assim sendo, é que o estudo aponta inicialmente para a necessidade de se fazer um trabalho coletivo, propondo alguns subsídios para a discussão de uma proposta pedagógica de orientação histórico-dialética cooperativista. Portanto, a opção deste estudo volta-se para uma pesquisa-ação, em que a interação pesquisador/pesquisado possibilitou uma inserção do sujeito no objeto de estudo, levando ao conhecimento, à reflexão e à tentativa de transformação do mesmo. A partir de tais considerações é que o presente estudo teve a preocupação de analisar a escola cooperativista sob dois enfoques específicos: ***suas contradições e suas possibilidades.***

15 - Neste trabalho os termos sócio-econômico-político e cultural serão conceituados segundo SAVIANI apoiado em JAGUARIBE: "o econômico (geração e distribuição de utilidades), o cultural (geração e distribuição de símbolos), o social "stricto sensu" (geração e distribuição de atores e papéis) e o político (geração e distribuição de poder)" (Cf. SAVIANI, Dermeval. Educação: Do Senso Comum à Consciência Filosófica. São Paulo, Cortez, 1991, p.73.)

2. JUSTIFICATIVA

A intenção inicial deste estudo foi a investigação da Escola Cooperativista, sobretudo a COOPENSINO, onde se tentou apreender desde a sua fundamentação teórica até seus elementos organizacionais. Ao mesmo tempo, interferiu-se na realidade como forma de se alcançar os objetivos então propostos e apresentados a seguir. Fez-se também uma crítica da Escola Cooperativista, baseando-se em uma bibliografia histórico-dialética, que entendeu que a cooperação e outros princípios marxistas são os pressupostos básicos do ser humano e, portanto, deste tipo de escola. A análise do cooperativismo de ensino, tanto em suas conotações econômicas quanto ideológicas, serviu como objeto de estudo para uma compreensão transparente da cooperação.

O momento teórico do estudo se fez necessário à medida em que foi ele que permitiu confrontar e questionar a realidade. Partiu-se do pressuposto de que a escola cooperativista, como se encontra no momento, não revela em suas relações sociais uma prática cooperativista, segundo a concepção de MARX, a qual será apresentada como subsídio para introdução de uma pedagogia em tal perspectiva. Na construção do momento teórico houve consultas à bibliografia filosófica histórico-dialética e às ciências afins, bem como a pedagogos progressistas, buscando suas propostas pedagógicas dentro do referido enfoque.

Entre tais ciências afins, cita-se, sobremaneira, a psicologia social e a sociologia, as quais apresentam em suas fundamentações possibilidades para entender-se as noções do homem inserido no contexto social, em constante interação com o mesmo. Com tal procedimento buscou-se a compreensão do individual e do grupo, um sem anular o outro, uma vez que estas são questões de suma importância para se discutir cooperação/competição, coletivo/individual etc. Toda busca foi realizada com o objetivo de que fosse compreendida e apresentada uma proposta para práticas docentes e organizacionais voltadas para uma práxis cooperativista no sentido progressista.

Não pretendeu-se fazer uma apologia ou negação do cooperativismo. Teve a pretensão de ser uma contribuição para o repensar da prática pedagógica nas escolas cooperativistas e, quem sabe, em instituições de outra natureza.

3. OBJETIVOS

Os objetivos deste trabalho foram:

- 1 - Conhecer a Escola Cooperativista, apresentando um panorama de sua existência e organização, centrando-se principalmente na COOPENSINO.

- 2 - Intervir no cotidiano da COOPENSINO, no sentido de conhecer e fornecer subsídios para uma Pedagogia Histórico-Dialética Cooperativista.
- 3 - Analisar os dados levantados, à luz do referencial teórico de orientação marxista, observando-se o funcionamento da escola, a prática pedagógica, as relações de trabalho.
- 4 - Apresentar as contradições e as possibilidades deste tipo de instituição.

4. PROBLEMATIZAÇÃO

A partir do contato com as Cooperativas de Ensino muitas seriam as indagações e proposições a serem feitas:

- 1 - Verificar como está sendo conduzida a educação cooperativista nestas escolas.
- 2 - Detectar se a intervenção realizada na COOPENSINO pela pesquisadora alterou a organização e a prática docente desta instituição.
- 3 - Investigar as relações de trabalho existentes numa escola cooperativista, inserida num contexto de sociedade capitalista.

4 - Analisar até que ponto os elementos inseridos no contexto de uma cooperativa de ensino são ou podem ser agentes mobilizadores que buscam uma transformação do ensino.

5 - Saber se os princípios pedagógicos que devem reger as Cooperativas de Ensino deverão ser diferenciados das outras escolas do sistema de ensino de nosso Estado.

A partir das respostas às questões acima delineadas será possível o levantamento de subsídios que deverão nortear uma prática pedagógica em que o princípio da cooperação caracterize as práticas docentes e organizacionais de uma escola, quer seja ela uma cooperativa de ensino ou não.

5. METODOLOGIA

Este estudo, que se refere a uma pesquisa em educação, tem como função social conhecer e analisar o cooperativismo de ensino a partir do pesquisador, contribuir com a produção do conhecimento na área de educação. Para tanto foi utilizada a Pesquisa Bibliográfica, tendo em vista um conhecimento teórico sobre o assunto; a pesquisa-ação que visou a uma participação ativa de intervenção no objeto de estudo complementada pelo trabalho de campo.

5.1 - Referencial Teórico

O trabalho teórico foi fundamental ao processo das investigações, uma vez que direcionou a descoberta e discussão da realidade, sendo constituído a partir das seguintes orientações:

1 - Utilização dos subsídios apreendidos a partir da realização das disciplinas cursadas no decorrer do Mestrado em Educação Escolar Brasileira - UFG/FE, bem como da especialização em Administração em Cooperativas - UCG/OCG, compatíveis com o tema deste trabalho.

2 - Elaboração de quadros de referência a partir de duas disciplinas com leituras voltadas para a linha do presente trabalho, segundo orientação do professor orientador. Leituras estas que atentaram principalmente para questões concernentes à filosofia, às ciências e educação, privilegiando, ainda, as contribuições de MARX, cientistas e pedagogos de linha marxista¹⁶. A finalidade destas leituras foi a realização

16 - Cabe aqui uma diferenciação do que seja a filosofia marxista e do que vem a ser o método dialético. Para isto, neste trabalho, será utilizada a distinção estabelecida por ALTUSSER que afirma: "o objeto do materialismo histórico está constituído pelos modos de produção, sua organização, seu funcionamento e suas transformações. O objeto do materialismo dialético é a história da produção de conhecimentos, enquanto conhecimentos, definição que abrange e resume outras possíveis definições: a diferença histórica entre ciência e ideologia, a teoria da história da cientificidade etc." Para BADIOU, na mesma obra esta diferença significa: a diferença da ciência marxista (o materialismo histórico) com a disciplina em cujo interior é possível declarar, com legitimidade, a cientificidade desta ciência. Althusser chama esta segunda disciplina, segundo uma tradição talvez discutível, materialismo dialético..." (ALTUSSER et. alii. *Materialismo Histórico e Materialismo Dialético*. Global Editora. Coleção Bases n°19 - 1979, p. 43 e 11).

da análise do que tem sido o Ensino nas Escolas Cooperativistas, sobretudo em Goiás.

3 - Verticalização dos estudos no que concerne ao histórico do Cooperativismo de Ensino no Brasil, enfatizando especialmente Goiás.

4 - Aprofundamento teórico de alguns conceitos sócio-históricos que permeiam este estudo tais como: cooperação, práxis, consciência, subjetividade, voltados para o Ensino Cooperativista.

O Referencial Teórico não foi somente possível como necessária, uma vez que permitiu a ação reflexão, a interpretação dos dados, a elaboração de quadros de referência, enfim, permitiu resgatar a realidade segundo suas múltiplas faces.

5.2 - Pesquisa-Ação

5.2.1 - Considerações Gerais

A Pesquisa ação foi utilizada por ser considerada como método adequado para se estudar uma cooperativa de ensino em funcionamento, em que, ao mesmo tempo que era estudada, já estaria em plano de implementação e redimensionamento de sua prática. As alterações ocorridas sempre aconteceram no intuito de que suas

posturas voltassem para uma perspectiva mais crítica, que realmente considerasse o cooperativismo no sentido proposto nesta dissertação. No início do trabalho, por exemplo, sentia-se que os indivíduos envolvidos na escola ainda não haviam repensado efetivamente a prática da cooperação.

É preciso lembrar que o pesquisador que busca a compreensão do ser humano tem necessariamente que encontrar maneiras para apreender tanto os significados manifestos, como os que são latentes ao próprio pesquisador. Também que, a opção deste estudo em voltar-se para a pesquisa-ação, permitiu a adoção de uma postura que combinou a pesquisa à ajuda do pesquisador, na solução do problema social em estudo. A utilização da Psicologia Social, sobretudo em sua abordagem teórico-metodológico histórico-dialético, nas questões sociais que permeiam a escola cooperativista, tornou possível a apreensão da subjetividade dos indivíduos que compõem a instituição, no que se relaciona à cooperação, ao mesmo tempo em que foram trabalhadas para tal fim.

A concepção de pesquisa-ação, neste trabalho, definida conforme apresenta THIOLENT:

"...um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou

participativo.."¹⁷

Segundo tal autor, a pesquisa-ação permite que os pesquisadores desempenhem um papel ativo tanto no equacionamento dos problemas encontrados, como no planejamento, acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas¹⁸. A pesquisa-ação possui objetivos práticos, à medida em que se volta para a organização de um trabalho coletivo, em que o próprio grupo aponta a "saída" dentro deste contexto. Portanto, tais objetivos produzem também conhecimento.

É importante ressaltar que, embora seja o pesquisador aquele que intervém conscientemente, os participantes não se reduzem a cobaias, mas, também, desempenham um papel ativo na produção do conhecimento. A pesquisa-ação não é considerada como metodologia e sim um método, embora seja possível agregar vários métodos ou técnicas de pesquisa social e estabelecer uma estrutura coletiva, participativa e ativa ao nível da captação de informação.

THIOLLENT percebe que no Brasil a pesquisa-ação distingue-se da pesquisa participante pelo fato de focalizar as ações ou transformações específicas que exigem um direcionamento bas-

17 - THIOLLENT, Michel, *Metodologia da Pesquisa-Ação*, São Paulo, Cortez, 1986, p.14.

18 - *Ibidem*, p.15.

tante explicitado.¹⁹ A pesquisa-ação, no contexto da reconstrução do sistema escolar, segundo este autor, promove a participação dos usuários em tal sistema na busca de soluções aos seus problemas.

Na área educacional a pesquisa-ação promove a participação dos usuários do sistema escolar na busca de soluções aos seus problemas. Neste sentido é que THIOLENT caracteriza a pesquisa-ação em sua dimensão conscientizadora, uma vez que:

*" na investigação associada ao processo de reconstrução, elementos de tomada de consciência são levados em consideração nas próprias situações investigadas, em particular entre os professores e na relação professores/alunos."*²⁰

A partir de tais colocações justifica-se a escolha de tal método para a realização do trabalho na COOPENSINO. Assim é que os elementos que a compõem, alunos, professores, coordenadores pedagógicos e administradores tiveram a oportunidade de repensar a sua prática, mediante esta proposta metodológica.

Na pesquisa-ação não é necessário que o quadro teórico esteja totalmente definido na mente do pesquisador, nem que haja um problema precisamente delimitado, ao se iniciar a pesquisa. Os elementos mencionados poderão ser construídos durante a trajetó-

19 - Idem. Ibidem, p.74.

20 - Idem. Ibidem, p.75-76.

ria do trabalho. A proposta de intervenção na realidade é um elemento que caracteriza a pesquisa-ação, uma vez que nesta situação há a possibilidade de transformação da mesma. Portanto, a pesquisa-ação permite também a reflexão sobre a própria proposta de intervenção, ou seja, seu andamento, seus resultados, podendo, portanto, ocorrer, o crescimento e amadurecimento teórico-metodológico do pesquisador no decorrer da pesquisa-ação.²¹

Delinear uma pesquisa-ação consiste em percorrer as seguintes etapas, conforme apresentou GIL:

- a) *fase exploratória*
- b) *formulação do problema*
- c) *construção de hipóteses*
- d) *realização de seminário*
- e) *seleção de amostra*
- f) *coleta de dados*
- g) *análise e interpretação dos dados*
- h) *elaboração do plano de ação*
- i) *divulgação dos resultados*²²

Nesta dissertação, a fase explanatória levantou as expectativas dos interessados, determinando o campo de investigação. A formulação do problema possibilitou reforçar tais expectativas no sentido de se estabelecer o como solucionar o problema prático. As hipóteses, por sua vez, não tiveram a mesma preocupação que na pesquisa clássica ou experimental. Na pesquisa-ação as hipóteses possuem uma flexibilidade, a qual permite que a natureza das hipóteses sejam qualitativas e não envolvam necessari-

21 - Estes dados foram resultantes de entrevista sobre Pesquisa-Ação, concedida por Marli E.D.Afonso André, na ocasião do VII ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino realizado em Goiânia no período de 5 a 9 de junho de 1994.

22 - GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo, Atlas, 1991,p.126.

amente nexos causais entre as variáveis.

Na realização de seminário, proposta pelo autor, coleta-se sugestões e há a aprovação para a pesquisa-ação. Entretanto, na COOPENSINO não ocorreu desta forma, uma vez que houve convocações sob forma de reuniões de cooperados e professores, para que fossem recolhidas as propostas e contribuições dos participantes.

Procurou-se trabalhar nesta escola de uma forma participativa no diagnóstico, no planejamento, implementação e avaliação de atividades, buscando refletir sobre seus resultados. Para tanto, preservavam-se algumas ações e modificavam-se outras levando em consideração o caráter dinâmico e dialético que este método propicia.

É preciso ressaltar ainda que, na discussão acerca da pesquisa-ação, não existe um consenso entre os pesquisadores que trabalham com este método de pesquisa quanto à sua definição, aos seus procedimentos e as suas etapas de realização. Assim tal estudo apresenta algumas das possibilidades de execução de uma pesquisa nesta perspectiva.

5.2.2 - Pesquisa-ação na COOPENSINO

A pesquisadora foi contratada para trabalhar na COOPENSINO, por ser especialista na área, e assim atender aos interes-

ses da instituição de implementar um modelo cooperativista de ensino. É preciso deixar claro que a escola além, de não ter em mente um projeto pedagógico específico de escola cooperativista, não foi criada com preocupações de ser uma escola cooperativista diferente das demais escolas existentes.

O trabalho na COOPENSINO, sob forma de pesquisa-ação, foi realizado no ano de 1993, cujos projetos, sua implantação e respectivas observações e/ou relatórios serão apresentados no Capítulo III, sendo a análise dos mesmos explicitada no Capítulo IV. Estes projetos constaram basicamente de atividades propostas a pais/cooperados, alunos, professores, coordenadores pedagógicos e administradores da cooperativa. Eles envolveram trabalhos referentes à organização do quadro social da cooperativa no intuito de propiciar a participação dos pais/cooperados; com professores trabalhou-se sob forma de intercâmbio pedagógico, para troca de experiências, planejamento de atividades pedagógicas, incluindo ainda palestra sobre cooperativismo; com alunos foi realizada uma pesquisa para diagnóstico; com administradores e coordenadores pedagógicos, reuniões de planejamento de todas as atividades da escola (eventos, reuniões e assembléias). Assim, através dos dados coletados neste trabalho, foi possível delinear o que estava sendo esta escola cooperativista que já busca novas formas de atuação.

Esta pesquisa possibilitou a associação de enfoques metodológicos que priorizam os aspectos qualitativos, e, embora se tenha utilizado os aspectos quantitativos, os quais foram subsidiários, dentro de uma concepção teórica em que o conhecimento é também ação. O processo de coleta de dados inseridos na pesquisa-ação, neste caso, assenta-se em um modelo dialético de análise que procura identificar as múltiplas facetas do objeto de pesquisa. Assim sendo, ao estudar-se a COOPENSINO, apreendeu-se o ponto de partida para uma proposta pedagógica mais ampla do cooperativismo de ensino.

No trabalho de campo para a coleta de dados foram utilizados vários instrumentos de pesquisa: a observação participante, questionários, entrevistas e pesquisa de documentos, os quais serão explicados a seguir.

Na pesquisa-ação há uma proximidade maior entre pesquisador e seus informantes.²³ Desta forma, com o estabelecimento de uma relação estreita entre pesquisador-informante, o primeiro terá condições de coletar dados de diferentes maneiras, tais como: observação participante, questionários, entrevistas e pesquisa de documentos.

Na pesquisa-ação, o pesquisador assume um papel em que a

23 - **informante** é o termo utilizado para designar os sujeitos investigados, quando se trata de pesquisa etnográfica. (Cf. GRUNWALDT, Ingeborg. "Pesquisa Etnográfica Aplicada à Educação: Uma Revisão." in. Educação - Fac. de Educação- PUC-RS, Porto Alegre, Ano IX, n.10 - 1986).

sua identidade de pesquisador e os objetivos do estudo são revelados ao grupo desde o início. Neste posicionamento, o pesquisador poderá ter acesso a uma gama variada de informações, até mesmo as confidenciais, pedindo cooperação ao grupo. Assim a observação participante permite ao pesquisador estar presente em momentos de acontecimentos importantes que venham somar e contribuir com as propostas do estudo.

A observação participante foi, portanto, uma técnica de suma importância em um trabalho desta natureza, sendo viabilizada pela constante presença da pesquisadora na escola. O compromisso de trabalho, estabelecido entre a COOPENSINO e a pesquisadora, favoreceu uma relação mais natural entre as partes, não constrangendo os investigados, como é comum em alguns casos, com a presença do pesquisador que retira a normalidade do cotidiano escolar. Sob tais condições as observações constituíram-se em importante elemento para a composição das análises, bem como da própria elaboração de projetos.

A utilização de questionário na pesquisa-ação (vide modelos em Anexo), dá-se, sobretudo, quando o universo a ser pesquisado é constituído por grande número de elementos. Nesse sentido é que se adotou tal instrumento, tentando, desta forma, envolver um maior número de participantes no caso de pais/cooperados, alunos e professores, garantindo ainda o anonimato dos mesmos para a coleta das mais variadas informações.

No caso da COOPENSINO, a apresentação da tabulação de dados referentes aos questionários realizados junto a professores, alunos e pais/cooperados da escola teve por finalidade demonstrar a apreensão das expectativas destes segmentos quanto ao processo de construção de uma escola cooperativista. E ainda, medir o nível de interesse e compreensão dos mesmos sobre os aspectos referentes ao cooperativismo enquanto processo de cooperação, como apresentado neste trabalho. Os dados quantitativos puderam, portanto, auxiliar na indagação do processo referente à construção da escola cooperativista, mediante uma análise qualitativa dos dados.

A entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados, uma vez que cria uma relação de interação em que há uma influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Desta forma, a vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos.

As entrevistas se deram com elementos da escola relacionados à administração e à coordenação pedagógica, uma vez que tais indivíduos possibilitaram, também, mediante seus respectivos depoimentos, a composição do quadro histórico da COOPENSINO, bem como de suas propostas pedagógicas e atual conjuntura.

A pesquisa de documentos constituiu-se em um momento também considerado importante, pois permitiu a contraposição destes com os discursos e práticas vivenciadas na COOPENSINO. Assim a análise de estatutos, atas de assembleias, regimento escolar, jornais informativos serviram como instrumentos para identificar informações factuais a partir de questões e/ou hipóteses de interesse neste estudo.

Foram estes os principais instrumentos utilizados para a coleta de dados .

5.3 - Análise dos Dados

A análise dos dados coletados na COOPENSINO, realizou-se à luz da dialética marxista e da problematização suscitada por tal visão teórica, objeto da pesquisa bibliográfica. A reflexão sob esta perspectiva se justifica como bem coloca SAVIANI:

*" A visão dialética (...) nos arma de um instrumento, ou seja, de um método rigoroso (crítico) capaz de nos propiciar a compreensão adequada da radicalidade e da globalidade na unidade da reflexão filosófica."*²⁴

24 - SAVIANI, Dermeval. Educação: Do Senso Comum à Consciência Filosófica. São Paulo, 1991, p.25.

Na pesquisa-ação a análise de dados poderá ser realizada com a devida participação de informantes, especialistas envolvidos na pesquisa. Tal elaboração foi realizada apenas pela pesquisadora, considerando a natureza acadêmica deste estudo, necessitando-se por sua vez de rigor científico e fundamentação segundo as teorias aqui propostas. Segundo ANDRÉ, na pesquisa-ação algumas responsabilidades são dos pesquisadores, assim explicitando a autora:

*"sempre esteve muito claro o nosso papel de dirigentes do processo, isto é, da nossa inteira responsabilidade pelo planejamento, acompanhamento e avaliação do mesmo."*²⁵

Como foi dito anteriormente, o trabalho constituiu-se de momentos específicos, resultando em um tipo de diagnóstico de intervenção, de análise e de propostas, as quais deverão possibilitar a aplicação deste estudo a outras realidades, como também o aprofundamento de propostas por ele levantadas.

25 - ANDRÉ, Marli.D.A. *Produção Coletiva de Conhecimento e Cotidiano Escolar*. Texto mimeografado, 1994, p.6.

CAPITULO II

ABORDANDO AS COOPERATIVAS DE ENSINO NO BRASIL: ORIGENS E TRAJETÓRIA

Estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança; esse é o requisito básico do método dialético.

(VYGOTSKY, L.S.)

1. ASPECTOS PRELIMINARES

A Cooperativa Escolar apareceu de forma verdadeiramente organizada primeiramente na França, na escola de Saint Jean D'Angely, sob a inspiração do inspetor da escola básica, Barthélemy Profit. Este, por volta de 1919, fundou a primeira cooperativa escolar chamada "As Abelhinhas". O propósito do inspetor Profit foi o de reunir fundos e esforços para suprir as necessidades da escola, que estavam sendo desatendidas pelo Estado, em face da primeira guerra mundial. Posteriormente, visualizou a cooperativa com características do sistema pedagógico da

"Escola Ativa"¹, onde foi aberta a oportunidade para a participação integral dos alunos nas atividades laborais de ensino. Vê-se, assim, a implantação destas instituições na França, num sentido que será questionado neste trabalho.

Segundo TRONCOSO, em curto tempo conseguiu-se dotar esta escola de todo o equipamento material, pedagógico, profissional e filosófico necessários para uma adequada educação. A cooperativa escolar foi se espalhando rapidamente por todo o país com grande entusiasmo, conseguindo também excelentes resultados, criando museus, bibliotecas, e obras de solidariedade e assistência social.²

Fora da França o esquema de cooperativa escolar também teve repercussão. Pode-se citar a Bélgica, a Polônia e a Tchecoslováquia, onde são criadas inúmeras cooperativas deste tipo. Na América são exemplos de excelente desenvolvimento as do Canadá, Estados Unidos, Argentina, Venezuela, Chile e Brasil.

Segundo DRIMER e DRIMER, a proposta das cooperativas escolares é a de integração com alunos dos estabelecimentos educacionais públicos ou privados, e não se propõe organizar novos

1 - Para LIBÂNEO, a concepção de Escola Ativa é proveniente de Dewey e seus seguidores ao afirmarem que a escola não é uma preparação para a vida, é a própria vida. Segundo LIBÂNEO neste tipo de educação "a atividade escolar deve centrar-se em situações de experiência onde são ativadas as potencialidades, capacidades, necessidades e interesses naturais da criança" (Cf. LIBÂNEO, J.C. *Didática*. São Paulo, 1991, p.62.)

2 - TRONCOSO, José S. *Fundamentos de Cooperativismo Escolar*. Rio Grande do Sul, Cadernos CEDOPE, UNISINOS, n. II-7, 1991, p.8.

serviços de ensino que não contribuam para um desempenho mais eficiente dos estabelecimentos educacionais que se encontram em funcionamento. Assim é que colocam:

*"Las cooperativas escolares se caracterizan por la naturaleza de sus miembros, por su ámbito de acción y por la finalidad predominantemente educativa que sustentan."*³

Segundo PINHO e PINHO, uma cooperativa escolar deve ajustar-se aos tradicionais **Princípios de Rochdale**, sendo eles:

- 1 - Adesão Livre
- 2 - Neutralidade social, política, religiosa
- 3 - Um homem, um voto
- 4 - Retorno das sobras
- 5 - Juro limitado ao capital
- 6 - Educação Permanente
- 7 - Cooperação intercooperativa⁴

Segundo estes autores, tais instituições devem ainda atuar no sentido de dinamizar o ensino e fortalecer a propagação das idéias acerca da cooperação. Deste modo, a cooperativa é, também, para tais autores, uma escola de democracia, fundamentalmente por sua organização, ou seja, pelos princípios rochdeleanos que presidem sua constituição e funcionamento, estruturando-

3 - DRIMER, Alicia K. & DRIMER, Bernardo. *Las cooperativas escolares*, Buenos Aires, Intercoop, 3.e. 1987, p.13.

4 - PINHO, Diva B. e PINHO Carlos. *Educação Cooperativa Informal e Formal*, São Paulo, Separata ASSOCEP, n.1, 1975, p.23.

se como órgão capaz de formar a consciência democrática.

DRIMER e DRIMER descrevem as vantagens educativas e econômicas das cooperativas escolares, as quais são enumeradas a seguir:

1 - Vantagens Educativas:

- a) Desenvolvimento de diversos aspectos que configurem na personalidade
- b) Desenvolvimento do sentido solidário e preparação para a vida em sociedade
- c) Complementação e aperfeiçoamento da aprendizagem
- d) Formação de futuros cidadãos
- e) Preparação de futuros associados e dirigentes de cooperativa de adultos

Vantagens Econômicas

- a) Colaboração econômica com os alunos e com os pais e tutores
- b) Contribuição ao melhoramento das instalações e ao equipamento da escola
- c) Contribuição ao melhoramento da comunidade.⁵

Nesta visão, a Cooperativa Escolar deve estar imbuída do espírito cooperativista, o qual deverá vincular-se necessariamente às suas atividades, bem como às diversas disciplinas estudadas pelos alunos dentro da escola. Assim é que, para estes autores, a Cooperativa Escolar poderá permitir que o aluno se integre a ela pela participação ativa na organização e condução da instituição. Poderão participar na elaboração das atas, nas assembléias, no registro contábil e até na apresentação do balanço, -----

5 - DRIMER, Alícia e DRIMER, Bernardo, Op. Cit., 1987, p.53-61.

além da realização de diversas atividades manuais e decisórias.

Pode-se dizer ainda que, segundo estas considerações a Cooperativa Escolar com as características acima apresentadas deve representar um tipo específico de educação escolar, em que há a possibilidade de vivenciar os conteúdos básicos da maioria das disciplinas estudadas, bem como a prática do que será o dia a dia do futuro elemento na sociedade.

Para organizar-se uma Cooperativa Escolar NÉRICCI propõe as seguintes etapas:

- 1) **Descobrimto da situação:** na qual o coordenador ajuda os alunos a verem os problemas ou necessidades, a nível da aula, da escola ou da sociedade que se poderia solucionar através do trabalho em comum (trabalho cooperativo).
- 2) **Definição e formulação do Projeto:** na qual o coordenador orienta os alunos a formular o projeto de criação da Cooperativa Escolar, com a finalidade de solucionar os problemas ou necessidades detectadas.
- 3) **Planejamento e levantamento de dados sobre Cooperativas Escolares:** na qual o coordenador ajudará os alunos a elaborar um plano de trabalho, refletindo acerca das dificuldades apresentadas para solucioná-las.
- 4) **Execução:** na qual se processará a criação e constituição da Cooperativa Escolar para que se ponha em prática o plano elaborado.
- 5) **Avaliação do Projeto:** o coordenador orientará o alunado na apreciação crítica do projeto de acordo com os objetivos e ações propostos pela Cooperativa Escolar. Também serão avaliadas a participação dos membros e a aprendizagem evidenciadas por seus associados, como resultado

*do trabalho cumprido no período escolar.*⁶

A proposta da Cooperativa Escolar é, portanto, segundo estes autores, unir a educação à vida, ao associá-la a objetivos concretos, uma vez que visa a buscar uma estreita relação com a sociedade em seus variados aspectos. Assim, sob o enfoque didático, propõe alterar grande parte de atividades meramente acadêmicas, substituindo-as por um modelo flexível. Sendo assim, a proposta do cooperativismo escolar é criar um verdadeiro foro de idéias, de projetos, que proporcionem aos alunos maiores oportunidades de participação.

2. BRASIL: CONTEXTO GERAL

As Cooperativas escolares, segundo NASCIMENTO, desempenham um papel importante enquanto estratégia de desenvolvimento de recursos humanos, bem como, instrumento da educação.⁷

Segundo DRIMER & DRIMER, as primeiras experiências em cooperativas escolares realizadas no Brasil foram em 1928, cujas regulamentações se deram em 1940. Em alguns estados como São Paulo e Paraná, o respectivo Departamento Estadual de Assistência ao Cooperativismo redigiu regulamentações para este tipo de coopera-

6 - NERICCI, I. Cf. *Hacia una Didáctica General Dinámica* - Kapeluz, Bs.As., 1973, p.249. apud. MAGGIO, Mirta M. & LASAGNA, M. Cristina. *La Cooperativa en La Escuela*, Buenos Aires, Intercoop, serie manuales n.21, p.36.

7 - NASCIMENTO, Osvaldo V. "Evolução da Educação Cooperativista", in.: *O pensamento cooperativo e o cooperativismo brasileiro*. PINHO, Diva B. - manual de cooperativismo, v.III, CNPQ, 1982, p.232.

tiva. Em outros estados como Bahia e Santa Catarina, a criação destas entidades se deu com caráter obrigatório, em escolas oficiais.⁸

O decreto federal nº 22.239, de dezembro de 1932, regulamentou a organização e o funcionamento das cooperativas brasileiras, declarando no artigo 34, o seguinte:

*" as cooperativas escolares poderão se constituir nos estabelecimentos públicos ou particulares, de ensino primário, secundário, superior, técnico ou profissional, entre os respectivos alunos, por si ou com concurso de professores, pais, tutores ou pessoas que os representem, com o objetivo primordial de inculcar nos estudantes a idéia do cooperativismo e ministrar-lhes os conhecimentos práticos da organização e funcionamento de determinada modalidade cooperativa e, acessoriamente proporcionar-lhes as vantagens econômicas peculiares à modalidade referida."*⁹

A partir desta regulamentação houve na década de 40 e 60 uma significativa propagação das mesmas, chegando a existir em São Paulo cerca de 100 delas. O sistema paulista propunha que um professor seria designado para gerenciar a cooperativa, o que lhe renderia "pontos" a partir de sua atuação. Nesse sentido, tais "pontos" resultariam em estímulo para a operacionalização do cooperativismo, uma vez que o profissional que obtivesse melhores colocações concorreria a cargos mais altos. A supressão dos "pontos" desestimulou os professores, uma vez que suas carreiras se

8 - DRIMER & DRIMER, Op. Cit., p.158.

9 - NASCIMENTO, O. Op. Cit., p.232-233.

limitaram ao âmbito das escolas ou colégios em que atuavam.

No entanto, é possível perceber que, além do surgimento de um grande número de Cooperativas no Brasil, as escolares foram implantadas com as mais diversificadas propostas de funcionamento. Dentre estas pode-se citar as instituições do interior de São Paulo, cujos pais de alunos, ao se associarem, possibilitaram a manutenção de escolas privadas. Na década de 80, nesta mesma perspectiva, foram fundadas as cooperativas de ensino de Goiás. No Estado do Paraná, por sua vez, são encontradas cooperativas em que a associação de pais, alunos e professores têm como proposta a manutenção de escolas públicas.

A diversidade em que o cooperativismo de ensino se estrutura deve-se à conformidade de contextos e possibilidades específicas de cada região. Algumas preocupações devem ser colocadas, uma vez que há uma "descoberta" deste tipo de instituição, por se considerar a prática da cooperação como uma fórmula capaz de equacionar situações referentes ao ensino.

Um estudo, realizado por NASCIMENTO, apresenta as seguintes observações quanto às cooperativas de ensino, especialmente no caso da Bahia:

- a) *inadequação dos estatutos sociais*
- b) *dissociação total ou parcial das questões pedagógicas*
- c) *imediatismo das propostas*
- d) *ausência de conteúdo filosófico e doutrinário na maioria dos casos*

- e) forte componente político-ideológico, em oposição à neutralidade preconizada na lei
- f) inexistência de objetivos e metas a médio e longo prazo. ¹⁰

A partir destas considerações justificam-se as proposições delimitadas neste trabalho, ou seja, a verificação do funcionamento do cooperativismo de ensino, percebendo-se suas contradições na tentativa, por conseguinte, de se apresentar as possibilidades para seu melhor funcionamento.

No que concerne à penetração da cultura cooperativa no Brasil, a partir de instituições de ensino, percebe-se uma maior propagação a nível de terceiro grau. Alguns exemplos podem ser mencionados como o caso da FEA/USP - Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, que integra em seus cursos de pós-graduação (Mestrado e Doutorado) em Economia, há mais de dez anos, a disciplina *Cooperativismo*, bem como em cursos de graduação; criou ainda, um *Setor de Cooperativismo* no Centro Complementar do Departamento de Economia - IPE (Instituto de Pesquisas Econômicas).

Em alguns Estados brasileiros foram implantados, na última década, cursos de Tecnólogos em Cooperativismo. Tais Estados são: Minas Gerais (Viçosa), Rio Grande do Norte (Mossoró), Paraíba (Bananeiras), Mato Grosso (Cuibá), Paraná (Ponta Grossa),

10 - NASCIMENTO, Fernando R. in.: *Informativo Copergel*, Barreiras-BA, Cooperativa dos Produtores de Grãos dos Gerais Ltda, Setembro/1992, p.12.

Rio Grande do Sul (Santa Maria e Ijuí). Estes cursos são a nível de graduação, tendo uma duração de dois a três anos entre estudos teóricos e práticos.¹¹

Além dos cursos de Tecnólogos, outros cursos a nível de especialização em Cooperativismo podem ser mencionados: UNISINOS - Universidade do Vale dos Sinos, em São Leopoldo (Rio Grande do Sul) que oferece tal curso aos graduados em áreas como administração, contabilidade, economia, agronomia, dentre outros, cujo objetivo é complementar cooperativamente a formação de variadas categorias profissionais com aulas em fins de semana.

Em Goiânia (Goiás), esta mesma instituição, UNISINOS, em convênio com a OCG - Organização das Cooperativas do Estado de Goiás, oferece o curso de Administração em Cooperativas, destinado a graduados e vinculados ao Cooperativismo, cujo corpo docente é composto por profissionais da UNIJUI, UNISINOS, UFG, UCG e consultores independentes. O curso tem um total de 420 h, divididas pelos seguintes Módulos: I - Ciências Humanas, II - O Cooperativismo e Seu Desenvolvimento, III - Administração da Organização Econômica em Cooperativas, IV - Orientação Monográfica. Cada módulo é composto por disciplinas específicas, ministradas por especialistas com níveis de mestrado, doutorado e livre docência.

11 - Estes dados são referentes ao ano de 1982. (Cf. PINHO, Diva B. O pensamento cooperativo e o cooperativismo brasileiro - São Paulo, Manual de Cooperativismo, V. I, CNPQ, 1982, p. 127-128). No entanto, a OCB - Organização das Cooperativas do Brasil, não confirmou com precisão a existência ou continuidade dos mesmos.

Em Recife (Pernambuco), é encontrado um curso de Pós-Graduação a nível de Especialização em Associativismo, cujo objetivo é fomentar o cooperativismo, preparando profissionais que já tenham experiência nesta área. Este curso tem 390 horas/aula em sistema de módulos e elaboração de monografia. Seu corpo docente é composto por mestres, doutores e especialistas e as disciplinas são as seguintes: 1) Metodologia participativa; 2) Filosofia, Sociologia e Política da Educação, 3) Associativismo: Evolução X Realidade; 4) Antropologia Cultural; 5) Associativismo: Comunicação X Capacitação; 6) Cooperativismo: Teoria X Realidade; 7) Tipologia Cooperativista; 8) Desenvolvimento Rural; 8) Associativismo X Auto-Gestão; 9) Associativismo X Contabilidade; 9) Metodologia Científica; 10) Pesquisa Ação.

3 - GOIÁS: HISTÓRICO E CONJUNTURA

Na década de 70 o planejamento educacional torna-se responsabilidade do Estado, constituindo-se em um instrumento que procura assegurar a mão de obra qualificada para o mercado de trabalho. A política educacional - com auxílio do planejamento - começa a transformar o sistema educacional a fim de que ele cumpra todas as funções de reprodução necessárias à manutenção das relações de produção vigentes na sociedade. O Estado brasileiro abre o mercado interno a um processo de internacionalização da economia em que a área educacional, assumiria parte dos gastos da qualificação do trabalhador em benefício das empresas privadas

nacionais e multinacionais.

A nova concepção de educação beneficia a empresa privada de duas maneiras. Por um lado, ela é liberada da tarefa que anteriormente lhe cabia de formar, no trabalho, a força de trabalho de que necessitava, passando o Estado a assumir esta função. Por outro lado e, especialmente, o Estado também passa a ser responsável pelos gastos que esta tarefa implica. A educação é, nesse momento, instrumentalização para o trabalho. A Lei 5.692, segundo FREITAG ¹², procurará corrigir as inadequações do sistema do ensino médio anterior, face a uma realidade econômica, bem como à necessidade da reformulação do ensino superior, a fim de ajustar ideológica, estrutural e funcionalmente os três níveis de ensino. Assim é que o aspecto mais discutido dessa nova lei é o da profissionalização do ensino médio (Art.4§ 1 a 5, a Art.10). Para CUNHA, "*O ensino médio profissionalizante contraporá a liberalização formal do vestibular à efetiva contenção num degrau anterior*"¹³ .

As escolas públicas são levadas a assumir e a atender a vontade política em contraposição à vontade popular, que seria, esta última, uma escola comprometida com a qualidade do ensino, equipada com recursos físicos, humanos e materiais dignos e sufi-

12 - FREITAG, Bárbara, *Estado, Escola e Sociedade*. São Paulo, Moraes, 1980, p.93.

13 - CUNHA, Luis Antônio. *Política Educacional no Brasil*, p.19, *apud*, FREITAG, Bárbara, *op. cit.* p.95.

cientes. Porém, entra em grandes dificuldades tanto no aspecto material como em seus princípios filosófico-humanos, uma vez que os assuntos concernentes à educação nas ações governamentais passaram, nas últimas décadas, a plano secundário.

A escola privada também, em sua vida paralela à escola pública, assume a visão e a postura mercantilista, uma vez que é dirigida por empresários da educação. Nesse sentido, prevalece a quantidade de alunos sobre a qualidade do ensino.

Diante da crise vivenciada por estes dois tipos de ensino já existentes no Estado, emergem as Cooperativas de Ensino, cujo discurso se refere à superação desta situação.

Para situar o Estado de Goiás neste contexto, surge, na década de 80, a primeira Cooperativa de Ensino do Estado. Ela aparece, como " resposta à crise educacional vivenciada pelo país".¹⁴

O Cooperativismo de Ensino Goiano, atualmente, é caracterizado, em geral, por grupos de pais, cuja preocupação é assegurar a seus filhos uma educação de qualidade, a preços baixos. Desta forma, a partir da proposta de se associarem e assumirem a condição de proprietários da escola pela aquisição de cotas, há

14 - LIMA, M.Gasparina. *Cooperativas de Ensino em Goiás: em busca de uma nova escola.* Monografia do Curso de Especialização em Administração de Cooperativas, OCG/UCG, 1992, p.38.

a possibilidade de intervenção dos mesmos no que concerne à construção de uma escola. Ao constituírem uma cooperativa decidem desde a definição de orçamentos, estatutos, diagnóstico da realidade até a eleição de diretoria e, em alguns casos, a definição de aspectos pedagógicos, atribuições estas que serão analisadas posteriormente.

Segundo os cooperados das Cooperativas de Ensino em Goiás uma das dificuldades maiores refere-se à inexistência de sede própria por parte destas instituições. A maioria aluga um imóvel para o funcionamento da escola, segundo elas a preços exorbitantes. A realidade destas cooperativas é diversificada tanto no que concerne à estrutura e organização das mesmas, quanto em função da própria diversidade sócio-econômica e cultural deste Estado. No entanto, o Cooperativismo de Ensino em Goiás tem alcançado destaque a nível nacional, devido à sua grande criação em vários municípios e continuidade de funcionamento, questões estas que serão retomadas na análise deste trabalho.

A relação das cooperativas que compõem o segmento Ensino/Escola conforme classificação do órgão de representação das cooperativas no Estado de Goiás - Organização das Cooperativas do Estado de Goiás - (O.C. G.), realizada no ano de 1992, é a seguinte:

- Segmento: EA Escola/Ensino - Escola¹⁵

COETAGRI/Rio Verde - Coop. Escola dos Alunos da Escola Agrotécnica Federal de Rio Verde Ltda.

COETAGRI/Urutaí - Coop. Escola dos Alunos da Escola Agrotécnica Federal de Urutaí Ltda.

- Segmento: EB Escola/Ensino - Ensino¹⁶

CEQ - Coop. de Ensino de Quirinópolis Ltda

CEP - Coop. de Ensino de Pontalina Ltda

COOPEN - Coop. de Ensino de Rio Verde Ltda

COOPECIGO - Coop. de Ensino de Goiás Ltda

CEI - Coop. de Ensino de Itumbiara Ltda

COENA - Coop. de Ensino de Acreúna Ltda

CEDEL - Coop. Educacional de Edéia Ltda

COENJA - Coop. de Ensino de Jaraguá Ltda

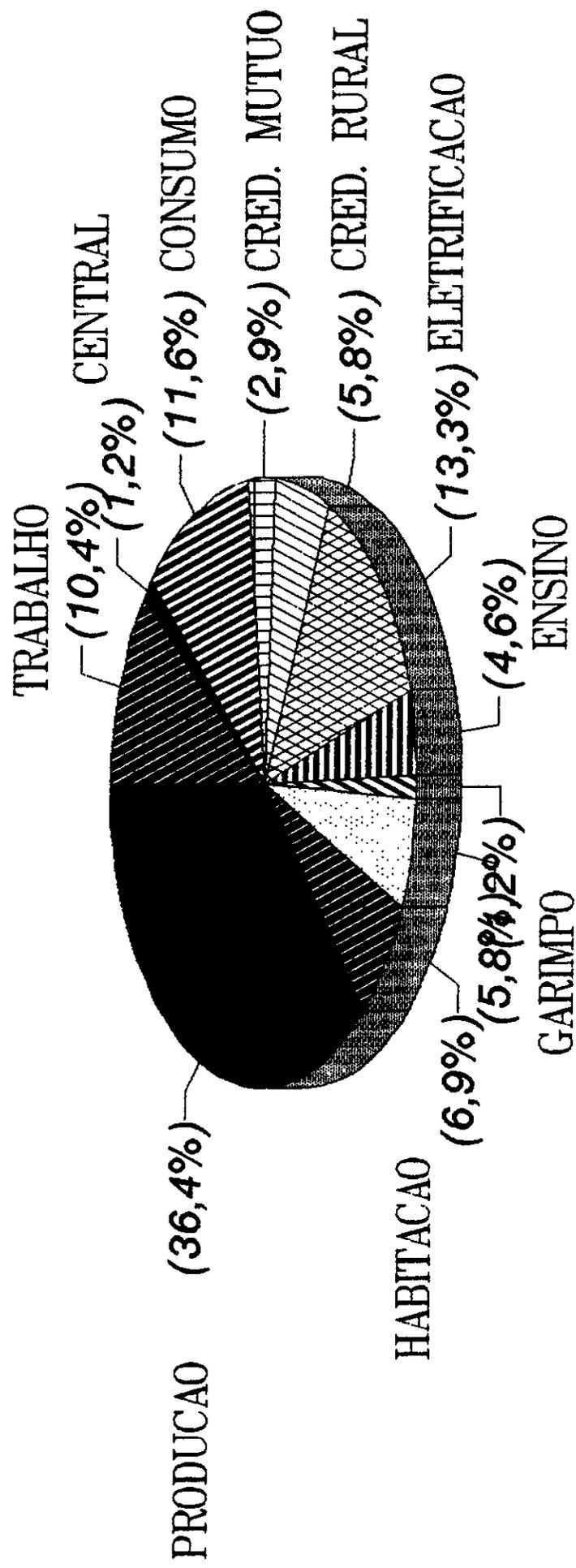
CEFUNBB-GO - Coop. de Ensino dos Func. do Banco do Brasil Ltda. (Goiânia)

O Cooperativismo Escolar e de Ensino constitui 5,8% das cooperativas filiadas à O.C.G., conforme o Quadro Demonstrativo I a seguir:

15 - A sigla EA refere-se às Cooperativas-Escolas que são formadas por alunos e estão ligadas às Escolas Agrotécnicas Federais, que, em Goiás, ficam em Rio Verde e Urutaí; são reconhecidas pelo Ministério da Educação, têm apoio financeiro em seus projetos e se constituem em instrumento de viabilização dessas Escolas.

16 - A sigla EB refere-se às Cooperativas de Ensino que são instituições constituídas a partir da associação de pais, no caso específico de Goiás, embora, em alguns Estados, são encontradas situações onde os professores também são cooperados. O intuito destas é manter uma escola. No caso, cada pai adquire o direito de proprietário através da aquisição de cotas. Cada criança necessita de uma cota para estudar na escola, e as mensalidades são resultantes do rateio de todas as despesas referentes à escola.

QUADRO ATUAL DAS COOPERATIVAS FILIADAS A O.C.G.



Fonte Interna: O.C.G.

A primeira Cooperativa de Ensino foi fundada em Itumbiara, em 1988, - Cooperativa de Ensino de Itumbiara Ltda - **CEI**, como mantenedora¹⁷ do Colégio Cora Coralina. No ano de 1989 ocorreu a maior proliferação destas Cooperativas, a saber: **CEQ** - Cooperativa de Ensino de Quirinópolis Ltda - mantenedora do Colégio Educacional de Quirinópolis; **COOPECIGO** - Cooperativa de Ensino de Goiás Ltda - mantenedora do Colégio Alternativo; **COOPEN** - Cooperativa de Ensino de Rio Verde Ltda - mantenedora do Colégio São Tomás; **COENA** - Cooperativa de Ensino de Acreúna Ltda - mantenedora do Colégio São Benedito, e, finalmente, naquele ano, fundou-se a **CEP** - Cooperativa de Ensino de Pontalina Ltda - mantenedora do Colégio Integração.

Em 1990, em Edéia, fundou-se a **CEDEL** - Cooperativa Educacional de Edéia Ltda - mantendo o Colégio Cooperativa de Edéia. Em 1991, em Jaraguá, fundou-se a **CENJA** - Cooperativa de Ensino de Jaraguá Ltda - que mantém o Educandário Genius. Por último, no ano de 1991, é fundada em Goiânia uma Cooperativa de Ensino, a **CEFUNBB - GO** - Cooperativa de Ensino dos Funcionários do Banco do Brasil Ltda - que vai manter o Colégio São Paulo. **CEFUNBB - GO** foi o seu nome de fundação, restrita, na época, aos filhos de funcionários do Banco do Brasil. A partir de 1993, houve uma abertura da **CEFUNBB - GO** para a comunidade, quando a Cooperativa assumiu o nome de **COOPENSINO** - Cooperativa de Ensino de Goiânia

17 - As Cooperativas de Ensino são constituídas por cooperados que, ao ratearem as despesas de uma instituição educacional, tornam a Cooperativa mantenedora da mesma.

Ltda, tema a ser abordado no próximo item .

Para melhor compreensão deste histórico, é apresentado o Quadro Demonstrativo II, cuja elaboração foi produto de uma pesquisa executada por LIMA¹⁸:

18 - LIMA, M. Gasparina. Op.Cit. 1992, p.42.

QUADRO DEMONSTRATIVO DAS COOPERATIVAS DE ENSINO NO ESTADO DE GOIAS

ESCOLA	FUNCAO- MENTO	Nº DE ALUNOS										INFORMACOES 1992										Nº ASSOCI- ADOS		
		MATRICULAS EFETUADAS										FORMACAO DOS PROFESSORES												
		1988	1989	1990	1991	1992	JD	PRE	1º G	2º G	3º G	JD	P	1º G	2º G	3º G	INC	COMP	P	M	S		SIM	NAO
A	1988	81	118	146	158	249	---	---	138	81	---	---	15	16	4	1	16	11	1				X	318
B	1988	---	339	327	304	225	---	39	136	38	---	18	11	---	11	21	---	---	---	---		X	376	
C	1988	---	52	181	158	136	---	---	74	63	---	14	16	4	7	11	---	---	---	---		X	230	
D	1988	---	172	207	385	460	28	49	223	111	---	6	17	6	7	11	10	---	---	---		X	509	
E	1988	---	168	146	158	110	20	19	81	---	3	10	---	4	2	6	1	---	---	X			125	
F	1988	---	178	137	137	262	---	---	178	91	---	15	9	7	4	7	---	---	---	---	X		230	
G	1989	---	---	112	191	211	12	19	144	39	---	2	15	9	8	3	8	1	---	---	X		150	
H	1981	---	---	---	186	122	6	6	86	10	---	2	9	6	7	3	4	3	---	---		X	160	
I	1991	---	---	---	---	562	45	59	436	---	6	22	---	---	6	22	5	2	---	---		X	300	
TOTAL		81	1027	1265	1802	2301	113	183	1494	433	22	135	81	40	44	106	31	3	3	3	6		2397	

FONTE: Secretaria das Escolas das Cooperativas de ensino.

LEGENDA:

- A - Cooperativa de Ensino de Itumbiara (CEI) - Colegio Cora coralina
- B - Cooperativa de Ensino de Quirinopolis (CEQ) - Colegio Educacional de Quirinopolis
- C - Cooperativa de Ensino da Cidade de Goias (COOPECIGO) - Colegio Alternativo
- D - Cooperativa de Ensino de Rio Verde (COOPEN) - Colegio Sao Tomas
- E - Cooperativa de Ensino de Acreuna (COENA) - Colegio Sao Benedito
- F - Cooperativa de Ensino de Pontalina (CEP) - Colegio Integracao
- G - Cooperativa de Ensino de Edéia (CEDEL) - Colegio Cooperativa Educacional de Edéia
- H - Cooperativa de Ensino de Jaragua (CENJA) - Educandario Genius
- I - Cooperativa de Ensino dos Funcionarios do Banco do Brasil (CEFUNBB-GO) - Colegio Sao Paulo

O segmento de ensino referente ao cooperativismo em Goiás é relativamente novo, ou seja, sua trajetória tem seis anos, desde o surgimento de sua primeira cooperativa, que foi em Itumbiara no ano de 1988. Assim sendo, não existe, ainda, a elaboração de documentos oficiais como publicação de artigos, livros, manuais que se refiram ao histórico e demais informações sobre tais instituições.

A coletânea de material para este estudo foi conseguida, portanto, pelo estudo e análise de monografias, informativos, textos, folders e dados da O.C.G, além de informações obtidas mediante convivência com profissionais vinculados a estas cooperativas, ou seja, principalmente pela própria experiência profissional na área de cooperativismo. No entanto, é importante ressaltar que em Goiás é encontrada uma instituição, O.C.G., dentre as poucas no Brasil, que prepara recursos humanos para atuar nesta área. Pretende-se, por conseguinte, que este estudo contribua efetivamente para a reflexão do cooperativismo de ensino goiano.

4. COOPERATIVA DE ENSINO DE GOIÂNIA - COOPENSINO

4.1 - Histórico

Conforme já citado, a COOPENSINO foi criada em Goiânia, em 1991, a partir da iniciativa de funcionários do Banco do Bra-

sil, os quais foram seus primeiros cooperados.

Reuniram-se em Assembléia no dia primeiro de outubro de 1991, às 18 horas no auditório da Agência Centro do Banco do Brasil - S/A, nesta capital. Nesta ocasião, 63 destes funcionários elegeram a primeira diretoria da CEFUNBB - GO - Cooperativa dos Funcionários do Banco do Brasil do Estado de Goiás, estabelecendo que a clientela desta Cooperativa de Ensino ficaria restrita aos filhos de funcionários do Banco do Brasil.

Os cooperados adquiriram cotas, independente de terem filhos na escola, constituindo, desta forma, o capital da cooperativa. Entretanto, não participariam dos rateios mensais da escola, que seriam de responsabilidade dos que têm filhos na mesma.

O contexto em que se configurou o surgimento desta Cooperativa de Ensino, em uma capital como Goiânia, justificou-se, na época, pela preocupação com o custo do ensino privado, num momento em que o país apresentava reflexos de sua crise econômica. Embora tenha sido fundada por uma instituição como o Banco do Brasil, que já remunerou melhor seus funcionários em outros períodos do que outros bancos, a CEFUNBB - GO teve como finalidade assegurar a seus cooperados a redução de custos com a educação dos filhos, mas também tendo como meta a busca de um ensino menos

massificante.¹⁹

A CEFUNBB - GO foi fundada em 1991 e o Colégio Cooperativista São Paulo, nome dado à escola mantida por esta cooperativa, em 1992. A Autorização de Funcionamento da escola pelo Conselho Estadual de Educação foi dada através da Resolução nº 101 de 12/06/92.

A escola iniciou suas atividades em um prédio alugado, sito à Rua C-136, nº 681, Jardim América, Goiânia-Goiás, que foi construído para atender alunos do ensino fundamental. As suas salas de aula, por sua vez, são relativamente pequenas, algumas com capacidade para comportar no máximo 30 (trinta) alunos, sendo que a maioria não comporta esta quantidade.

Inicialmente a escola funcionou em três turnos, sendo que o noturno foi planejado para o funcionamento de cursos profissionalizantes e cursos de línguas. Entretanto, tais cursos não continuaram por não conseguirem se manter economicamente e portanto, foram extintos.

A sua localização, sendo no Jardim América, bairro de Goiânia em que vivem muitas pessoas de classe média, interveio e intervém, na caracterização de sua clientela.

19 - JORNAL COOPENSINO. Goiânia, Ano I, nº 1, Junho - 1993, p.1.

Os dirigentes da cooperativa e da escola perceberam, já no primeiro ano de funcionamento, a necessidade de ampliar seu quadro social, ou seja, que, restringir a clientela a filhos de funcionários do Banco do Brasil inviabilizaria a manutenção da escola, já que suas despesas estavam sendo rateadas apenas por um grupo restrito de cooperados. Assim sendo foi que, no início de 1993, a CE/FUNBB-GO, abriu suas portas à comunidade, passando legalmente em meados deste mesmo ano, a utilizar o nome de COOPENSINO - Cooperativa de Ensino de Goiânia - Ltda.

Outros detalhes do histórico serão resgatados a partir da análise da COOPENSINO, assunto a ser abordado posteriormente nesta dissertação.

4.2 - Estrutura e Funcionamento

4.2.1 - Espaço Físico

A COOPENSINO funciona atualmente em um estabelecimento que não atende às suas necessidades pedagógicas. No entanto, já houve um avanço quanto à resolução desta questão, uma vez que foi adquirido o terreno onde será construída sua sede, devidamente planejada para o pleno funcionamento de uma escola.

A atual sede apresenta uma área de 468,00 m², sendo de 443,46m² a área construída. O prédio, como já foi dito, foi construído apenas para o funcionamento de 1ª à 4ª séries do ensino

fundamental e, no entanto, atende também da 5ª a 8ª séries do mesmo ensino, bem como a pré-escola. Para tanto, algumas adaptações foram realizadas, inclusive para o próprio funcionamento da cooperativa que é também neste prédio.

O prédio apresenta dois pavimentos, sendo o pavimento superior com uma área de $209,63\text{m}^2$ e o inferior com área de $233,8\text{m}^2$. O pavimento inferior é composto por: sala de espera, sala de coordenação pedagógica, diretoria, secretaria, variando as salas de $6,00$ a $13,65\text{m}^2$; o pátio para recreação com $4,55 \times 24,70\text{m}$, a biblioteca com $30,00\text{m}^2$, cinco salas de aula com área média de $25,00\text{m}^2$, além disso mais quadra para esportes, cantina, área coberta para reuniões e festividades, três banheiros, sendo dois para alunos e um para administração. No pavimento superior, encontram-se uma sala para professores com área de $9,00\text{m}^2$, seis salas de aula que variam de $25,00$ a $35,00 \text{m}^2$ de área e mais dois banheiros para alunos.

As salas de aula não possuem as mesmas dimensões e, em alguns casos, como já foi mencionado, tornaram-se insuficientes para comportar o número de alunos atendidos na escola, no momento.

As cadeiras são de dois modelos: um para a pré-escola até a 2ª série do ensino fundamental, em tamanho pequeno, adaptado à criança, com mesas também pequenas e de fórmica; a partir

da 3ª série, são utilizadas carteiras de madeira convencionais, com apoio para o braço e guarda-material sob o assento. Este tipo de carteira facilita a disposição das mesmas em sala, uma vez que a proposta da escola é de que as atividades se desenvolvessem a partir da formação de grupos pequenos ou em um grande círculo, possibilitando melhor locomoção das mesmas e maiores interações.

Em termos de área, a biblioteca poderia ser um espaço adequado para o funcionamento da mesma, no que concerne à distribuição de prateleiras para livros e mesas de estudo. No entanto, no ano de 93, primeiro ano de sua implantação, ela funcionou com serviços de mecanografia da escola, como local para se guardar materiais diversos, produzidos por alunos, bem como um local para se guardar materiais utilizados em educação física, dentre outros. Portanto, o espaço tornou-se inviável para uma biblioteca.

4.2.2 - Quadro Funcional

4.2.2.1 - Organização

A COOPENSINO apresenta, atualmente, a seguinte organização, prevista em seu Regimento Escolar aprovado pelo Conselho Estadual de Educação mediante a Resolução nº 615 de 30/08/93:

Organização Administrativa:

- Conselho Administrativo e Pedagógico - 11 membros, compostos por cooperados eleitos em Assembléia;
- Círculo de Pais - aberto a todos os pais cooperados da escola;
- Direção - 01 membro;
- Secretaria Escola - 01 secretária geral;
- Serviços auxiliares - 03 assistentes de secretaria.

Serviço Técnico - Pedagógico:

- Coordenação Pedagógica:

01 coordenador de Educação Pré-Escolar

01 coordenador do Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série

01 coordenador de Ensino Fundamental de 5ª a 8ª

01 coordenador de Ensino Médio - Este cargo já consta no Regimento Escolar da COOPENSINO, mas ainda não foi preenchido, uma vez que a implantação do 2º grau, na instituição, dar-se-á somente a partir de 1995.

01 técnico em cooperativismo - Tal cargo não se encontra no Regimento Escolar da COOPENSINO, pois o mesmo é compatível com o das demais escolas. No entanto, por ser um cargo específico em cooperativas, o mesmo já existe nesta instituição e é exercido por esta pesquisadora.

- Coordenação de Área - As coordenações serão definidas a partir da implantação do 2º Grau, no ano de 1995 e serão compostos por professores das respectivas áreas.

- 01 coordenador - Ciências Exatas
- 01 coordenador - Comunicação e Expressão
- 01 coordenador - Estudos Sociais
- 01 coordenador - Ciências Biológicas

- Serviço de Psicologia Escolar:

01 psicólogo

- Auxiliar de Disciplina:

02 auxiliares

- Corpo docente:

26 professores - Houve enxugamento do quadro, que era, no início do ano de 1993, composto por 34 professores, no final por 26 e em 1994 compõe-se de 18.

Serviços Gerais:

- 05 encarregados de limpeza
- 01 porteiro
- 01 responsável pela cantina
- 01 vigilante

Assim é o quadro funcional previsto no Regimento Escolar. Entretanto, no ano de 1994, devido ao não funcionamento do turno vespertino, houve a diminuição de funcionários. Hoje o coordenador pedagógico atende da 1ª à 8ª séries. Ocorreu também a redução de auxiliares de disciplina e encarregados de limpeza.

4.2.2.2 - Características do Quadro Funcional

Os funcionários da COOPENSINO são selecionados a partir de entrevista realizada pela direção, coordenação pedagógica e serviço de psicologia, bem como através de prova didática e escrita, tendo como critério o preenchimento dos requisitos mediante a análise de currículos (habilitação, formação e experiência profissional, para o cargo a que se propõem). No caso da seleção de professores e coordenadores, esta tarefa se torna ainda mais rigorosa, uma vez que tais profissionais deverão estar em sintonia com a questão filosófica da escola, a qual procura adotar princípios da abordagem construtivista,²⁰ sobretudo a piagetiana, além de a escola estar em busca de uma prática que se volte mais para os preceitos cooperativistas.

Em 1993, dos 26 (vinte e seis) professores da escola, 05 (cinco) eram do sexo masculino e 21 (vinte e um) do sexo femini-

20 - Segundo MIZUKAMI, " o construtivismo interacionista *"apóia-se em teses de Piaget: Toda gênese parte de uma estrutura e chega a uma estrutura. (1967c, p.136) Toda estrutura tem uma gênese. (1967c, p.138) e analogamente não há gênese sem estrutura"*. Continuando ela diz: *" Construir na teoria piagetiana, implica tornar as estruturas do comportamento - quer sejam elas motoras, verbais ou mentais - mais complexas, mais móveis, mais estáveis. Criar implica realizar novas combinações. A criatividade, pois pode ser realizada tanto no aspecto sensório-motor quanto no verbal e no mental.* A autora afirma ainda que *"para os epistemólogos genéticos, conhecimento é considerado como uma construção contínua. A passagem de um estado de desenvolvimento para o seguinte é sempre caracterizada por formação de novas estruturas que não existiam anteriormente no indivíduo"* .(Cf.MIZUKAMI, M.G. Nicoletti. *Ensino: As abordagens do Processo*. São Paulo, E.P.U. 1986. p. 63, 65, 66). Para BANKS, na perspectiva construtivista, é preciso *" explicar aparecimento de inovações, mudanças e transformações de ordem qualitativa que surgem no decorrer do desenvolvimento e os mecanismos responsáveis por esta evolução."*(Cf.BANKS, Luci. *As dimensões interacionista e construtivista em Vygotsky e Piaget*. in.: *Pensamento e Linguagem - Estudos na perspectiva da psicologia soviética*. São Paulo, Cadernos CEDES, nº24, 1991, p.28). Segundo GROSSI *o construtivismo inaugura a valorização do agir de quem aprende como elemento central para compreender algo...a ação que produz conhecimento é a ação de resolver problemas."*(Cf.GROSSI, Ester P. *Construtivismo: Um Fenômeno deste Século*, in.: *Paixão de Aprender*, Petrópolis, Vozes, 1992, p.43).

no.²¹ Sua faixa etária variava entre 21 a 45 anos. A qualificação acadêmica deste corpo docente é a seguinte: 7 estão em fase de graduação, 4 não possuem curso superior, porém o magistério, 15 são graduados e 4 são pós-graduados. Todos os professores quando contratados pela escola já possuíam experiência profissional em educação, à exceção do professor de Cooperativismo e Ensino Religioso que possuía, entretanto, experiências em educação não formal (trabalhos com meninos de rua, evangelização etc.). Os graduados o eram nas seguintes áreas: pedagogia, letras, história, geografia, educação física, ciências biológicas, matemática, e os pós-graduados são basicamente os da área de pedagogia e geografia. A diretoria e todas as coordenações possuíam, por sua vez, habilitações específicas para o cargo, ou seja, cursos de pedagogia com especializações em supervisão escolar, psicopedagogia, pré-alfabetização, além de experiência nas respectivas áreas educacionais.

Na COOPENSINO, o serviço de psicologia escolar surgiu a partir da iniciativa de algumas alunas do curso de Psicologia da Universidade Católica de Goiás, no ano de 1992, primeiro ano de funcionamento da escola, que se prontificaram a realizar um trabalho de diagnóstico para implantação deste serviço na mesma. Desta forma é que elaboraram uma proposta para tal serviço, de acordo com as necessidades da instituição. A partir do ano de -----

21 - A maioria dos dados apresentados neste trabalho foram coletados no ano de 1993.

1993, implantou-se tal área na escola com a contratação de uma das profissionais que trabalhou na elaboração da proposta. A área de psicologia escolar já existe no Regimento Escolar da COOPENSINO, e se destina ao atendimento de alunos, professores, coordenadores e pais/cooperados. Trata-se de um trabalho cujo objetivo é a melhoria de condições de relacionamentos no contexto educacional.

A administração da COOPENSINO está preparando atualmente um plano de cargos e salários, o qual possibilitará uma melhor organização e seleção do seu quadro funcional.

A COOPENSINO preocupa-se também em reciclar seus professores oferecendo, para isto, oportunidades (tanto na liberação das atividades como no financiamento dos cursos) a fim de que os mesmos façam tais reciclagens nesta capital (FE/UFG, UCG, OCG) além de outros, em cidades fora do Estado, como Brasília - DF (Centro de Treinamento Educacional), São Paulo - SP (Escola da Vila). Os cursos oferecidos tiveram como temas: a psicopedagogia, construtivismo, linguagem, matemática, cooperativismo, significado do brinquedo, dentre outros. O critério adotado para a realização da reciclagem é o assunto do curso com a área do professor, bem como a necessidade do mesmo. Procura-se atentar para que as oportunidades de realização destes cursos sejam estendidas a todos. Esporadicamente são trazidos à escola profissionais da área de educação para abordarem temas relacionados às necessidades como, por exemplo, o papel do brinquedo na escola, a linguagem e

os significados, o ensino da matemática, etc.

Uma outra forma de reciclagem que a escola oferece aos professores são os intercâmbios pedagógicos que ocorrem mensalmente entre os mesmos e a equipe técnico-pedagógica da COOPENSINO. Às vezes são convidados outros profissionais da área de educação para que possam contribuir. Nestas reuniões os professores e coordenadores discorrem sobre o seu trabalho, suas experiências e dificuldades e, a partir daí, recebem críticas e contribuições para suas atividades. Assim são discutidas desde questões voltadas para as relações humanas, às questões mais intrínsecas da sala de aula.

4.2.3 - Funcionamento

A COOPENSINO, possuía no ano de 1993, a seguinte estrutura de funcionamento no que concerne aos períodos de aula (Quadro Demonstrativo III):

QUADRO III

FUNCIONAMENTO DE AULAS DA COOPENSINO - 1993

FASE	MATUTINO	VESPERTINO
1ª fase	7:00 às 11:30 h	13:00 às 17:30 h
2ª fase	7:00 às 12:10 h	13:00 às 18:10 h

Mediante este quadro pode-se observar que tanto a 1ª fase quanto a 2ª fase funcionavam em ambos períodos (matutino e vespertino). Tal fato gerou problemas na escola com relação à presença de crianças menores junto às maiores e adolescentes. Para solucionar, em parte, esta questão, adotou-se horários variados de recreios. O período de aula da 1ª fase foi de 4 horas e meia e o da 2ª fase é de 5 horas e 10 minutos.

Para a visualização da distribuição de alunos por sala de aula bem como, o número de turmas que compõem a COOPENSINO, apresenta-se o Quadro Demonstrativo IV:

QUADRO IV - DISTRIBUIÇÃO DE ALUNOS DA COOPENSINO

SÉRIE	N. DE ALUNOS		TOTAL DE ALUNOS
	MATUTINO	VESPERTINO	
	(Turmas A) *	(Turmas B)	
Jardim I	-	15	15
Jardim II	-	18	18
Pré	17	13	30
1ª	16	14	30
2ª	20	23	43
3ª	20	15	35
4ª	24	10	34
5ª	31	19	50
6ª	34	14	48
7ª	29	14	43
8ª A	21		37
8ª B	16	-	
TOTA DE ALUNOS/TURNO	228		155
TOTAL GERAL			383

Fonte : Secretaria COOPENSINO outubro/93

Por este quadro percebe-se que houve mais alunos matriculados no turno matutino (228 alunos) que no vespertino (155 alunos).

* No período matutino, todas as turmas receberam a denominação de Turma A, à exceção de uma turma de 8ª série que denominou-se B. As turmas do vespertino receberam a denominação de turmas B.

Todos os funcionários, incluindo professores e coordenadores utilizam o relógio de ponto, além de assinarem lista de presença. Este controle foi feito até ao presente momento pela secretaria da escola e repassado para a cooperativa para cálculos de salários. No entanto, com a atual administração, prevê-se a abolição do relógio, ficando apenas a lista de frequência.

Outra alteração foi quanto à unificação das secretarias da cooperativa e da escola. Na primeira tratava-se de assuntos referentes aos cooperados e na segunda os que se referiam especificamente aos alunos. Previu-se, com esta unificação, facilitar os trabalhos, já que tais assuntos estão interligados.

O sistema que anuncia o início, mudança de disciplinas, recreio e término das aulas, é o da campainha. Os alunos vão diretamente para a sala de aula. Não há recomendações quanto à forma como cada professor deverá iniciar sua aula.

Como o trabalho pedagógico da escola se propõe adotar princípios construtivistas, há um incentivo e/ou exigência por parte de coordenadores de que a tarefa docente seja criativa, com a utilização de materiais didáticos alternativos, tais como sucatas a serem utilizadas pelos alunos na produção de maquetes para estudos de ciências, dentre outros. Entretanto, há na escola, também, materiais já tradicionalmente conhecidos (mapas, globo,

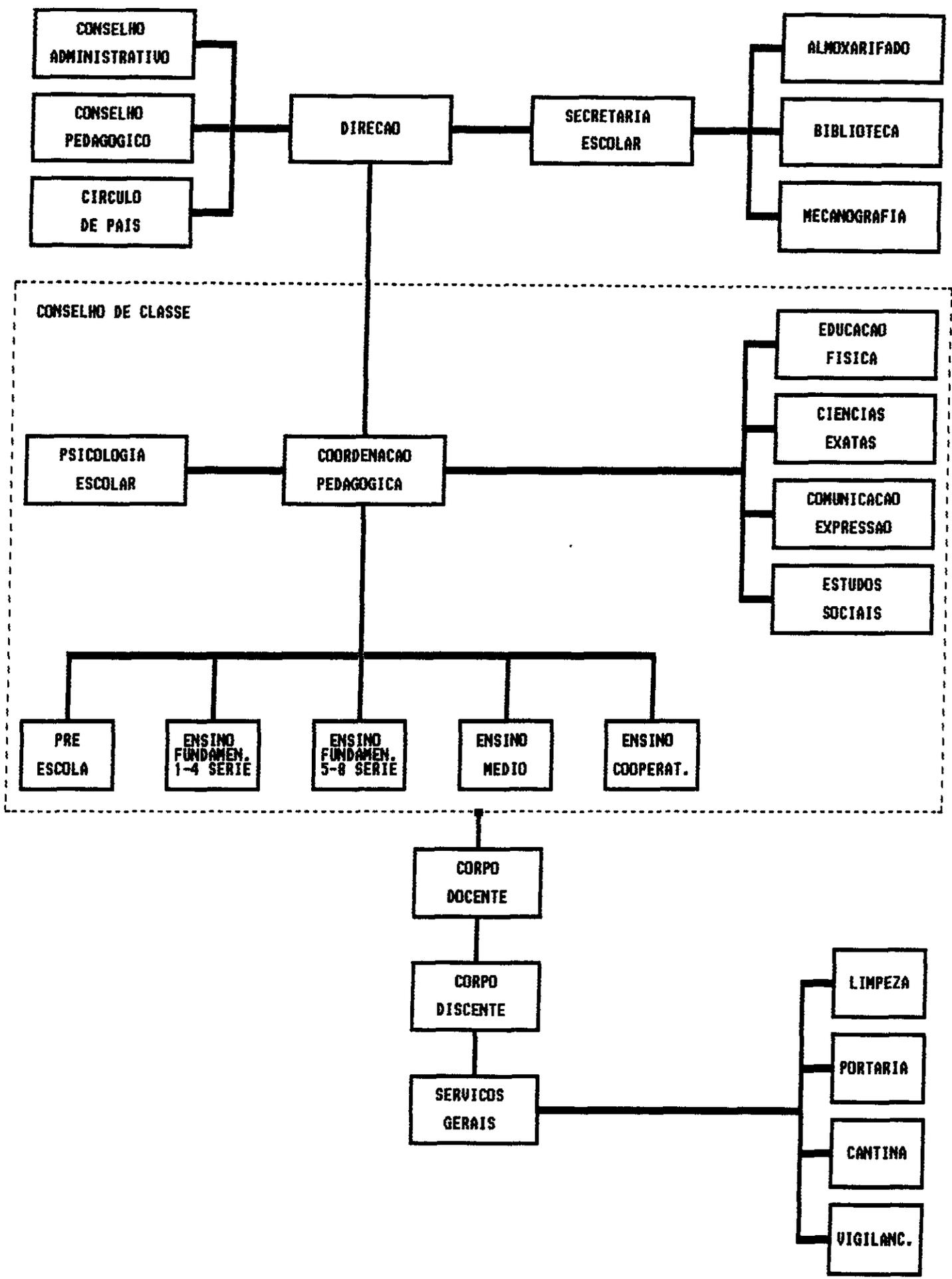
album seriado, vídeo, TV, etc).

4.2.4 - Organograma

A seguir, apresenta-se o organograma atual da COOPENSINO, o qual foi elaborado a partir do estudo de documentos da escola, tais como Regimento Escolar²² e, ainda, a partir de um trabalho realizado por CAMPOS²³. A aprovação deste organograma está sendo estudada pela equipe técnico-pedagógica e posteriormente constará como um dos documentos oficiais da COOPENSINO.

22 - Regimento Escolar Colégio Cooperativista São Paulo, COOPENSINO - Cooperativa de Ensino de Goiânia - Ltda, 1994.

23 - CAMPOS, Kátia D. et alii . Relatório de Uma Observação - Diagnóstico na Área Escolar. Relatório de Psicologia Escolar, UCG, 1992, p.12.



Convém ressaltar aqui, conforme já salientado, que o círculo de pais e mestres será implantado neste ano; que o conselho administrativo e pedagógico passa, no momento, por um reexame; e que as coordenações de área ainda não estão em funcionamento. Como não houve na escola a implantação do ensino médio, previsto para 1995, também não há um coordenador para esta área.

A disciplina cooperativismo foi ministrada no início do ano de 1993, mas somente neste ano é que está sendo lecionada de forma legal e com sua inclusão na grade curricular. Além disto, foram realizadas atividades relacionadas ao cooperativismo junto aos coordenadores, professores, cooperados, alunos e funcionários, trabalho este apresentado em detalhes no Capítulo III desta dissertação.

4.3 - Quadro discente

A clientela que predomina na COOPENSINO é constituída, em sua maioria, por filhos de funcionários do Banco do Brasil, embora, conforme já explicitado, a cooperativa foi aberta, no ano de 1993, para o atendimento à comunidade. Este último tipo de clientela compõe-se de filhos de bancários de outras instituições e, ainda, uma minoria de alunos cujos pais pertencem à outras categorias profissionais, tais como: profissionais liberais, comerciantes, pessoas ligadas à educação como professores universitários. Estas categorias foram assim explicitadas pela diretora

da COOPENSINO²⁴: "*peçoas de maior visão (sic) quanto aos aspectos sócio-culturais, diferindo, neste sentido, da categoria de bancários*".

Nota-se, no entanto, uma homogeneidade desta clientela no que concerne aos aspectos sócio-econômicos, já que faz parte, em sua maioria, da classe média. Percebe-se, todavia, uma competição por parte de cooperados, que por serem provenientes de uma instituição como Banco do Brasil, a qual usufruiu, por muitos anos, de prestígio e status, na tentativa de diferenciar-se dos demais cooperados. Ou ainda, de tais bancários tentarem maior autonomia na cooperativa, por serem membros fundadores e por quererem ter privilégios e maiores direitos na condução da escola. Tais situações têm sido repensadas pela escola, já que se trata de uma cooperativa, e, como tal, propõe-se igualdade de tratamento para todos os cooperados.

As matrículas e transferências dos alunos, desde a sua fundação até o ano de 1993, estão apresentadas no Quadro Demonstrativo V:

24 - Entrevista informal realizada em dezembro de 1993 para a caracterização da clientela da escola.

QUADRO V

MATRICULAS E TRANSFERÊNCIAS DOS ALUNOS DA COOPENSINO

ANO	MATRICULAS	TRANSFERÊNCIAS	TOTAL
1992	589	260	329
1993	434	60	383

Fonte: Secretaria da COOPENSINO novembro /93.

É importante ressaltar que, no primeiro ano de funcionamento da escola, houve a saída dos alunos da 8ª série, uma vez que inexistia o 2º grau nesta instituição. A autorização do funcionamento do 2º grau já foi aprovada pelo Conselho Estadual de Educação e aguarda-se, para sua implantação, apenas a transferência para a sede própria.

Não há estudos da causa das transferências ocorridas no ano de 1992. A hipótese levantada para esta situação foi a abertura da escola à comunidade, que poderia ter desagradado aos cooperados funcionários do Banco do Brasil, que gostariam de ser os únicos cooperados desta escola. As transferências do ano de 1993, por sua vez, deveram-se, ao fato do anúncio de mudança de sede, uma vez que os alunos residentes próximo ao local da escola não se interessaram pela mudança da mesma. Outro dado que justifica estas transferências refere-se à mudança de presidência da cooperativa, cuja transição foi, de certa forma, polêmica para os coo-

perados no que diz respeito aos aspectos administrativos e não aos pedagógicos propriamente ditos. Isto devido à renúncia da presidência e resistências por parte de alguns cooperados à nova diretoria que, por sua vez, encontrou muitas dificuldades no sentido de reorganizar a estrutura administrativa naquele momento. Este fato gerou insegurança e insatisfação em alguns cooperados, que preferiram mudar seus filhos de escola.

4.4 - Proposta Pedagógica e Materiais de Ensino-Aprendizagem

As Cooperativas de Ensino, de forma geral, não possuem uma proposta pedagógica específica para este tipo de instituição. Assim, há a ausência de uma proposta voltada para o ensino cooperativista, nestas instituições.

O caso da COOPENSINO não é diferente. Sua proposta é compatível com as das demais escolas do sistema de ensino, com a exceção de que há a preocupação na implementação de princípios do cooperativismo, trabalho, no momento, realizado por esta pesquisadora, bem como na introdução, neste ano, da disciplina Cooperativismo.

Embora esta cooperativa seja constituída por profissionais especializados na área de educação, ainda não foi esboçada oficialmente a sua proposta pedagógica. Este trabalho encontra-se em fase de elaboração.

Um dos aspectos da proposta metodológica atual da COOPENSINO foi apresentada em seu jornal periódico, da seguinte forma:

*" oferecer aos estudantes a oportunidade de entrarem em contato com o saber elaborado, de forma crítica e ativa, buscando reconstruir o conhecimento a partir de observações, experimentações e conclusões diferenciadas."*²⁵

Ainda neste informativo destacam-se algumas propostas das quais é importante ressaltar:

a) acompanhar o desenvolvimento do País e do Mundo, especialmente nos aspectos intelectual e moral, atualizando-se permanentemente, de modo a colocar-se como elemento essencial de trabalho educativo e instrumento modificador da sociedade.

b) priorizar o trabalho solidário e cooperativo, sob uma visão democrática e humanística;

*c) buscar uma perspectiva dialética de construção de conhecimentos, ou seja, focar o conhecimento não como algo fechado e acabado, mas como processo que se constrói e se transforma no fazer cotidiano do próprio homem.*²⁶

Sob tais argumentações, a COOPENSINO propõe que os alunos trabalhem não apenas com os materiais didáticos tradicionalmente conhecidos, como já citado, bem como investiguem formas alternativas para que haja melhor apreendizagem. No entanto, é uma escola que se propõe ainda acompanhar as mudanças tecnológicas e

25 - JORNAL COOPENSINO. Op. Cit. 1993, p.2.

26 - Idem, ibidem. p.1.

científicas, sendo os alunos também estimuladores neste processo.

Através da biblioteca, ou seja, da utilização de seu acervo, do devido estímulo à leitura, bem como da aquisição de livros, intercâmbios de leituras, contadores de histórias e passaporte de leituras, a escola objetiva este contato do educando com o mundo real e ainda com o imaginário, fornecendo-lhes subsídios à sua informação e formação. A biblioteca não possui ainda o registro de seu acervo, sendo o mesmo composto basicamente por livros didáticos e paradidáticos, os quais foram, em sua maioria, doações de professores, cooperados e alunos. Para este ano, prevê-se a contratação de uma bibliotecária, por entender-se da importância deste serviço na escola.

Os serviços de mecanografia oferecem a oportunidade de produzir, na própria escola, o material necessário para as atividades pedagógicas. Cada professor elabora seu material, procurando, com isto, não se limitar ao uso exclusivo de livros didáticos. Estes, por sua vez, são continuamente repensados, em função de garantir o melhor ensino.

A escola conta ainda com a contribuição de especialistas na área de literatura, além do apoio das editoras para a preparação dos professores quanto à utilização de livros didáticos.

O uso de vídeos tem sido um recurso de ensino bem aceito pelos alunos, sendo estes utilizados, ainda, nos trabalhos com os

pais/cooperados. No momento há a preocupação com a elaboração de um vídeo sobre cooperativismo, que venha possibilitar que se trabalhe a questão da cooperação a partir da própria experiência neste sentido, na escola. A proposta seria um registro dos trabalhos que estão se desenvolvendo na escola, tanto com alunos como também com professores e cooperados, em atividades coletivas.

A proposta educacional na COOPENSINO atualmente segue algumas orientações do construtivismo, que foram adotadas desde a fundação da mesma. A partir de cursos e palestras ministrados por profissionais especialistas no assunto, e do trabalho realizado pela coordenação pedagógica, os professores têm procurado seguir de forma sistemática esta linha. O construtivismo nesta escola baseia-se na concepção de Jean Piaget. Existem professores que seguem algumas diretrizes de L.S. VYGOTSKY. Em um texto utilizado no trabalho com professores e elaborado por uma das coordenadoras pedagógicas desta escola, encontra-se a seguinte afirmação:

*"Na escola não cabe mais o simples repassar de conhecimentos, a resposta única, um modelo de educação autoritária, não libertador ! É necessário que além da fundamentação teórica bem sedimentada mudemos nossa postura em relação ao homem, e à sociedade, à linguagem e à aquisição do conhecimento e conseqüentemente à nossa prática."*²⁷

Continuando, esta coordenadora afirma:

27 - LIMA, Cleidna A. *O erro entendido como elaboração de hipóteses no processo de aquisição do conhecimento* texto mimeografado, COOPENSINO, 1994, p.4.

" A conquista da cidadania implica em leitura, trabalho e autonomia...Sem nos esquecermos que a interação entre sujeito e objeto do conhecimento está vinculada à elaboração de muitas e muitas hipóteses; pois questionamentos, curiosidade e liberdade para buscar respostas são sem dúvida instrumentos poderosos para construir uma sociedade mais igualitária onde a cooperação supere o individualismo."²⁸

Concluindo, deve-se ressaltar que a falta de um material escrito sobre a proposta pedagógica da escola resultou na coleta destes dados através de depoimentos dos indivíduos ligados à coordenação pedagógica e direção da escola. Todavia, é preciso lembrar que uma coisa é o que as pessoas dizem a respeito de suas atividades, outra é aquilo que elas realmente fazem.

28 - Idem, Ibidem. p.4.

CAPITULO III

COOPENSINO: PROJETOS DE INTERVENÇÃO

...a experiência sócio-histórica da humanidade concentra-se sob a forma de fenômenos exteriores do mundo objetivo que circunda o homem. Este mundo, da indústria, da ciência e da arte, exprime a verdadeira história da natureza do homem, o resultado da sua formação histórica. Este mundo conduz o homem ao humano.

(LEONTIEV, A.N.)

Nesta parte serão apresentados todos os projetos implementados por esta pesquisadora no período de fevereiro de 1993 a janeiro de 1994. Entretanto a pesquisa-ação deste trabalho se desenvolverá até junho de 1994, cujos dados comporão a redação final desta dissertação.

O trabalho desenvolvido na COOPENSINO teve como finalidade a apreensão dos elementos constitutivos desta escola, e intervenção na mesma, sob a forma de projetos que por sua vez foram constinualmente questionados, sendo alterados quando necessário.

Tal situação teve início a partir de um convite por parte da escola, devido à necessidade de um especialista em cooperativismo, para a realização de um trabalho específico com professores, coordenadores e cooperados. Este fato aliou-se ao interesse de realização da dissertação nesta área, relacionada à educação. Assim sendo, o trabalho ora apresentado resgata preocupações já esboçadas anteriormente, quer apresentadas na monografia do curso de Especialização em Administração em Cooperativas, realizado na OCG/UCG, quer refletidas também ao longo da realização do curso de Mestrado e nas leituras para elaboração deste trabalho. Tais preocupações já foram sintetizadas no Capítulo I. Apresenta também variadas situações, as quais foram apreendidas ao longo do tempo em que se realizou esta pesquisa.

Deve-se explicitar também que, no início deste trabalho, na COOPENSINO, bem como no desenvolvimento dos projetos, não havia ainda uma definição precisa e abrangente de quais deveriam ser todas as possibilidades para a introdução de uma pedagogia histórico-dialética cooperativista no cooperativismo de ensino. Esta tornou-se mais clara no decorrer do próprio trabalho, com o aprofundamento teórico desta filosofia e sua respectiva proposta pedagógica. Portanto, a maior parte dos projetos realizados não foram inseridos, a priori, princípios histórico-dialética, lacuna esta que se pretende sanar, na proposta desta dissertação.

A seguir serão relacionados, de forma sintetizada, os projetos realizados, com suas respectivas análises, as quais se darão numa perspectiva histórico-dialética. Tais análises serão retomadas no Capítulo V - *Cooperativismo de Ensino: Das Contradições às Possibilidades*, que tem como objetivo contribuir com elementos para a elaboração de uma Pedagogia Histórico-Dialética Cooperativista.

1. PROJETOS ELABORADOS PARA A COOPENSINO

1.1 - Projeto I: CEFUNBB: A Proposta de uma Pedagogia Social Cooperativa

1.1.1 - Apresentação do Projeto I

Este projeto foi elaborado em dezembro de 1992, quando a CEFUNBB convidou esta pesquisadora para realizar um trabalho na área de cooperativismo. Assim este projeto foi a proposta inicial apresentada à direção da cooperativa, no sentido de sistematizar as diretrizes para o desenvolvimento do trabalho. A seguir será apresentado o Projeto I:

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo verificar as possibilidades para a implantação de uma prática pedagógica que venha realmente a se caracterizar como uma Pedagogia Social Co-

perativa. Esta discussão deverá envolver educadores e indivíduos inseridos no contexto da educação, principalmente os que atuam na área do cooperativismo.

Compreender a filosofia que permeia a educação numa escola cooperativista pressupõe perceber os princípios que deverão nortear a formação dos educadores, alunos e pais/cooperados nesta instituição. Este trabalho constitui-se de observação participante dos indivíduos de uma cooperativa de ensino, e na intervenção nesta, constituindo-se portanto, em uma pesquisa-ação. Esta proposta visa ao levantamento da estrutura e organização da COOPENSINO e análise dessa realidade observada, compreendendo ainda suas contradições para que a intervenção neste contexto seja feita dentro de uma perspectiva histórico-dialética.

JUSTIFICATIVA

Se a escola cooperativista se consolida com a finalidade de sanar uma série de dificuldades encontradas no nosso sistema de ensino, tanto na rede pública quanto privada, envolvendo desde deficiências pedagógicas até as questões econômicas propriamente ditas, ter-se-ia enfim a necessidade de traçar metas, princípios, métodos que a distinguissem das demais instituições. Assim sendo, não basta ter o nome de Escola Cooperativa, é preciso definitivamente praticar, ensinar e possibilitar a cooperação nestas escolas em todos os sentidos, aspectos a ser explorado no Capítulo V. Não é por falta de percepção desta necessidade, uma vez que algu-

mas destas escolas reconhecem a importância de uma educação neste sentido, mas entendem que, por ser um tipo de instituição recentemente consolidada, implementaram-se privilegiando essencialmente os aspectos concernentes à administração escolar. Portanto, não puderam avançar de forma satisfatória sob os princípios cooperativistas, na área pedagógica.

A CEFUNBB poderá redefinir-se a partir de suas relações coletivas igualitárias, à medida em que se constituir como negação de toda forma de individualismo e de personalismo. Poderá favorecer a participação ativa e interessada de todos, possibilitar inclusive esta participação no trabalho pedagógico, bem como acrescentar a responsabilidade disciplinar de cada um em benefício de todos. Nesta perspectiva, todos participarão, pensando e decidindo por si mesmos, havendo então, um compartilhar entre responsabilidades assumidas coletivamente, as quais poderão levar à desalienação e à coesão grupal.

PROBLEMATIZAÇÃO

Todo o trabalho a ser desenvolvido na CEFUNBB deverá percorrer metas que correspondam aos problemas detectados pelos dirigentes, educadores, alunos e associados da escola. Alguns destes problemas, ainda que diagnosticados de forma preliminar, nortearam este trabalho, oferecendo diretrizes à coordenação do mesmo. São eles:

- 1 - Como caracterizar e, portanto, delimitar em que consiste uma Educação Cooperativista em uma Cooperativa de Ensino?
- 2 - Qual seria a postura e o perfil de um professor inserido no contexto de um ensino que propõe se voltar para a cooperação?
- 3 - Seria possível a articulação de conteúdos de ensino e a prática cooperativista?
- 4 - Se possível, como articular em cada disciplina, conteúdo e cooperação?
- 5 - O conhecimento sobre o Cooperativismo seria um instrumento para a estruturação de uma Cooperativa de Ensino? Seria este o caminho para redefinição do seu quadro de funcionários e organização de seu quadro social?
- 6 - Como trabalhar o associado para que contribua com o fortalecimento da escola, sem, porém, emperrar o processo de construção pedagógica?

OBJETIVOS

- 1 - Discutir a redefinição de uma proposta pedagógica específica para uma Escola Cooperativista.
- 2 - Articular conteúdos, programas de ensino, à prática da cooperação.
- 3 - Elaborar a proposta ensino-cooperação, juntamente com os

professores em cada disciplina.

4 - Identificar as posturas educacionais dos educadores desta escola e partir para treinamentos na área de cooperativismo.

5 - Definir e estruturar o ensino da disciplina cooperativismo para os alunos da escola, segundo seus respectivos níveis.

6 - Organizar o quadro social a partir das contribuições de coordenadores, professores e alunos da escola.

* OBS.: outros objetivos poderão surgir a partir de um diagnóstico participativo, a ser realizado com os indivíduos que se encontram envolvidos no processo educacional da CEFUNBB.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Watkins, estudioso do cooperativismo, ao se reportar à questão da educação cooperativista, realiza o que ele determina de "*uma breve revisão do 'conteúdo' da educação cooperativista - conhecimento, capacitação técnica e disciplina social*" (1989, p.131). Nesse sentido é que se faz necessário associar aos conteúdos escolares, ministrados em aula, elementos teóricos e práticos da educação cooperativista. Acredita-se, como bem coloca Watkins: *os cooperadores diferente dos poetas não nascem, se fazem*. Assim é que a prática da cooperação escolar poderá ser incrementada mediante um maior desenvolvimento teórico do cooperativismo e da cooperação, formação de hábitos e habilidades.

Portanto, a formação do indivíduo cooperativo passa também por práticas voltadas para o desenvolvimento da cooperação. Esta, por sua vez, somente será construída e assimilada pela criança à medida em que atividades cooperativistas forem institucionalizadas pela cooperativa escolar. As cooperativas, desde que surgem, devem se preocupar em preparar seus associados e funcionários para o trabalho que deverá voltar-se para uma filosofia cooperativista.

A educação cooperativista, no momento atual, muitas vezes se tem tornado faca de dois gumes, ora contribuindo para a promoção e libertação do indivíduo, ora manipulando e controlando o mesmo. A institucionalização do ato cooperativo, conforme tem ocorrido, tem imprimido à sociedade, um caráter conservador e reprodutor da mesma. Isso não lhe rouba a duplicidade de função que poderá, apesar de instituição escolar, exercer dentro desta sociedade: função reprodutora e função inovadora. A cooperativa escolar oferece tanto um espaço para a reprodução das contradições da sociedade como também um espaço para operacionalizar mudanças, e na prática do dia-a-dia, não se pode desconhecer a relação de forças que se estabelece dentro delas. Essa relação de forças está diretamente ligada à reprodução das forças sociais do seu quadro social, no caso, alunos, professores, pais, diretores, enfim, de todos aqueles que participam no processo de construção da escola cooperativista.

Quando se tentar investigar a escola cooperativista, sob a perspectiva de uma pedagogia social cooperativa, pode-se correr o risco de o discurso da cooperação assumir um caráter ideológico, ao desconhecer a diversidade, a heterogeneidade do quadro social composto nestas escolas. Entende-se que os conteúdos dessa educação devam vincular-se à prática cooperativa, que por sua vez está também limitada aos espaços que lhe são abertos no jogo das forças e interesses de uma sociedade heterogênea.

O educador, em uma Cooperativa de Ensino, deverá conhecê-la em profundidade, bem como os princípios da cooperação; caso contrário não haverá um envolvimento conveniente, dificultando uma educação mais participativa. Nesse sentido, a Cooperativa Escolar deverá verificar, além do nível do profissional que estará atuando em sala de aula, no que concerne aos aspectos pedagógicos, estar atenta à formação deste profissional sob os aspectos referentes ao cooperativismo.

Diante dos vários problemas detectados atualmente no Cooperativismo Escolar Goiano, que vão desde o desconhecimento de seus fundamentos e organização pelos diretores e docentes destas escolas até às questões pedagógicas mais indispensáveis para a realização de um trabalho educacional que venha de fato caracterizar a escola cooperativista é que atentou-se para a necessidade de redefinição pedagógica destas escolas.

A CEFUNBB torna-se o espaço oportuno para a discussão de uma proposta pedagógica por ser de fundação recente, ser a primeira cooperativa de ensino emergente na capital goiana e também pela abertura em implantar uma proposta de trabalho em uma filosofia cooperativista. As dificuldades e problemas detectados deverão ser discutidos ao longo do ano letivo de 1993 pelos indivíduos que participam da escola e servirão de subsídios para a elaboração de uma **Pedagogia Social Cooperativa**.

METODOLOGIA

A implantação do que poderia ser posteriormente definido como Pedagogia Social Cooperativa partiria de um trabalho conjunto de professores, coordenadores pedagógicos, dirigentes, supervisores e demais indivíduos envolvidos na área administrativa da escola. Todos estes trabalhariam de forma conjunta na elaboração de procedimentos de ensino para redefinirem as posturas, métodos e concepções desta escola.

O Cooperativismo Escolar possui em seu discurso proposta de formação de um cidadão cooperativista, uma vez que em suas bases há a concepção de que a liberdade para reivindicações do aluno possibilita a motivação do mesmo, permitindo-lhe uma efetiva participação na construção da escola.

EXECUÇÃO do PROJETO

1a. Fase: Aperfeiçoamento de Professores:

- Objetivo: Proporcionar a todos os professores informações sobre o Cooperativismo.
- Tema: **Discutindo o Cooperativismo**
- Conteúdo: - Histórico do Cooperativismo
 - Tipologia
 - Diferenças entre Cooperativa e Empresa Mercantil
 - Cooperativismo de Ensino
- Duração: 8 h
- Recursos Didáticos: - Utilização de Album Seriado
 - Visualização (tarjetas)
 - Retroprojeção
 - Leitura de texto
 - Trabalho de grupos

* Trata-se de uma fase preliminar para dar subsídio ao encaminhamento do projeto, devendo, portanto, ocorrer no início das atividades da escola. Esta fase consistiria em um nivelamento inicial dos professores. Tal momento não considera o tempo de trabalho do professor ou formação na área de cooperativismo, para dispensa deste treinamento, sendo obrigatória a participação de todos os docentes da escola.

2a. Fase: Diagnóstico Participativo

- Objetivo: Identificar as dificuldades e expectativas dos educadores em relação ao trabalho docente e à prática cooperativista.
- Tema: **Repensando Nossa Prática Educativa**
- Duração: 16 h
- Recursos Didáticos:
 - Tempestade de Idéias
 - Leitura de Texto
 - Trabalhos de Grupo
 - Jogos Didáticos
 - Seminário

* Esta fase é de extrema importância para o desenvolvimento de todas as atividades, considerando-se que, a partir da mesma, serão estruturadas as atividades posteriores referentes às necessidades da escola. Nesta fase serão planejados os caminhos que abrirão as possibilidades de se redefinir a proposta pedagógica da CEFUNBB, caracterizando, desta forma, uma **Pedagogia Social Cooperativa**.

As atividades a serem desenvolvidas envolverão todas as categorias da escola, utilizando-se técnicas e objetivos específicos de acordo com as mesmas.

CRONOGRAMA

Tal projeto não prevê um cronograma de cada atividade, uma vez que estas se darão à medida em que surgirem as

necessidades. Deste modo, o cronograma das atividades será delimitado pelo grupo que participa do processo de construção desta escola.

1.1.2 - Observações sobre o Projeto I

Este projeto, que é uma versão simplificada do que foi apresentado à diretoria e à presidência da COOPENSINO, teve, por parte da direção que lida diretamente com a parte pedagógica da Escola, aceitação e respaldo.

Houve, no entanto, mudanças em sua estrutura original, devido às exigências conjunturais da escola. Assim, o primeiro contato realizado com os educadores da instituição não foi através de um aperfeiçoamento como fora previsto inicialmente e sim de uma Palestra. A escola se encontrava em semana de Planejamento Educacional, sendo necessário o contato inicial desta pesquisadora, enquanto especialista e encarregada de direcionar o trabalho referente ao cooperativismo, com estes educadores.

Viu-se que o rumo dado aos trabalhos ora apresentados deu-se muito mais em função das necessidades da escola naquele momento, do que com as preocupações propostas neste projeto inicial. A proposta metodológica de pesquisa-ação possibilitou a realização de projetos posteriores, os quais puderam dar respostas à problematização do Projeto I.

1.2 - Projeto II: Palestra para professores*

1.2.1 - Apresentação do Projeto II

Este projeto foi a elaboração de uma palestra, que foi o primeiro momento em que se estabeleceu o contato entre professores e esta pesquisadora. Tal palestra ocorreu na Semana de Planejamento Escolar, em fevereiro de 1993, momento em que foi apresentada a proposta de trabalho a ser realizada na COOPENSINO.

TEMA DA PALESTRA: COOPERATIVISMO E CEFUNBB**

COOPERATIVISMO

- importância
- características
- administração
- dificuldades
- possíveis soluções

COOPERATIVAS DE ENSINO

- Histórico
- Finalidades
- Dificuldades
- Perspectivas

* Nesta palestra foi utilizado um texto de Paulo Freire intitulado: *Educação: O Sonho Possível*, a fim de colaborar nas discussões (vide em anexo 2.1).

** Nesta ocasião a COOPENSINO ainda não era aberta à comunidade, sendo restrita aos filhos de funcionários do Banco do Brasil, por isso o nome CEFUNBB.

PROJETO: CEFUNBB - DISCUTINDO A PROPOSTA DE UMA PEDAGOGIA SOCIAL COOPERATIVA

- Justificativa
- Objetivos
- Metodologia

1a. fase: Treinamento de Professores

Tema: Discutindo o Cooperativismo

2a. fase: Diagnóstico Participativo

Tema: Repensando Nossa Prática Educacional

1.2.2 - Relatório do Projeto II

À palestra compareceram quase todos os professores da escola, num total de 28 professores, dos 32 efetivados na instituição. Participaram ainda as coordenações pedagógicas dos turnos matutino e vespertino, a coordenação da pré-escola, a diretoria e a psicóloga escolar.

Inicialmente todos se apresentaram, tanto a nível de formação acadêmica, como de experiências docentes. Detectou-se nesta ocasião que todos trabalhavam pela primeira vez em uma cooperativa de ensino, e não possuíam formação cooperativista. Constatou-se ainda que a grande maioria era proveniente de escolas públicas e, também, que todo o professorado admitido nesta escola, era também funcionário de outras instituições escolares.

Neste primeiro contato com professores percebeu-se a curiosidade e o interesse em relação ao cooperativismo e à coope-

ração, bem como pela possibilidade de realização de um trabalho inédito em uma cooperativa de ensino, qual seja, a elaboração conjunta de uma proposta pedagógica específica para esta instituição. Pensou-se na continuação do construtivismo, como uma atitude frente ao conhecimento, já implantado na escola, na interdisciplinaridade para seleção e transmissão de conteúdos, permeados pela cooperação, para implantação desta proposta.

Ao ser suscitado o papel do educador numa escola cooperativista houve grande entusiasmo na participação e cada professor deu sua contribuição a partir de sua formação e atuação desta experiência profissional.

Foram ouvidas as seguintes afirmações:

"na escola cooperativista não há panelas e sim ajuda."
(Depoimento de um professor que acabara de entrar na escola);

"entrar de cheio, com paixão, incentivar ... o cooperativismo aparece na relação das pessoas ao se realizar trabalhos em grupos, um trabalho único, não existe objetivos idênticos, os caminhos são diferentes, mas o objetivo maior é o mesmo." (Depoimento de uma psicóloga sobre o educador cooperativista);

"mentalidade, envolvimento, cultura, conhecimento de sua história do povo; o profeta é agente do saber, o educador cooperativista, o educador, faz uma seleção natural dos problemas, mas nem todos que têm acesso ao saber mobilizam a profecia, a discussão da realidade educando/educador..." (Depoimento entusiasmado de uma professora de história sobre as características de um professor neste tipo de escola).

"o sonho do educador é o desejo, movimento de esforços, pegar a experiência de cada um, uniformizar em uma linha de conduta... o educador é cristalino, acata, emite, respeita os outros; é desprovido de preconceito, e é pessoa humana..." (Depoimento de um professor de religião e cooperativismo sobre o verdadeiro educador)

Com a realização deste projeto objetivou-se apreender o perfil do professor da COOPENSINO. Este apresentou-se como um educador cheio de ideais, curiosidades no que se refere ao cooperativismo, devido a sua própria falta de informação acerca do sistema e das propostas educacionais deste tipo de escola.

O que se pretendeu enfatizar com estes depoimentos foi o sentimento dos indivíduos ao se proporem a realização de um trabalho, no início de um ano letivo, para posteriormente acompanhar tais idéias na construção e efetivação do professor cooperativista nas suas relações de trabalho.

1.3 - Projeto III: Planejamento de Ensino para a Disciplina Cooperativismo

1.3.1 - Apresentação do Projeto III

Este Projeto foi uma solicitação da própria escola, a partir da proposta de trabalho pretendida para a CEFUNBB, que teve como meta a elaboração do programa da disciplina cooperativismo. Este Planejamento ocorreu em março de 1993, e este programa visaria ao atendimento das turmas de 5ª a 8ª séries do 1º grau em um único programa a ser dado no mesmo ano. Entretanto,

tal programa se adequaria às respectivas séries, tanto no que se refere à faixa etária, quanto à relação com conteúdos dos mesmos. Caberia à pesquisadora acompanhar o professor desta disciplina em toda a sua trajetória durante o ano.

ELEMENTOS DO PLANEJAMENTO DE ENSINO - COOPERATIVISMO

OBJETIVO GERAL

Possibilitar ao aluno o reconhecimento dos valores da cooperação e, através de sua práxis, viabilizar mudanças no alunado e na escola. Isto será alcançado através dos conteúdos que abordem os elementos que caracterizem o Sistema Cooperativista, inserido na realidade capitalista.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1 - Introduzir o conceito de cooperação
- 2 - Relacionar as formas de cooperação do reino animal (relações naturais)
- 3 - Identificar grandes personalidades que possibilitaram à prática da cooperação
- 4 - Perceber as relações grupais que se baseiam no princípio da cooperação
- 5 - Relacionar fatos históricos nos quais inexistiu a cooperação
- 6 - Analisar a cooperação ao longo da história da humanidade
- 7 - Apresentar o histórico do Cooperativismo
- 8 - Identificar os tipos de Cooperativismo - Segmentos

- 9 - Enumerar os sistemas de Cooperativismo e de não cooperação
- 10 - Aprofundar a discussão do segmento de ensino no cooperativismo
- 11 - Discutir a cooperativa inserida no contexto capitalista
- 12 - Relacionar os conteúdos de outras disciplinas com à cooperação
- 13 - Promover atividades que estimulem à cooperação

CONTEÚDOS

- O que é cooperação
- As relações Naturais e a cooperação
- Personalidades históricas e cooperação
- Relações grupais e cooperação
- OSPB e Cooperativismo
- Geografia e Cooperativismo
- História e cooperação
- Ensino Religioso e relações cooperativistas
- O que é Cooperativa
- Tipologia do Cooperativismo
- Os Sistemas de Cooperativismo e Não Cooperação
- Cooperativismo de Ensino
- A CEFUNBB
- Cooperativismo e Capitalismo

RECURSOS DIDÁTICOS

- Quadro-giz
- Álbum seriado
- Slides
- Vídeo-cassete
- Dinâmica de grupo
- Trabalhos em grupo
- Palestras
- Apostilas
- Atividades extra-classe
- Visualização (tarjetas)
- Exercícios didáticos

1.3.2 - Observações sobre o Projeto III

A disciplina Cooperativismo teve, essencialmente como finalidade, difundir conhecimentos, hábitos e habilidades que possibilitassem a vivência da cooperação. A inclusão desta disciplina na grade curricular da COOPENSINO foi proposta pela direção desta escola. Ela seria ministrada de uma forma interdisciplinar, onde não apenas seriam trabalhados os conteúdos de outras disciplinas possíveis de serem relacionadas com o Cooperativismo, mas também incentivando a que todas as disciplinas da escola trabalhassem, em seus conteúdos, os elementos da cooperação. Neste sentido, seu planejamento seria gradual, acompanhando os conteúdos ministrados de cada série em cada período do ano letivo. Sua execução deveria ser acompanhada e refletida, considerando sua implantação recente. A COOPENSINO seria a primeira cooperativa de ensino do Estado a implantar a disciplina cooperativismo.

Devido à não autorização, pelo Conselho Estadual de Educação, da implantação desta disciplina na grade curricular, esta

não teve continuidade, da forma proposta. Assim, a perspectiva de estudo do cooperativismo e da prática da cooperação passou para a responsabilidade de cada professor e, nesse sentido, não foi possível um acompanhamento destes de seu processo. Isto prejudicou uma avaliação mais aprofundada afim de detectar até que ponto estariam realmente sendo vivenciadas tais experiências em sala de aula.

1.4 - Projeto IV: Plano de Ação Administrativa (Área de Cooperativismo)

1.4.1 - Apresentação do Projeto IV

Este projeto teve como finalidade a elaboração e execução do plano de ação em cooperativismo, por um especialista nesta área, esta pesquisadora, a ser executado por todas as coordenações da COOPENSINO.

Este plano de ação foi elaborado em março de 1993, período em que cada coordenador pedagógico, bem como diretor e psicólogo escolar elaboraram seus respectivos planos de ação. Posteriormente houve uma discussão para a integração de todos os planos da escola.

PLANO DE ATIVIDADES

ASPECTOS PEDAGÓGICOS DA COOPERAÇÃO

- Funções e atribuições do especialista em cooperativismo na COOPENSINO

OBJETIVO GERAL:

Composição de uma equipe de apoio à administração da escola para viabilizar a reestruturação da mesma a partir dos preceitos cooperativistas. Compete ao especialista em cooperativismo a análise da instituição em sua estrutura e organização, afim de planejar junto a esta equipe as atividades que envolvem todo os elementos da escola, segundo a filosofia cooperativista.

OBJETIVOS E METAS	ATIVIDADES	CRONOGRAMA
1 - Compor a Equipe de apoio à administração da escola e executar as atividades propostas pelo plano	- ciclo de estudos, coordenação de eventos; - organização de palestras; acompanhamento de professores	- Durante todo o ano letivo envolvendo todos os elementos da escola (alunos, professores, pais/cooperados, coordenadores da escola.
2 - Possibilitar a integração dos pais à escola a partir de constante informação e conscientização sobre o cooperativismo	- Palestras periódicas - Curso Básico de Cooperativismo - Diagnóstico Participativo - Organização do Quadro Social	- Encontros mensais em dias a serem definidos pela a escola.
3 - Elaborar junto aos professores a proposta pedagógica da escola, a partir da articulação dos conteúdos escolares à prática da cooperação	- Reuniões - Discussão dos registros de aula - Intercâmbio pedagógico	- Reuniões no último dia útil de cada mês - Acompanhamento constante, sempre que necessário
4 - Elaborar o currículo de Cooperativismo da escola e acompanhamento do professor desta disciplina.	- Estudos e discussões com prof. de cooperativismo. - Palestras com alunos	- Palestras periódicas - Encontros e estudos mensais c/ prof. de cooperativismo.

5 - Debater e discutir com os professores as situações da escola, detectando as dificuldades para a realização do trabalho pedagógico em relação à filosofia cooperativista	- Diagnóstico Participativo	- Mês de abril
7 - Elaborar o material de apoio às aulas de cooperativismo. Realizar síntese histórica da cooperativa e levantamento dos pressupostos pedagógicos da cooperação	- Pesquisas - Estudos - Debates - Entrevistas	- Durante todo o ano letivo

1.4.2 - Observações do Projeto IV

As atividades propostas neste plano deram início a um trabalho inteiramente novo que foi o de assessoria em cooperativismo em uma Cooperativa de Ensino em Goiás.

1.5 - Projeto V: I Intercâmbio Pedagógico - Orientações aos Professores sobre Registros de Experiências

1.5.1 - Apresentação do Projeto V

Este projeto teve por finalidade propor aos professores um registro de experiências que evidenciasse relacionamentos en-

tre os conteúdos escolares e a prática da cooperação. Isto ocorreu sob forma de orientações para registros de tais experiências ao longo do ano letivo de 1993 e, para tal, foi proposto um formulário. Este formulário com a devida orientação para preenchimento foi apresentado no I Intercâmbio Pedagógico que se realizou em março de 1993.

Uma das preocupações deste projeto era de coletar, ao máximo possível, subsídios para a percepção de como a questão da cooperação era trabalhada pelos professores, em consonância com os conteúdos escolares. Foi solicitado aos professores que cada experiência considerada inovadora e interessante, relacionada à cooperação, fosse registrada no formulário proposto.

A seguir será apresentado o modelo do formulário repassado aos professores para registro de suas experiências, bem como orientações para este registro:

REGISTROS DE EXPERIÊNCIAS
ASPECTOS PEDAGÓGICOS DA COOPERAÇÃO

Professor: _____

Disciplina: _____ Série: _____

Registro: _____ Mês: _____

ATIVIDADE	METODOLOGIA	OBSERVAÇÕES
	(folha inteira)	

Orientações sobre Registro de Experiências

1 - Atividades:

- Aulas, brincadeiras, passeios, trabalhos em grupo, leituras, tarefas escolares... (enfim tudo que você considerar como atividade pedagógica, podendo ser até uma conversa com o aluno...)

* Você registrará o tipo de atividade que realizou e que pode, de alguma forma, contribuir para a efetivação da cooperação, seja através da prática ou da reflexão dos alunos.

* Quando forem mencionados os conteúdos de uma aula, explicita-os e enfoque como foi possível associá-los à questão da cooperação.

* Ao descrever a atividade, coloque se possível a data de sua realização, pois será um termômetro para a avaliação dos resultados.

2 - Metodologia:

- Nesta deverão estar contidos todos os recursos didáticos (métodos, técnicas e procedimentos) que você utilizou. Não se trata apenas dos métodos cotidianos de sala de aula, inclua também aqueles que você inovou, criou.

* Este registro devidamente preenchido, poderá servir de apoio para novas experiências e contribuir para outros educadores nesta área.

3 - Observações

- Este é o momento para você relatar todo o seu sentimento e todas as suas impressões sobre a experiência de relacionar o ensino com a cooperação. Nesse sentido é que é importante o registro de surpresas, alegrias e também frustrações. Estas contribuições de sua práxis farão parte da elaboração de uma proposta pedagógica para uma Cooperativa de Ensino.

* Não restrinja as suas observações ao espaço proposto, ele é

apenas uma sugestão. Se for o caso elabore seu próprio espaço, sinta-se extremamente à vontade para mencionar o que quiser. A forma é toda sua.

4 - Sugestões

- É importante que estes registros sejam elaborados paralelamente às atividades, pois o fato, quando relatado em seguida ao momento acontecido, expressará maior riqueza de detalhes, informações e emoções.

5 - Informações

- Estes registros serão recolhidos mensalmente.
- Qualquer dúvida, sugestão, contribuição quanto aos aspectos referentes ao cooperativismo e à própria programação de atividades voltadas para esta finalidade poderão ocorrer no horário semanal definido pela coordenação pedagógica.

1.5.2 - Observações sobre o Projeto V

A partir da coleta destes registros tentar-se-ia a socialização de tais experiências, vinculando as mesmas aos conteúdos de forma sistematizada e colhendo dados para a elaboração de uma proposta pedagógica.

1.6 - Projeto VI: I Encontro de Pais - Apresentação da Proposta Pedagógica da CEFUNBB

1.6.1 - Apresentação do Projeto VI

A realização deste projeto teve por finalidade levar ao conhecimento dos pais a proposta pedagógica da escola, como um todo, e do conhecimento do cooperativismo e COOPENSINO, em particular.

Este projeto realizou-se no I Encontro de Pais, na sede da escola, em março de 1993 com a participação de pais/cooperados, do quadro docente, da direção, coordenações pedagógicas da escola e da especialista em cooperativismo.

Após a apresentação da proposta de trabalho de todos os componentes da escola, foi reservado um tempo maior para a parte do cooperativismo. Para isto foi realizada uma palestra onde se enfocou as perspectivas para o Cooperativismo de Ensino, e ainda como seria o trabalho a ser desenvolvido na COOPENSINO, nesta área.

TEMA DA PALESTRA: COOPERATIVISMO E COOPENSINO

COOPERATIVISMO:

- importância
- características
- administração
- dificuldades

- possíveis soluções

COOPENSINO:

- Histórico
- Finalidades
- Dificuldades
- Perspectivas

LEITURA DO TEXTO: FÁBULA (ver texto em anexo 2.2)

1.6.2 - Observações sobre o Projeto VI:

Este projeto realizou-se no primeiro contato dos pais com os componentes da escola no ano de 1993, onde, além da apresentação dos mesmos, procurou-se evidenciar as perspectivas da COOPENSINO, como uma escola que possui uma proposta de ensino própria.

Todos os pais foram convidados para este encontro, mas poucos compareceram. Entretanto, houve por parte destes demonstração de interesse em relação à proposta apresentada. A utilização do texto teve como objetivo suscitar nos pais a reflexão sobre a importância da participação dos mesmos na construção do processo educacional da COOPENSINO.

Neste ano letivo constituíram-se em fatos novos para a escola: a presença desta pesquisadora e ainda a contratação de uma psicóloga. Assim foi possível a apresentação das propostas de

trabalhos de todas as áreas que compõem o quadro funcional da COOPENSINO.

1.7 - Projeto VII: II Encontro de Pais Integração de Pais e Levantamento de Propostas

1.7.1 - Apresentação do Projeto VII

A realização deste projeto ocorreu durante o II ENCONTRO DE PAIS, em abril de 1993, na Agência Centro do Banco do Brasil, e teve como objetivo elaborar um diagnóstico sobre a CEFUNBB e refletir sobre a mesma. A partir deste dados foram levantadas as propostas para a elaboração do Plano Estratégico (Projeto VIII), a ser executado por todos os elementos da escola. Apresentam-se a justificativa, os objetivos e atividades do referido projeto, sintetizados de sua versão original:

I - JUSTIFICATIVA

A escola cooperativista necessita da constante participação dos pais, não apenas no acompanhamento de seus filhos junto à escola, como também na posição de associados e, portanto, comprometidos com a mesma.

A integração entre docentes, diretores, coordenadores e pais se faz necessária para que, num ato coletivo, sejam discu-

tidas questões referentes à formação do aluno e ainda a própria formação cooperativista de todos.

II - OBJETIVOS

1 - Integração Cooperativa/Pais

Neste momento haverá a possibilidade de discussão das propostas da COOPENSINO, bem como apreensão das sugestões de pais para o encaminhamento de propostas.

2 - Diagnóstico de Expectativas e Dificuldades

A partir da reflexão sobre o cooperativismo, enquanto sistema social e econômico e da COOPENSINO como instituição escolar cooperativista serão suscitadas as dificuldades e as esperanças dos cooperados como pais e associados.

3 - Sistematização das Atividades Possíveis Levantadas pelos Pais

Serão levantadas sugestões de atividades pelos pais incluindo desde perspectivas que envolvam alunos, até às que se referem ao contato com professores e cursos de capacitação.

III - EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES

- Abertura:

descrição dos objetivos da reunião

- Leitura de texto em Grupos:

- Texto: *Breve reflexão sobre o Cooperativismo e Cooperativas de Ensino (Anexo 2.3)*

- Discussão: O que o texto permitiu ao grupo refletir em relação à escola?
- Respostas: Cada grupo apresentará suas conclusões em tarjetas
- Socialização: Separação das idéias em "Expectativas e Dificuldades
- Avaliação:

Descrição, em uma palavra, sobre o que significou o evento

1.7.2 - Observações sobre o Projeto VII

Para que a convocação aos cooperados fosse mais chamativa não se utilizou os tradicionais comunicados, mas um folder contendo toda a proposta do trabalho e sua programação. Neste folder procurou-se utilizar frases e desenhos provocativos para o máximo de participantes possível.

O encontro aconteceu num salão de reuniões da Agência Central do Banco do Brasil, por sugestão de associados, porém criticada por alguns, justamente por fugir do ambiente em que se justificariam os objetivos da reunião, ou seja, a escola.

1.8 - Projeto VIII: Elaboração e Discussão do Plano Estratégico para a COOPENSINO

1.8.1 - Apresentação do Projeto VIII

Este projeto foi desenvolvido em três etapas devido à extensão do mesmo.

1ª Etapa

Esta etapa aconteceu no III Encontro de Pais em abril de 1994 e desta feita na sede da escola. O objetivo da reunião foi iniciar a elaboração de um Plano Estratégico para a COOPENSINO, a partir do diagnóstico realizado no encontro anterior. Descreve-se a seguir este projeto:

I - JUSTIFICATIVA

Este projeto propõe-se o levantamento de possibilidades para superar as dificuldades apresentadas e, através de um Plano Estratégico participativo, sistematizar as atividades a serem desenvolvidas pela escola, segundo a expectativa dos pais.

A proposta da escola é a de que seus rumos e definições sejam resultantes da participação de todas as categorias que a constituem (cooperados - pais, professores, coordenadores, diretores, técnicos e alunos).

II - OBJETIVOS:

- 1 - Definição do Eixo Temático a partir dos problemas levantados segundo as prioridades definidas pelo grupo.
- 2 - Elaboração de uma "Arvore" de Problemas detectando suas raízes e consequências.
- 3 - Apresentação de um plano que contenha objetivos/metas/recursos e responsabilidades

III - EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES:

3.1 - Abertura:

*** Quebra-Gelo**

- cada integrante do grupo completa uma questão escrita em uma tira de papel, dando sua contribuição acerca dos mais variados assuntos que permeiam a escola.

3.2 - Trabalho em Grupos:

- Discussão de um assunto extraído do eixo temático.
- Elaboração da "Árvore dos Problemas":
cada grupo deverá apresentar as raízes e as consequências do problema central por ele escolhido

3.3 - Socialização:

- Em plenária, cada grupo apresentará o resultado de seu trabalho. Após a sistematização dessas conclusões serão definidos os objetivos

3.4 - Trabalho em grupos:

- cada grupo elaborará, a partir dos objetivos, as metas, as atividades, as responsabilidades e os recursos necessários para a execução do trabalho.

3.5 - Avaliação:

- A execução deste projeto será avaliada através das seguintes

categorias:

- 1 - Reflexão sobre a educação
- 2 - Trabalho em grupo
- 3 - Conteúdo
- 4 - Metodologia
- 5 - Moderação
- 6 - Integração
- 7 - Dinâmicas

2ª Etapa

Foi dada a continuidade à Elaboração do Plano Estratégico para a COOPENSINO e isso ocorreu no IV Encontro de Pais, na sede da escola, em maio de 1993. Esta 2ª Etapa, apresentou a seguinte proposta:

1 - Abertura

- retrospectiva do encontro anterior:

2 - Leitura de texto

- *Pensando a Educação Hoje* (Anexo 2.4)

3 - Trabalho de Grupo (continuação do encontro anterior)

- Temas:

- 1 - Falta de Participação
- 2 - Divulgação da Escola
- 3 - Falta de Integração Cooperados/Diretoria

4 - Estabelecimento de Metas

- O que fazer / Como fazer / A quem compete

5 - Avaliação

Exposição voluntária dos membros sobre os sentimentos detectados na realização deste tipo de trabalho.

3ª Etapa

Esta etapa foi executada em junho de 1993, concluindo o Planejamento Estratégico para a COOPENSINO e tendo como finalidade primordial a apresentação e discussão do mesmo pelos cooperados. Apresenta-se a seguir o plano desta etapa:

1 - Justificativa

Tendo sido feito o diagnóstico dos problemas e traçadas as metas para a solução dos mesmos, nas etapas anteriores, passa-se para a fase de socialização das propostas e discussão sobre as mesmas, observando-se as prioridades e sua forma de viabilização.

2 - Objetivos

- 2.1 - trabalhar a inter-relação das pessoas para a construção de um trabalho em grupo
- 2.2 - apresentar as propostas elaboradas
- 2.3 - discutir e elaborar as metas coletivamente
- 2.4 - avaliar o encontro a partir de uma proposta de compromissos

3 - Execução das Atividades

- 3.1 - Leitura do painel contendo o pensamento dos associados/pais
- 3.2 - Apresentação das sugestões (painel)
- 3.3 - Leitura de texto em grupo
- 3.4 - Elaboração de texto coletivo
- 3.5 - Síntese das propostas e explicitação das metas

4 - Avaliação

(teia de cordão) - dinâmica que permite que todos emitam a sua avaliação sobre o evento, expressando o compromisso para a execução das propostas levantadas.

1.8.2 - Observações sobre o Projeto VIII

A primeira etapa deste projeto possibilitou a continuidade do trabalho com pais/cooperados da COOPENSINO. Ele partiu da realização do diagnóstico participativo, fruto do Projeto VII. Nesta fase foram levantados os elementos que caracterizam a realidade desta escola, bem como as expectativas dos pais em relação à mesma. O resultado das reflexões desse encontro com pais foram registrados sob a forma de painéis, que foram fotodocumentados e tal fato permitiu que nesta ocasião pudesse haver uma rápida revisão do que acontecera anteriormente.

A 2ª Etapa foi considerada muito importante dentro da proposta deste trabalho, uma vez que nesta reunião foram apresentadas as diretrizes para a condução dos trabalhos na COOPENSINO, no sentido de sanar dificuldades como: a divulgação da escola, a falta de participação do associado e a falta de integração cooperados/diretoria. Foi proposta para esta reunião uma "Caixa de Sugestões", com o objetivo de que os pais pudessem emitir suas opiniões sobre a escola caso não quisessem fazê-lo publicamente.

No encontro da 3ª etapa apresentou-se os painéis construídos pelo grupo de cooperados nas etapas anteriores de elaboração deste Plano Estratégico. Tais painéis foram fotodocumentados e constituíram-se em um instrumento para a orientação das atividades, uma vez que expresavam as propostas elaboradas pelo grupo. Previa-se também, nesta etapa, que as conclusões tivessem a mesma forma de visualização das etapas anteriores.

**1.9 - Projeto IX: II e III Intercâmbio Pedagógico -
Discussão de Comportamentos de Professores na
COOPENSINO**

Este projeto foi previsto para ser realizado em 2 etapas.

1.9.1 - Apresentação do Projeto IX

O II Intercâmbio Pedagógico da COOPENSINO ocorreu em abril de 1993 e nele foi executada a 1ª etapa projeto que teve como finalidade discutir os comportamentos dos professores nesta escola. A proposta foi elaborada por esta pesquisadora e pela psicóloga escolar. O II Intercâmbio foi destinado à discussão deste tema, dada à sua importância, naquele momento na escola. A seguir será detalhada tal etapa.

I - JUSTIFICATIVA

A finalidade deste trabalho é possibilitar a auto-avaliação, onde cada profissional, todos educadores, inserido na esco-

la, detectará suas limitações e dificuldades para a realização do trabalho docente.

Este trabalho consiste em uma tentativa de levantar os possíveis tipos de comportamentos evidenciados na escola pelos educadores, os quais se formam a partir de situações escolares consideradas perigosas ou ameaçadoras para os mesmos.

II - OBJETIVOS

- 1 - Criar um clima de integração entre os professores
- 2 - Possibilitar a reflexão sobre os tipos de comportamentos detectados na escola
- 3 - Permitir a auto-avaliação do professor em seu papel de educador
- 4 - Conhecer o perfil do grupo: detectar as defesas e situações que significam perigo
- 5 - Estabelecer propostas que visem a amenizar as defesas

III - EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES

1 - Dinâmica de integração e conhecimento:

- separação dos participantes em grupos
- distribuição de tarjetas (6 cores)
- respostas ao 1. conjunto de perguntas
- formação de novos grupos (divisão por cores)
- respostas ao 2. conjunto de perguntas
- socialização : escolha de um elemento para apresentação das conclusões do grupo

* Perguntas:

Grupo 1 : 1 - Minha relação com meus colegas de trabalho...
2 - Prefiro que a coordenação...
3 - O papel do diretor...

Grupo 2 : 1 - Espero do Psicólogo...
2 - Imagino que o Intercâmbio Pedagógico...
3 - O cooperativismo na COOPENSINO...

* Objetivos das questões propostas:

- fortalecer o nível de conhecimento de si e do grupo
- estabelecer a integração grupal
- levantar as expectativas com relação às propostas de trabalho

3 - Avaliação:

- Verbalização dos sentimentos em uma só palavra

2ª Etapa

Esta etapa ou projeto foi planejada para ser executada em junho de 1993 no III Intercâmbio Pedagógico, como constava da programação. Sua finalidade era o repensar do comportamento dos professores, já que os mesmos, na ocasião, encontravam-se insatisfeitos e tensos com a administração da cooperativa. A seguir apresenta-se o detalhamento desta etapa:

I - Abertura

II - Tempestade de Idéias

- cartaz: "Quem sou eu?"

- tarjetas: três para cada participante, para registro das respostas, com a orientação de se colocar em cada tarjeta, apenas uma característica de si mesmo.

- socialização: colocação das tarjetas no quadro-giz

III - Leitura de texto em grupos
Estas "defesas" nos protegem? (Anexo 2.5)

- questão para discussão nos grupos: "Relacionar o texto à realidade da escola"

- Socialização das conclusões através de:
dramatização, verbalização, visualização, música

IV - Encerramento da Vivência

* fala da psicóloga

V - Avaliação

A execução desta etapa será avaliada através das seguintes categorias:

- 1 - Reflexão sobre a Educação
- 2 - Oficinas
- 3 - Metodologia
- 4 - Trabalho em Grupo
- 5 - Integração
- 6 - Dinâmicas
- 7 - Dinâmicas
- 8 - Relações Humanas

1.9.2 - Observações sobre o Projeto IX

A 1ª etapa deste projeto foi realizada fora do expediente normal de trabalho, entretanto as horas dessa atividade não foram computadas como horas extras. Em função desta situação a 2ª etapa não se realizou devido a um boicote dos professores.

1.10 - Projeto X Participação no Jornal COOPENSINO

1.10.1 - Apresentação do Projeto X

O Projeto X constituiu-se na elaboração de artigos a ser publicado no jornal da COOPENSINO, o qual circulará em junho e novembro de 1993. A proposta destes artigos, na área de cooperativismo. Teve como objetivo informar o papel do cooperado numa cooperativa de ensino e conclamá-lo para uma participação efetiva na construção da COOPENSINO. Nesse sentido é que foram elaborados 2 artigos intitulados: "Carta Aberta aos Cooperados" e "A Escola dos Nossos Sonhos" (Anexos 2.6 e 2.7).

1.10.2 - Observações sobre o Projeto X

O convite a esta pesquisadora para a elaboração destes artigos teve como critérios o reconhecimento da importância de uma filosofia cooperativista nesta instituição e a divulgação do trabalho que estava sendo realizado nesta área.

1.11 - Projeto XI : Avaliação do I Semestre

1.11.1 - Apresentação do Projeto XI

O projeto XI foi concretizado em setembro de 1993, na sede da COOPENSINO, em uma reunião para pais/cooperados. Teve como finalidade a apresentação da atividades desenvolvidas por coordenadores/professores/técnicos no 1º Semestre deste ano. Tal

projeto constou do que se segue:

RETROSPECTIVA I SEMESTRE/93

Introdução

A COOPENSINO, com o intuito de aperfeiçoar sua proposta educacional, tem desenvolvido um trabalho que envolve docentes, associados, alunos e corpo administrativo da escola e da cooperativa. Para pensar as dimensões sociológica e psicológica voltadas para uma perspectiva cooperativista a escola conta atualmente com técnicos destas áreas.

A seguir, em linhas gerais, a descrição do trabalho do 1º semestre:

ENCONTRO DE PAIS

I Encontro: Apresentação da Proposta Pedagógica da Escola

- profissionais envolvidos
- linhas de trabalho
- perspectivas do cooperativismo de ensino

II Encontro: Integração e Levantamento de Propostas

- diagnóstico Participativo
- reflexão sobre o cooperativismo
- expectativas e dificuldades da escola cooperativista

III Encontro: Elaboração de Plano Estratégico

- reflexões sobre a educação
- definição de eixos temáticos (problemas da escola a

serem discutidos e trabalhados)

- elaboração coletiva da "árvore de problemas" (causa principal do problema, suas raízes e consequências)

IV Encontro: Elaboração de Plano Estratégico (continuação)

- definição coletiva das estratégias para cada uma das situações detectadas em todos os temas levantados

V Encontro: Socialização do Plano Estratégico

- reflexão sobre a educação integral numa proposta para a COOPENSINO
- redefinição coletiva das prioridades, cronograma e atribuições
- encerramento do semestre

INTERCÂMBIO PEDAGÓGICO

I Intercâmbio: Definições das linhas de trabalho

- avaliação
- proposta de interdisciplinaridade
- registros de experiências
- espaço livre (troca de experiências)

II Intercâmbio: Reflexões sobre as relações de trabalho

- relação entre professores
- relação professor/coordenação
- discussão do papel do diretor na escola
- expectativas quanto ao psicólogo

- propostas para os próximos intercâmbios
- reflexões sobre o cooperativismo na coopensino

III Intercâmbio : Reflexões sobre comportamento humano

- auto-análise
- posturas profissionais
- oficinas de estudo

ENCONTROS DA COORDENAÇÃO

Durante este semestre as três coordenações (matutino, vespertino e pré-escola), a direção e equipe de apoio (especialista em cooperativismo e psicóloga) estabeleceram um horário semanal de reuniões, onde foi sistematizada coletivamente toda a programação para a escola.

Este trabalho permitiu uma constante avaliação das atividades desenvolvidas na escola, bem como o crescimento do próprio grupo a partir da construção coletiva no que concerne à administração e coordenação dos assuntos educacionais.

CURSOS PROMOVIDOS OU VIABILIZADOS PELA ESCOLA

- Cooperativismo
- Construtivismo
- Enfoque Participativo Para Trabalho com Grupos
- Psicopedagogia

1.11.2 - Observações sobre o Projeto XI

Houve demora na realização deste projeto devido à saída temporária da psicóloga e desta pesquisadora, desligadas do quadro de funcionários. Tal fato gerou ansiedade, tanto nos pais quanto na coordenação e direção da escola que aguardavam a realização desta atividade. Por este motivo a coordenação pedagógica preocupou-se neste encontro com informar aos pais os acontecimentos (dispensa dos especialistas) no sentido de tranquilizá-los para a continuidade do trabalho. Também estava prevista para esta reunião a confirmação dos compromissos estabelecidos pelos cooperados no Plano Estratégico.

O recurso material adotado para este encontro foi o Album Seriado contendo uma síntese das atividades para que cada coordenadora, bem como esta pesquisadora, discorressem sobre seus respectivos trabalhos. Ao final dos trabalhos os pais/cooperados tiveram um momento para a avaliação das atividades ocorridas na escola neste semestre. Foram avaliadas as seguintes categorias: *atividades extra-classe, relação professor/aluno, relação direção/cooperado, reunião de pais, conteúdo, proposta pedagógica.*

1.12 - Projeto XII : Pesquisa COOPENSINO

1.12.1 - Apresentação do Projeto XII

Este projeto foi elaborado em julho de 1993 e executado em outubro deste mesmo ano. Sua finalidade foi a de investigar a compreensão e expectativa quanto à proposta da COOPENSINO, em pais/cooperados, professores e alunos desta escola.

Elementos deste projeto:

I - JUSTIFICATIVA

A PESQUISA COOPENSINO foi uma das metas estabelecidas no Planejamento Estratégico elaborado por seus cooperados. Ela foi fruto de constatações de que seria necessário conhecer melhor a percepção e expectativas dos cooperados, alunos e professores em relação a esta instituição, para que, desta forma, se fizesse uma gestão participativa atendendo às necessidades de seus segmentos.

II - OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Conhecer a imagem, a aceitação e a eficiência da proposta institucional e pedagógica da COOPENSINO.

Objetivos Específicos

* Alunos:

- Conhecer o perfil do aluno da COOPENSINO
- Perceber o nível de entendimento sobre cooperação
- Identificar o grau das satisfações ou insatisfações quanto a professores e coordenadores
- Coletar sugestões para melhoria da COOPENSINO
- Aprender a compreensão com relação à função do psicólogo escolar

* Professores:

- Conhecer o perfil
- Verificar o nível de conhecimento sobre Cooperativismo
- Identificar o grau de satisfação em relação à instituição
- Perceber as impressões sobre relações de trabalho na escola
- Coletar sugestões para melhoria da administração da COOPENSINO

* Cooperados:

- Identificar o perfil
- Levantar a concepção de Cooperativa de Ensino
- Verificar se a filosofia da COOPENSINO está refletindo na vida do filho
- Investigar o grau de conhecimento sobre a proposta pedagógica da escola
- Levantar sugestões para melhoria da escola.

III - EXECUÇÃO

- Coleta de dados:

1 - Cooperados

Questionários aplicados àqueles que possuem filhos matriculados na escola. A devolução de questionários será de responsabilidade dos respectivos filhos (Anexo 1.1).

2 - Professores

Questionários aplicados a todos os professores da COOPENSINO (Anexo 1.2).

3 - Alunos

Questionários aplicados em sala de aula - alunos de 3ª a 8ª séries (Anexo 1.3).

- Tabulação dos Questionários:

A tabulação dos dados coletados será de responsabilidades da EPOM - Empresa de Pesquisa de Opinião e Mercado.

1.12.2 - Observações sobre o Projeto XII

Pretendeu-se com os dados levantados, colher subsídios para a análise da estrutura e funcionamento da COOPENSINO e também para o levantamento das contradições e possibilidades da mesma, objetos desta dissertação. Por tais razões este projeto foi considerado um dos mais importantes dentro da proposta de trabalho desta instituição.

1.13 - Projeto XIII : Plano para a Elaboração da Proposta Pedagógica da COOPENSINO

1.13.1 - Apresentação do Projeto

Este projeto teve por finalidade resgatar a proposta inicial do trabalho realizado na COOPENSINO, no ano de 1993, que foi a de elaborar uma proposta pedagógica específica para este tipo de instituição. Neste sentido, apresenta as diretrizes para a condução de um trabalho a ser realizado pela coordenação, direção, psicóloga, especialista em cooperativismo e presidência da cooperativa. Foram convidados a participar todos os professores da escola.

Este trabalho teve o seu início em janeiro de 1994 com previsão de término para abril deste mesmo ano.

Elementos do Projeto:

JUSTIFICATIVA

A COOPENSINO não elaborou oficialmente uma Proposta Pedagógica, não havendo ainda um documento que apresente sua filosofia e diretrizes para o ensino proposto por ela. Assim, pretende-se elaborar tal documento que contenha uma proposta pedagógica consoante com a filosofia cooperativista na perspectiva histórico-dialética.

OBJETIVO GERAL

O presente projeto tem como objetivo a elaboração da proposta pedagógica da COOPENSINO a qual deverá estabelecer diretrizes e metas, sobretudo em seus aspectos cooperativistas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1 - Possibilitar a intercooperação entre os indivíduos da COOPENSINO

- 1.1 - Troca de experiências
- 2.2 - Levantamento de problemas
- 2.3 - Apresentação de propostas

2 - Discussão e elaboração de uma proposta pedagógica específica para COOPENSINO.

- 2.1 - Interdisciplinaridade - Cooperação
- 2.2 - Formação de Professor em Cooperativismo
- 2.3 - Relação teoria/prática cooperativista
 - 2.3.1 - conteúdos/cooperação
 - 2.3.2 - relações de trabalho/cooperativismo
- 2.4 - Bases Filosóficas Cooperativistas
- 2.5 - Bases teórico-metodológicas da organização didática e administrativa

3 - Elaboração de Planejamento para a mobilização, envolvimento e participação efetiva do cooperado/pai na construção da COOPENSINO.

- 3.1 - Formação de Círculo de Pais
- 3.2 - Formação de cooperados em Cooperativismo
- 3.4 - Composição e caracterização do Conselho Pedagógico

EXECUÇÃO

18/01

- **Questão 1: Que tipo de homem queremos formar?**
 - pressupostos filosóficos
 - alguns teóricos da perspectiva histórico-dialética
 - visão construtivista
 - filosofia do cooperativismo
 - relação teoria/prática cooperativista

Passos:

- formação de grupo(s) de estudo
- redação de um documento
- apresentação dos resultados em plenária
- discussão e elaboração da proposta final

19/01

- **Questão 2 : Que experiências queremos que o aluno vivencie na escola ?**

Caracterização do quadro discente (crianças e adolescentes):

- perfil sócio-econômico
- faixa etária /ensino aprendizagem
- aspectos psicológicos (intelectual, emocional e social)
- aspectos culturais (concepção de mundo, recreação, meios de comunicação, etc.)

Coordenação: psicóloga e coordenação pedagógica

Passos:

- Tempestade de idéias - (utilização de tarjetas para anotações)
- socialização dos resultados
- síntese das conclusões
- **Questão 3: Perfil do Educador Cooperativista**
- leitura de texto
- coleta de idéias no quadro-giz

20/01

- Elaboração do Plano de Ação Coletivo (direção, coordenação, psicóloga escolar, especialista em cooperativismo)*
- Formação do Círculo de Pais
 - organização
 - critérios para composição
 - planos de trabalho
 - tipos de atividades
(psicóloga escolar e especialista em cooperativismo)*
- Sistematização ou planejamento de atividades extra-classe (coordenações pedagógicas e professores)
- Sistematização p/ o aperfeiçoamento profissional (presidência da cooperativa e direção da escola)
- Verificação do diagnóstico realizado sobre as condições de funcionamento da escola (secretaria)
- Atualização de Currículos (secretaria)
- Planos de Ensino

(professores e coordenadores)

- Programação de atividades coletivas do corpo docente:
 - reuniões pedagógicas e conselhos de classe (coordenação, direção, psicóloga escolar, e especialista em cooperativismo)
- Calendário Escolar (secretaria, direção e coordenação)
- Elaboração de sistema para acompanhamento e aconselhamento de alunos (psicóloga escolar)

1.13.2 - Observações sobre o Projeto XV

A inexistência da Proposta Pedagógica da COOPENSINO tem dificultado, a realização de um trabalho tanto com docentes como também pais/cooperados no sentido de repasse aos mesmos desta proposta de forma sistematizada. A elaboração deste documento encontra-se em andamento e é premissa para a discussão e a compatibilização desta proposta à perspectiva histórico-dialética. Isto possibilitará atingir um dos objetivos definidos nesta dissertação, que é o levantamento de subsídios para uma elaboração de uma Pedagogia Histórico-Dialética Cooperativista.

2 - CONSIDERAÇÕES SOBRE OS PROJETOS

Concluindo a apresentação dos projetos elaborados para a COOPENSINO é importante salientar que esta parte registra o trabalho de campo realizado nesta cooperativa de ensino, caracterizado enquanto pesquisa-ação. Todos os projetos elaborados foram realizados segundo suas respectivas propostas iniciais. O Projeto XIII (A Elaboração da Proposta Pedagógica da COOPENSINO) encon-

tra-se ainda em andamento. Somente a 2ª etapa do Projeto IX (II e III Intercâmbio Pedagógico - Discussão de Comportamentos de Professores na COOPENSINO) não foi realizada, por razões a serem aprofundadas no Capítulo seguinte.

O conhecimento e análise desta instituição foi e está sendo construído concomitante como o trabalho desenvolvido na mesma. A apresentação dos projetos obedeceu à mesma sequência temporal da colocação neste trabalho, à exceção daqueles que apresentaram mais de uma etapa.

O mais importante a ser ressaltado nestas considerações finais é que mediante tais projetos foi possível repensar e colocar em prática princípios cooperativistas em uma instituição escolar. Somente a vivência destas situações, ou seja, a realização ou não destes projetos, possibilitaram a percepção das contradições existentes neste tipo de escola. Assim estes projetos permitiram essencialmente a elaboração de diagnósticos e ao mesmo tempo a constituição de um cenário, cujas atividades realizadas compuseram as características de uma cooperativa de ensino. Evidenciaram também as perspectivas para o repensar de uma prática pedagógica em uma linha dialética, caracterizando de forma mais coerente o ensino cooperativista.

A contribuição dos projetos, no sentido de detectar as contradições existentes no cooperativismo de ensino e suscitar as possibilidades para seu melhor funcionamento, será apresentada no

capítulo a seguir. Naquele capítulo pretende-se também, levantar, analisar e discutir aspectos mais específicos e mais relevantes destes projetos.

O que se pode adiantar sumariamente nesta parte, quanto à análise, é que a elaboração e execução dos projetos aconteceram simultaneamente ao aprofundamento teórico desta pesquisa. Tal situação permitiu que, na trajetória deste estudo, houvesse um desenvolvimento qualitativo em relação à implementação de princípios histórico-dialéticos, nos projetos. Ocorreu também uma maior visualização de aspectos coerentes ou não com tal perspectiva. Neste sentido o que se pode vislumbrar nos projetos é que os últimos foram mais condizentes com a orientação deste trabalho, que os primeiros. Pode-se observar também que, mesmos nos últimos projetos, houve críticas quanto à coerência com a filosofia proposta.

CAPÍTULO IV

COOPERATIVISMO DE ENSINO: DAS CONTRADIÇÕES ÀS POSSIBILIDADES

"Apenas quando educamos o coletivo podemos contar com descobrir uma forma de organização sua em que a personalidade individual possua ao mesmo tempo a maior disciplina e a mais ampla liberdade"

(MAKARENKO, A.S.)

Na trajetória deste estudo, inicialmente esboçou-se a proposta do mesmo; houve a contextualização do objeto da pesquisa; apresentou-se a discussão teórica que fundamenta a análise realizada nesta parte; e arrolou-se os projetos executados que constituíram tal dissertação. Parte-se, no momento, para a apresentação das análises e críticas do cooperativismo de ensino, verticalizando-as à realidade estudada, a COOPENSINO. As análises foram orientadas no sentido de se perceber as contradições existentes no sistema de ensino cooperativista e levantar possibilidades para um funcionamento dentro de uma perspectiva progressista.

O item 1, O Cooperativismo de Ensino no Brasil, não é apresentado de forma mais aprofundada, uma vez que não foi objeto essencial do trabalho analisar o cooperativismo de ensino de um

modo geral no Brasil e em Goiás. No entanto, não se concebe a análise de uma cooperativa sem atentar-se, mesmo que de forma panorâmica, para segmentos nos quais se insere. O não aprofundamento deste tema justificou-se também pela escassa bibliografia na referida área e pela amplitude do assunto.

Na parte de análise dos projetos (item 2 do capítulo), houve a apresentação em forma de subitens, apenas para efeito de sistematização didática. Assim sendo, conforme já salientado, a perspectiva histórico-dialética norteou as análises propostas.

1. COOPERATIVISMO DE ENSINO NO BRASIL E EM GOIÁS

O cooperativismo, enquanto alternativa econômica em contextos históricos específicos, sob tal enfoque é também concebido como instrumento de desenvolvimento e de possível transformação social. Desta forma o cooperativismo tem sido interpretado a partir de seu duplo caráter: o de sociedade de pessoas e o de empresas.

Segundo DUARTE, alguns estudos abriram início à interpretação teórica do cooperativismo, enquanto fenômeno, analisando-o dentro da totalidade em que se encontra inserido. Assim sendo, o cooperativismo passou a ser analisado a partir de suas diversidades e, no caso do Brasil, segundo suas características

"sócio-econômicas globais e regionais."¹

Existem críticas quanto ao cooperativismo de ensino, no sentido de concebê-lo enquanto uma forma paliativa para resolução dos problemas educacionais no Brasil. Entende-se que o cooperativismo é produto do capitalismo e como tal já nasce perpetuando a concepção de uma ideologia liberal. Neste sentido se coloca como alternativa de redenção da sociedade e de superação das desigualdades sociais engendradas pelo capitalismo. A educação, por sua vez, em uma perspectiva ampla e democrática, no parecer de vários educadores, não deve restringir-se a alternativas para grupos específicos, e sim estender-se à toda a sociedade, enquanto um direito desta. O sistema de ensino cooperativista percebe a escola pública como um quadro caótico e irreversível e a escola privada como inviável, sob o ponto de vista econômico, justificando-se, portanto, a sua implantação e consolidação. A este respeito, assim se expressou NASCIMENTO:

*"As distorções e pobreza dos mecanismos educacionais, que redundaram na baixa qualidade do ensino, podem ser apontadas como fatores que têm estimulado a formação de cooperativas. Essas limitações de caráter estrutural funcionam como elemento impulsionador do esforço de organização de um grupo que visa reduzir o nível de deterioração do ensino de um lado, e diminuição do valor da mensalidade, de outro."*²

1 - DUARTE, Laura M.G. *Capitalismo & Cooperativismo no R.G.S. O cooperativismo empresarial e a expansão do capitalismo no setor rural do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, L&PM, 1986, p.13 e 15.

2 - NASCIMENTO, F.R. in.: *Informativo Copergel*, Barreiras-BA - Cooperativa dos Produtores de Grãos dos Gerais Ltda, Setembro, 1992, p.12.

O discurso apresentado para a implantação de tais instituições é o de possibilitar um ensino qualificado e de baixos custos. Assim sendo, grupos específicos, respaldados por instituições consolidadas ou por pessoas influentes nas regiões onde surgem tais cooperativas, quer sejam de influências políticas ou profissionais, implantam as cooperativas de ensino.

A idéia de um ensino de qualidade e de baixo custo é facilmente propagada, e em curto prazo é possível contar com um número suficiente de adeptos para a composição do quadro social de uma cooperativa (20 pessoas). Entretanto, logo após a sua criação, percebe-se a dificuldade de alcançar os objetivos para os quais estas escolas foram fundadas. Daí surge o descontentamento do cooperado, quando os rateios de despesas mensais acabam se assemelhando às mensalidades de escolas privadas, conforme aponta LIMA:

"...as escolas particulares só definem o seu valor após a decisão da cooperativa de ensino, estipulando valores inferiores, confirmando que na realidade a nova escola não é a mais barata".³

Também a pesquisadora aborda a questão de que a maioria das Cooperativas de Ensino não possuem sede própria para seu funcionamento. Tal fato leva ao aumento dos rateios mensais, o

3 - LIMA, M. Gasparina. *Cooperativas de Ensino em Goiás: em busca de uma nova escola*. Monografia de especialização em Administração de Cooperativas, OCG/UCG, 1992, p. 42.

que irá contradizer a proposta inicial destas instituições.⁴

O sentido imediatista de ter-se uma escola qualificada, de baixos custos, deixa para segundo plano questões relevantes relacionadas ao cooperativismo, já que se trata de uma cooperativa. Deste modo, a criação de cooperativas de ensino a partir de grupos específicos deveria cumprir a função social de apresentar, em formas legais, os requisitos de um bom plano pedagógico. Assim sendo cita-se mais uma vez, devido a sua importância, as críticas levantadas por NASCIMENTO sobre as cooperativas de ensino na Bahia:

- a) *inadequação dos estatutos sociais*
- b) *dissociação total ou parcial das questões pedagógicas*
- c) *imediatismo das propostas*
- d) *ausência de conteúdo filosófico e doutrinário na maioria dos casos*
- e) *forte componente político-ideológico, em oposição à neutralidade preconizada na lei*
- f) *inexistência de objetivos e metas a médio e longo prazo.*⁵

Se a escola cooperativista se consolida com a finalidade de sanar dificuldades encontradas no sistema de ensino, tanto na rede pública quanto na particular, envolvendo desde as questões econômicas até as deficiências pedagógicas propriamente ditas, ela teria a obrigação de traçar princípios, objetivos e métodos que superassem as distorções por ela apontadas nas demais insti-

4 - *Idem, Ibidem, p.39-40.*

5 - *NASCIMENTO, F.R. Op. Cit.,1992,p.12.*

tuições. Não basta ter o nome de Escola Cooperativa, mas é preciso questionar em que nível está sendo suscitada a cooperação e o processo de socialização do homem. Estas questões, para uma educação cooperativista no sentido aqui proposto, abrangem um universo mais amplo do que apenas ser uma cooperativa de ensino no sentido, atualmente, mais empregado.

Na conjuntura atual, vários são os problemas enfrentados pelo Cooperativismo Escolar. Estes vão desde o desconhecimento dos fundamentos e objetivos do cooperativismo e de uma cooperativa escolar, pelos diretores e docentes, até às questões pedagógicas indispensáveis para a realização de um trabalho pedagógico que venha, de fato, caracterizar a escola cooperativista. Segundo LIMA, é preciso questionar a eficiência de tais escolas, uma vez que, em Goiás, foi possível observar a queda no número de matrículas em várias cooperativas de ensino (Vide Quadro II - Capítulo II). Somente a visualização de tais problemas poderá levar à uma redefinição dos métodos pedagógicos utilizados nas escolas cooperativistas.

Uma educação cooperativista em uma sociedade capitalista exigirá das cooperativas de ensino maiores esforços, e tal tarefa se amplia se tais escolas educam para a cooperação. Todas as escolas devem criar condições ao indivíduo para construção de sua cidadania como algo a ser conquistado, e não doado na sociedade capitalista. O discurso no meio cooperativista preconiza a formação dos aspectos morais da cooperação, quais sejam, a solidarie-

dade, a ajuda-mútua e a valorização da pessoa humana. Entretanto, tais valores usualmente permanecem apenas no papel. O que se assiste é aquilo que NASCIMENTO colocou: "*forte componente político-ideológico, em oposição à neutralidade preconizada na lei.*"⁶

Quando observada a questão da neutralidade, segundo os princípios de Rochedale, o que se percebe é uma escola cooperativista passiva e conservadora que, no seu silêncio, apenas reforça o sistema social vigente. O que se espera de uma escola cooperativista nesta proposta é uma escola questionadora, crítica e que, pelo próprio princípio da cooperação, reivindicará melhores condições sociais para todos os indivíduos.

As cooperativas de ensino no Brasil foram e são marcadas por alguns princípios, educacionais comportamentalistas e tecnicista⁷, onde se pode observar em suas leis e princípios termos como "*comportamento*", "*nivelamento*" e "*treinamento*" em suas propostas; "*inculcar*" (decreto 22.239, art.34); atribuição de reforços ("*pontos*" na carreira), para professores que gerencias-

6 - Idem, *Ibidem*, p.12.

7 - A Abordagem Educacional Comportamentalista ou Behaviorista tem como seu principal expoente B.F.SKINNER. Caracteriza-se pelo primado do objeto (empirismo); a educação se preocupa com aspectos mensuráveis e observáveis; o conteúdo transmitido visa objetivos e habilidades que levem à competência; o aluno é considerado como recipiente de informações e a escola é considerada agência educacional que deverá adotar forma peculiar de controle de acordo com os comportamentos que pretende instalar.(Cf.MIZUKAMI, M.Graça N. Ensino: As Abordagens do Processo, São Paulo, E.P.U.,1986, p.19-31.

Uma educação Tecnicista tem como função modelar o comportamento humano, através de técnicas específicas. Segundo LIBÂNEO, "*a escola atua no aperfeiçoamento da ordem social vigente (o sistema capitalista), articulando-se diretamente com o sistema produtivo, para tanto emprega a ciência da mudança de comportamento, ou seja a tecnologia comportamental*" (LIBÂNEO, J.C. Democratização da Escola Pública - A Pedagogia Crítico Social dos Conteúdos. São Paulo, Loyola,1990, p.28-29).

sem as cooperativas na década de 40 e 60 em São Paulo; a questão da ênfase da neutralidade (apresentada nas críticas por NASCIMENTO e nos princípios de Rochedale). Segundo GOULART, "Admitir a neutralidade da ciência é, pois, negar a influência ideológica sobre um produto social."⁸

Sobre esta questão SCHNEIDER afirma que no cooperativismo é recomendado uma neutralidade político partidária e não uma neutralidade pura e simples. Desta forma considera

que:

"o cooperativismo deve estar ao lado de outras entidades da sociedade civil na luta pela defesa dos interesses dos seus associados e da comunidade em geral. Portanto, a "neutralidade" cooperativista nada tem a ver com "neutralidade" científica do funcionalismo positivista"⁹

Apesar da constatação destes elementos nas cooperativas de ensino, o que predomina é uma orientação da educação voltada para uma escola ativa¹⁰. Em levantamento bibliográfico acerca de cooperativas escolares, ainda que escasso a respeito da realidade brasileira, observou-se que as propostas e experiências registradas quanto à propostas pedagógicas para as instituições coopera-

8 - GOULART, Iris B. *Psicologia da Educação - Fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica*. Petrópolis, Vozes, 1987, p. 158.

9 - SCHNEIDER, J. Odelso. Parecer sobre o trabalho cooperativismo de ensino: das contradições às possibilidades em busca de uma pedagogia histórica dialética cooperativista - agosto/1994, p. 4 e 5.

10 - Para LIBÂNEO, *Métodos Ativos, Escola Nova e Pedagogia Ativa pertencem à Pedagogia Renovada*. (Cf. LIBÂNEO, J.C. *Didática*. São Paulo, 1991, p.62.) Segundo este autor o método ativo tem como passos básicos: a) colocar o aluno numa situação de experiência que tenha um interesse por si mesma; b) o problema deve ser desafiante, como estímulo à reflexão; c) o aluno deve dispor de informações e instruções que lhe permitam pesquisar a descoberta de soluções; d) soluções provisórias devem ser incentivadas e ordenadas, com a ajuda discreta do professor; e) deve-se garantir a oportunidade de colocar as soluções à prova, a fim de determinar sua utilidade para a vida. (Cf. LIBÂNEO, J.C. *Democratização da Escola da Pública - A pedagogia crítico-social dos conteúdos*. São Paulo, Loyola, 1990, p.26.

tivistas referem-se essencialmente aos métodos ativos, remetendo-se ainda aos princípios da Escola Nova. A concepção de Escola Nova foi assim explicitada por LIBÂNEO:

" a educação é o resultado da interação entre o organismo e o meio através da experiência e da reconstrução da experiência. A função mais genuína da educação é a de prover condições para promover e estimular a atividade própria do organismo para que alcance seu objetivo de crescimento e desenvolvimento. Por isto a atividade escolar deve centrar-se em situações de experiência onde são ativadas as potencialidades, capacidades e interesses naturais da criança. O currículo não se baseia nas matérias de estudo convencionais que expressam a lógica do adulto, mas nas atividades e ocupações da vida presente, de modo que a escola se transforme num lugar de vivência daquelas tarefas requeridas para a vida em sociedade. O aluno e o grupo passam a ser o centro de convergência do trabalho escolar."¹¹

Continuando, o autor apresenta ainda,

O movimento escolanovista no Brasil se desdobrou em várias correntes embora a mais predominante tenha sido a progressivista. Cumpre destacar a corrente vitalista, representada por Montessori, as teorias cognitivistas, as teorias fenomenológicas e especialmente a teoria interacionista baseada na psicologia genética de Jean Piaget. Em certo sentido, pode-se dizer que o tecnicismo educacional representa a continuidade da corrente progressivista, embora retemperado com as contribuições da teoria behaviorista e da abordagem sistêmica de ensino."¹²

Ainda sobre sobre a Pedagogia Nova apresenta-se as colocações de SAVIANI, que verifica a contraposição entre esta Peda-

11 - LIBÂNEO, J.C. *Didática*. 1991, Cortez, p. 62.

12 - *Idem*, *ibidem*, p. 63.

gogia e a Tradicional ao afirmar que a primeira deslocou,

*"o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento; do aspecto lógico para p psicológico; dos conteúdos cognitivos pra os métodos ou processos pedagógicos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade; do diretivismo para o não-diretívismo; da quantidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência da lógica para uma pedagogia de inspiração experimental baseada principalmente nas contribuições da biologia e da psicologia."*¹³

Tais princípios, em um primeiro momento, parecem acasalar-se bem como proposta de uma cooperativa de ensino. NAGLE, ao estudar o escolanovismo no Brasil, analisando documentos sobre programas para Jardim de Infância e Escolas Primárias no Distrito Federal, observou nestas escolas os seguintes princípios:

*"A escola nova se propõe, por uma forma de vida e de trabalho comum, a ensinar a viver em sociedade e a trabalhar em cooperação. O aluno não deve exercer a sua atividade isoladamente, mas quanto possível, em grupos, em que a realização e a responsabilidade de um trabalho sejam atribuídas a vários indivíduos, para se habituarem a agir em cooperação, afirmando a sua personalidade, com espírito de disciplina coordenador de esforços individuais..."*¹⁴

Os princípios de Rochedale (Capítulo II), que norteiam a fundamentação filosófica do cooperativismo também contêm orienta-

13 - SAVIANI, Demerval. *Escola e Democracia*, São Paulo, Cortez, 1984, p.13.

14 - NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo, E.P.U/MEC, 1976, p.256.

ção de cunho escolanovista como: adesão livre, um homem um voto, educação permanente, cooperação intercooperativa. Também DRIMER e DRIMER, (Capítulo II), ao apresentarem as vantagens educativas das cooperativas escolares, conforme já citado neste trabalho, apresentam-nas nesta vertente:

*"a) Desenvolvimento de diversos aspectos que configurem a personalidade; b) Desenvolvimento do sentido solidário e preparação para a vida em sociedade; c) Complementação e aperfeiçoamento da aprendizagem; d) Formação de futuros cidadãos; e) Preparação de futuros associados e dirigentes de cooperativa de adultos"*¹⁵

Voltados para os fundamentos e métodos ativos, pode-se citar NERICCI, também já apresentado neste trabalho, que propõe as seguintes etapas para organização das cooperativas escolares:

*"1) Descobrimto da situação ; 2) Definição e formulação do Projeto ; 3) Planejamento e levantamento de dados sobre Cooperativas Escolares; 4) Execução; 5) Avaliação do Projeto"*¹⁶

SCHINEIDER, ao abordar a questão da relevância e da comunicação para a democracia cooperativista, cita alguns tratadistas, dentre os quais HENRI DESROCHE, que propõem uma nova metodologia que visa a transformar a atividade educacional em atividade verdadeiramente cooperativa. Assim sendo, DESROCHE, ao expor os princípios a serem seguidos, apresenta idéias tais como: *"priorizar o fazer cooperativo; autoformação-ação; trabalho ativo, cria-*

15 - DRIMER, A. e DRIMER, B. Las cooperativas escolares, Buenos Aires, Intercoop, 3ª ed. 1987, p.53-61.

16 - NERICCI, I. in. *Hacia una Didáctica General Dinámica* - Kapeluz, Bs.As., 1973, p.249. *apud*. MAGGIO, Mirta M. & LASAGNA, M. Cristina. *La Cooperativa en La Escuela*, Buenos Aires, Intercoop, serie manuales n.21, p.36.

dor e independente; capacidade de criar e de agir nos diferentes campos do conhecimento e da técnica"¹⁷. Continuando neste raciocínio ele afirma:

"Estabelecer uma atividade educativa progressiva, que não tenha como pré-requisito uma formação acadêmica anterior, para facilitar uma formação personalizada que constitua sua própria escola.

Valorizar a experiência e o conhecimento adquirido pelo adulto e particularmente pelos atores cooperativos e autogestionários, através de um trabalho de avaliação e incorporação das experiências passadas.

*...combinar experiência, criatividade, exercício trabalhista e necessidade cognoscitiva com um meio de formação capaz de exercer a cooperação, a solidariedade, a responsabilidade e, também, cumprir eficientemente com as experiências de uma formação assistida e séria."*¹⁸

Ainda sobre tal aspecto, há o caso da COOPEN (Cooperativa de Ensino de Rio Verde - Go) que adota a proposta de MONTESSORI¹⁹, alegando que seu método considera o ambiente "tão importante que o torna o centro de toda a construção pedagógica". Continuando, a COOPEN afirma que segundo este método,

"A liberdade no ambiente é qualidade sem a qual o processo de educação jamais se desenvolverá, pois

17 - SCHNEIDER, J.Odelso. *Democracia, Participação e Autonomia Cooperativa*. São Leopoldo, Unisinos, Perspectiva Económica, v.26, nº 72,73 - Cooperativismo, 1991, p.173.

18 - Idem, *Ibidem*, p.173.

19 - Método Montessori, foi criado no início deste século, pela educadora italiana Maria Montessori, cujo ensino é centrado na criança. Os princípios deste método são: liberdade, atividade, vitalidade e individualidade; e o material didático é bastante diversificado e tem por finalidade cultivar a atividade dos sentidos; Quanto aos trabalhos, os alunos recebem sempre reforços como "parabéns", "muito bem", etc... O brinquedo é enfatizado. Segundo PILETTI, este método *é de inspiração individualista, isola o indivíduo de seu meio e dissocia a atividade mental de suas fontes históricas e sociais.* (Cf.PILETTI, Claudino. *Didática Geral*. São Paulo, Ática, 1989, p.108-110.)

*educar para a liberdade significa dar a ela condições de autoderminação, de forma que ela possa escolher com discernimento o que é melhor para si."*²⁰

Na análise do cooperativismo de ensino em Goiás não se pode deixar de abordar também a questão da preparação pedagógica dos profissionais que atuam na referida área. Alguns diretores destas escolas não têm formação adequada para o cargo. Isto pode ser constatado no caso da CEDEL - Cooperativa de Ensino de Édeia - Ltda e da CEP - Cooperativa de Ensino de Pontalina que segundo LIMA, : *" Em virtude do pedido de demissão da diretora da escola, hoje, a secretária geral acumula funções..." e " A direção desta escola é de resposabilidade do Sr...., odontólogo na cidade."*²¹

Um fato importante a ser mencionado é que no interior goiano a maioria das cooperativas de ensino surgiram geralmente em cidades cujas cooperativas de produção já se encontravam estruturadas, e, muitas destas, apoiaram e participaram na implementação das cooperativas de ensino. Tal situação provocou, em alguns casos, dificuldades quanto ao posicionamento do cooperado em ambas as instituições, ou seja, às diferenças quanto à participação numa cooperativa de produção e na de ensino, que possuem características e qualificação para o trabalho diferenciadas.

20 - COOPEN - Publicação da Cooperativa de Ensino de Rio Verde - Ltda, Rio Verde, Outubro de 1991, p.9.

21 - LIMA, M.Gasparina. Op. Cit.p.49.

Outro fato percebido nas cooperativas do interior goiano foi sua própria tentativa de sobrevivência, à medida em que, sendo uma novidade, necessitaram não somente atrair clientela, como também mantê-la. Desta forma, as cooperativas de ensino, em muitos casos, acabaram por provocar hostilidade por parte das demais instituições educacionais já existentes, criando inclusive, um clima de competição, contraditório à suas próprias diretrizes. Tal concorrência também está presente na composição do quadro docente. LIMA aponta que:

*" Os profissionais que trabalharão nesta escola são escolhidos com cuidado e, caso a diretoria julgue que a cidade não os tem, serão buscados em lugares mais próximos. Este fato veio gerar ansiedade e animosidade entre os profissionais e escolas locais. Desta forma a nova escola apresenta-se como marginalizada e marginalizadora de uma categoria profissional."*²²

Continuando, ela afirma:

*"...a concorrência para obterem o melhor quadro de professores, acaba fazendo com que em todas as escolas da cidade o quadro profissional será o mesmo ou permanece a lacuna, por não se ter professores."*²³

Atualmente não tem sido visto um maior intercâmbio das cooperativas de ensino em Goiás, no sentido de discutirem situações comuns. Sendo elas num total de 9 (nove), e praticamente com quase as mesmas idades, o que deveria haver seria um maior inter-relacionamento, cumprindo não apenas um dos princípios do

22 - Idem, Ibidem, p.40.

23 - Idem, Ibidem, p.51.

cooperativismo, que é a cooperação inter-cooperativa, como também, uma tentativa de discutir e encontrar soluções para as suas variadas dificuldades. O número de encontros com esta finalidade tem sido reduzido. O que se presencia, neste momento, é um clima de incerteza no que diz respeito à sobrevivência destas instituições. Assim, tentam ser as melhores, e para tal, suscitam em alguns casos, muito mais a competição entre elas mesmas e com as demais escolas, do que a cooperação propriamente dita.

2. COOPENSINO: ANÁLISE DE UMA TRAJETÓRIA

Esta etapa do trabalho constituiu-se em um momento de suma importância uma vez que foi também através da análise dos projetos para a COOPENSINO que se extraiu subsídios para a proposta de uma pedagogia histórico-dialética cooperativista. Tal análise apresenta as contradições detectadas, atentando-se para um pensar crítico que segundo MARCUSE, *"não cessa, mas assume nova forma. Os esforços da razão voltam-se para a teoria social e para a prática social"*²⁴

A COOPENSINO nasceu da idéia de um grupo de pessoas que, devido à conjuntura econômica atravessada pelo país, acreditou que uma cooperativa de ensino poderia solucionar a questão do alto custo da escola privada. Houve, portanto, em sua criação, o

24 - MARCUSE, Herbert. *Razão e Revolução*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, p.39.

interesse em solucionar primordialmente a questão econômica e não a pedagógica. Não foi realizado um diagnóstico mais sistematizado para a implantação da escola, e nem uma pesquisa mais aprofundada para a devida criação e funcionamento de uma escola desta natureza. Contratou-se funcionários habilitados na área de educação para realizarem o trabalho pedagógico. Diretor e Coordenadores Pedagógicos, que compuseram o quadro funcional, foram todos pedagogos especializados nas respectivas áreas que ocuparam. Tanto a escola quanto a cooperativa foram se estruturando quase que simultaneamente.

A inexistência de uma preparação e/ou esclarecimento prévio dos cooperados, sobre o funcionamento de uma cooperativa, cerca de 79.84% dos cooperados conforme a pesquisa realizada (Projeto XII), justifica o próprio descompromisso e/ou omissão do cooperado/pai em relação às decisões posteriores da COOPENSINO. A ausência do cooperado na maioria das reuniões e assembléias retardou, quando não complicou, providências que em outras escolas particulares seriam agilizadas através de procedimentos mais diretos. A ausência do cooperado pôde ser percebida por exemplo, em 1993, quando à 1ª Assembléia compareceram 58 (27,62%) cooperados e em uma realizada em outubro desse mesmo ano 51, e na última de 1993, 43 (20,47%) cooperados. Por estes dados, percebe-se não apenas a diminuição da presença ao longo do ano, como também a baixa presença a todas elas, uma vez que neste ano havia 210 cooperados com filhos matriculados na COOPENSINO.

O não envolvimento total dos cooperados na escola pôde também ser observado quando da decisão de mudança da escola para uma sede própria. Esta mudança era esperada, uma vez que o prédio não atendia às necessidades da escola, mas poucos se empenharam em consolidá-la, resultando na perda de grande parte de seu alunado. Estes não queriam deslocar-se do bairro de residência para frequentarem escola em outro local. Isto ocasionou o fechamento de um turno da escola. No início do ano de 1993 havia 434 alunos matriculados e agora em 1994 217, evidenciando-se a redução do número de alunos. Tal fato resultou também na diminuição da credibilidade na administração da cooperativa, o que pode ser percebido pelos depoimentos dos cooperados, uma vez que houve o anúncio do fato e o não cumprimento do mesmo. A não realização da mudança é mais um dos reflexos da falta de comprometimento dos cooperados com a COOPENSINO, uma vez que tal situação poderia ter ocorrido se houvesse uma mobilização dos mesmos.

A inexistência de uma preparação prévia no que concerne ao cooperativismo estendeu-se também ao professorado. 95,00% dos professores da escola, além de não possuírem formação especializada em cooperativismo, não possuíam também conhecimento dos conteúdos essenciais sobre a realidade em que iriam trabalhar, tais como: regimento escolar, documento que contenha a proposta pedagógica devidamente registrada e o estatuto da cooperativa. O que o professorado ouviu, em discursos iniciais sobre a escola, foi que a quantidade de alunos seria decisiva na definição do valor de seu salário. A todo momento o professor percebia que a sua

remuneração estava relacionada ao número do alunado na escola.

A COOPENSINO percebeu, após seu primeiro ano de funcionamento em 1992, a existência de lacunas a serem superadas. Tal fato foi evidenciado pelo convite a esta pesquisadora para trabalhar a questão do cooperativismo na instituição. Pensou-se em um trabalho para Organização de Quadro Social, em que o cooperado deveria repensar seu papel e assim participar efetivamente das decisões da cooperativa e ainda da escola. A especialista em cooperativismo deveria orientar os professores acerca do assunto e dos fundamentos da cooperação, para trabalharem com os alunos, nesta mesma perspectiva. A disciplina cooperativismo deveria ser implantada numa tentativa de resgatar uma série de preocupações e necessidades percebidas no âmbito da instituição, naquele momento.

A realidade inicial estava posta. Cooperados desinformados sobre cooperativismo e com isto, de seus direitos e deveres; professores sem um conhecimento para a construção do perfil do educador cooperativista e sem motivação para tanto; alunos provenientes de escolas particulares e que agora, numa cooperativa de ensino, assumiam a postura de donos da escola tentando dificultar as questões disciplinares. Enfim, a necessidade de redefinição de papéis, e o traçar de metas para um trabalho coletivo, tanto a nível de um plano para a cooperativa, como no de redimensionar uma prática pedagógica voltada para a cooperação.

Em tal contexto, o convite a uma especialista em cooperativismo para este trabalho possibilitou o desencadear de refle-

xões que vieram identificar as contradições até então existentes. Várias atividades foram planejadas, tanto para os cooperados/pais, quanto para coordenadores pedagógicos, professores e alunos, as quais foram apresentadas no Capítulo III, sob a forma de projetos. A seguir serão analisados alguns aspectos relevantes de tais projetos, em relação aos elementos que constituem a escola, à luz da perspectiva teórica proposta e apresentada no Capítulo III. Para efeito didático serão apresentados separadamente, sendo que na prática não ocorreram dissociados.

2.1 - Os Professores

Foram desenvolvidos 5 projetos para o envolvimento de professores. São eles: Projeto I (CEFUNBB - A Proposta de uma Pedagogia Social Cooperativa); Projeto II (Palestra para Professores - Cooperativismo e CEFUNBB); Projeto V (I Intercâmbio Pedagógico - Orientações aos Professores sobre Registro de Experiências); Projeto IX (II e III Intercâmbio Pedagógico - Discussão de Comportamentos de Professores na COOPENSINO); e Projeto XII (Pesquisa - COOPENSINO).

No Projeto I previu-se um "treinamento" de professores, onde a coordenação pedagógica tinha a intenção de proporcionar uma formação de professores na área de cooperativismo. Pretendia-se com ele a construção em treinamento de um educador cooperativista, no sentido comportamentalista do termo. No entanto, o mesmo não ocorreu.

Apesar de os professores terem se mostrado interessados, a princípio, no decorrer do ano letivo, com o desgaste do discurso de melhoria salarial em função de número de alunos, da inexistência de um plano de cargos e salários, do não pagamento de horas extras, quando convocados para cursos e reuniões, desanimaram-se, e desacreditaram com a proposta da COOPENSINO. Conseqüentemente, tal fato provocou a não participação dos professores com a escola de forma total. As dificuldades dos professores referentes às melhores condições de trabalho, impossibilitaram que os mesmos se envolvessem efetivamente com a proposta de transformação da escola cooperativista e ainda na construção do perfil deste tipo de educador.

Através dos depoimentos iniciais coligidos após a Palestra (Projeto II), e no decorrer das atividades do ano letivo de 1993, percebeu-se um sentimento de frustração nos professores. Ao entrar na escola cooperativista um professor imaginou que não haveria formação de grupos menores no interior da escola, por pressupor a vivência de uma concepção de cooperação. No entanto, houve a formação dos mesmos. Além disso, o professor, não tendo dedicação exclusiva nesta escola, não pôde participar de todas as atividades propostas, o que dificultou não apenas os planejamentos coletivos, como também a própria integração do grupo.

Outro fato a ser mencionado e constante nos depoimentos iniciais, foi o de uma professora, que no primeiro contato com o

trabalho desta pesquisadora, expressou seu entusiasmo, motivação e credibilidade quanto à proposta de ser uma educadora cooperativista. No entanto, dois meses depois saiu da escola, insatisfeita com o salário.

Os primeiros depoimentos dos professores, portanto, permitiram que no decorrer do trabalho se percebesse as propostas e as contradições da escola, em relação à conjuntura econômica do país. Daí foram levantadas as seguintes questões: é possível pensar um ensino cooperativista no sentido aqui proposto quando as decisões trabalhistas e salariais são sempre definidas de cima para baixo? São individualistas e não coletivas? É possível a um educador motivar em sua sala para a cooperação e ao mesmo tempo buscar a sua salvação na base do "cada um por si e Deus por todos"? Aos poucos o cenário das contradições existentes entre a filosofia cooperativista e a prática da instituição escolar foi se delineando tal trabalho.

Os intercâmbios pedagógicos foram as atividades propostas pela escola afim de sugerir encaminhamentos mais participativos acerca das decisões pedagógicas. Constituíram-se em momentos de suma importância para o desenvolvimento de um trabalho mais cooperativo. A princípio, dentro da perspectiva de uma pesquisa-ação, pensou-se na intervenção no sentido de estimular o grupo de educadores para a elaboração de uma pedagogia específica para a escola cooperativista. A participação do professor seria a de relatar sua atividade profissional e identificar os elementos que

pudessem contribuir para um ensino que articulasse os conteúdos escolares à prática da cooperação. Entretanto, não houve compreensão e nem disposição dos mesmos para se envolverem neste projeto.

A proposta para os professores, de um Registro de Experiências (Projeto V), estabelecendo a articulação acima citada, não foi plenamente realizada. Os professores não se mostraram motivados a elaborarem relatórios para este fim. Possivelmente não compreenderam a importância e/ou necessidade de tal trabalho. Talvez não o tenham realizado devido ao acúmulo de atividades. Também não foram cobrados de forma incisiva por parte desta pesquisadora. Foram entregues apenas alguns da pré-escola e da 1ª fase, cuja coordenação de área tornou a atividade obrigatória. Isto demonstra que não houve motivação dos professores em realizar a atividade proposta.

No decorrer do ano letivo de 1993, os Intercâmbios Pedagógicos tornaram-se inviáveis para os professores. Isto devido ao fato de serem marcados fora do expediente normal de trabalho e também porque, a princípio, tais atividades não eram contadas como hora-extra. Ainda que no II Intercâmbio o número de participantes tenha sido menor que o anterior, foi realizado com êxito. Em um Diagnóstico Participativo ocorrido neste intercâmbio, o próprio professor detectou que as relações de trabalho na COOPENSINO foram neutras no sentido de indiferentes, distantes, com disputas e com falta de contato entre as pessoas. Nelas havia

relações de subordinação, mas contraditoriamente, havia a ajuda ao outro.

Foram solicitadas também aos professores opiniões sobre suas coordenações, para assim fazerem críticas e apresentarem sugestões. A mesma solicitação foi feita com respeito ao serviço de psicologia escolar, à área de cooperativismo e à direção. Muitas das propostas apresentadas pelos professores nortearam os trabalhos posteriores da coordenação pedagógica, bem como da área de cooperativismo e de psicologia escolar.

Uma sugestão importante dos professores foi a de se fazer um estudo sobre o *Construtivismo* e o *Cooperativismo*. É importante o aprofundamento dos dois temas, uma vez que a COOPENSINO utiliza-os como princípios a serem seguidos pela escola. Deve ficar claro em que medida o construtivismo é compatível com a proposta da escola de formação do indivíduo cooperativo. Sugeriu-se fazer-se um intercâmbio específico para tratar deste assunto.

A avaliação do encontro (1ª Etapa do Projeto IX) foi feita oralmente, sendo solicitado que em uma palavra expressassem seus sentimentos em relação a este intercâmbio. As palavras mais utilizadas foram: *Integração, Proveitoso, Rico, Válido, Gostoso, Objetivo, Participativo, Ótimo, Aliviante, Esperançoso e Concretização*.

Nos Intercâmbios Pedagógicos posteriores houve ausências e falta de motivação, até que deixaram de ocorrer. A escola

cooperativista necessita ser pensada de forma que possibilite aos sujeitos nela inseridos uma formação em que a subjetividade dos mesmos, ou seja, sua individualidade, seja respeitada e valorizada. Deste modo sua integração com o grupo será instrumento de motivação para a construção constante da escola e de si mesmo.

A possibilidade de resgatar a subjetividade do indivíduo, no caso a do professor da COOPENSINO, seria mediante a apreensão daquilo em que ele pudesse contribuir para compor o perfil de um educador cooperativista. Verificou-se, no entanto, que a relação deste educador com seu ambiente de trabalho, no exercício de suas atividades, e pelas circunstâncias externas, as quais contribuíram para a formação de atitudes foi contrária ao que se esperava, isto é, não houve cooperação entre os professores.

Na Pesquisa-COOPENSINO (Projeto IX), havia uma preocupação de se obter o maior número de informações profissionais sobre os professores. Assim a pesquisa teve como objetivo conhecer o perfil do mesmo, verificar o seu nível de conhecimento sobre o cooperativismo, identificar o grau de satisfação em relação à instituição, perceber as impressões sobre as relações de trabalho na COOPENSINO e coletar sugestões para melhoria da administração. Além destes objetivos o questionário foi veículo para as reivindicações dos professores.

Dos 26 professores do ano de 1993, somente 20 responderam ao questionário. Esta atitude poderia demonstrar desinteresse

de alguns a respeito das questões administrativas, enquanto que outros viram o questionário como mecanismo para mudanças.

Em alguns dados coletados, detectou-se que o professor da COOPENSINO era um profissional que se encontrava na faixa etária de 21 a 45 anos; 57.69% destes profissionais eram graduados, dos quais 15.39% possuíam pós-graduação; 26.92% estavam cursando graduação e 15.39% possuíam apenas o magistério. Destes professores, 65.00% já haviam lecionado tanto na rede pública, quanto na rede privada de ensino. Ao serem questionados sobre seus níveis de conhecimento com relação à escola cooperativista, obteve-se o seguinte resultado: 60.00% disseram não ter conhecimento de seu funcionamento desta e 40.00% afirmaram conhecê-la.

Quando questionados a respeito da diferenciação entre uma cooperativa de ensino e demais escolas, 70.00% dos professores afirmaram existir diferenças entre estas, as quais foram exploradas neste questionário a partir de questões como: remuneração, valorização profissional, relações de trabalho e percepção do papel de docente na escola. Quanto a uma formação específica na área de cooperativismo, 95.00% dos professores sentiram esta necessidade.

Na pesquisa pôde-se também, obter do professor sua avaliação quanto ao trabalho da direção e a coordenação pedagógica. Solicitou-se ainda indicação das melhores formas para se conduzir um trabalho junto com a área de cooperativismo e serviço de psicologia escolar, tendo sido sugeridas várias formas práticas de

viabilização de tal trabalho. Os resultados da pesquisa foram apresentados posteriormente para o quadro docente, onde foi possível discutir com os mesmos as prioridades e metas para melhorar o trabalho pedagógico na COOPENSINO. Naquele momento foi evidenciado o interesse do professor em que fossem consolidadas as perspectivas enfocadas nos resultados desta pesquisa. Vislumbrou-se, assim, uma motivação dos professores para participarem de um trabalho coletivo, e pareceu ter havido um resgate da credibilidade dos mesmos com relação à esta instituição. É importante ressaltar que, naquele momento, a cooperativa atravessava um período de mudança de presidência, num processo conflitivo para a escola.

2.2 - Equipe Técnico-Pedagógica²⁵

O trabalho desenvolvido com a equipe técnico-pedagógica da escola constituiu-se em uma parte muito importante nesta proposta. Ele teve como objetivo o planejamento e o desenvolvimento das atividades da escola, a implementação de uma nova forma de pensar a mesma e o refletir constante acerca do que estava sendo desenvolvido na área pedagógica, associada ao cooperativismo. Assim sendo, todos os projetos elaborados pela pesquisadora passaram pela discussão, avaliação e aprovação dos mesmos pelo grupo. As atividades consideradas compatíveis com os princípios es-

25 - A Equipe Técnico-Pedagógica da COOPENSINO, segundo seu Regimento Escolar, é composta por : coordenações pedagógicas, coordenações de áreas, serviço de psicologia escolar, auxiliares de disciplina e corpo docente. Entretanto, nesta parte, quando for apresentado o termo técnico-pedagógico, o mesmo será entendido como a equipe de apoio à direção da escola. Ela se compõe dos seguintes elementos: direção, coordenações pedagógicas (incluindo área de cooperativismo) e serviço de psicologia escolar.

tabelecidos neste processo eram incentivadas; às vezes modificadas, quando não o atendiam completamente; e retiradas caso não se coadunassem com as diretrizes propostas. Foi por este motivo a utilização da linha de pesquisa deste trabalho, a pesquisa-ação.

Os profissionais mencionados tinham uma função específica a desempenhar na escola, mas dada às peculiaridades de uma instituição desta natureza, ao mesmo tempo que contribuía a partir de suas respectivas formações, eram também sujeitos de transformação devido à reflexão realizada com os demais membros da equipe. Os encontros realizados semanalmente permitiram, além da elaboração do planejamento coletivo das atividades pedagógicas, discussões sobre o trabalho desenvolvido, e também auto-avaliações.

O Projeto IV (Plano de Ação Administrativa - Área de Cooperativismo) sistematizou as atividades pedagógicas a serem trabalhadas durante o ano, por cada uma das áreas envolvidas, mas em inter-relação com as demais. As atividades previstas no referido projeto foram cumpridas de forma satisfatória, tendo esta equipe entendido a importância de um trabalho desta natureza. Houve interesse em elaborar uma proposta pedagógica específica para esta cooperativa de ensino.

Foram cumpridas as atividades propostas no Plano de Ação pela equipe técnico-pedagógica. Isto devido a vários fatores: trata-se de uma equipe que se preocupou em ampliar seus conheci-

mentos em educação; são educadores com uma experiência profissional maior; estão na cooperativa desde a sua fundação; são pessoas mais comprometidas que outros componentes da COOPENSINO; e almejam a implantação de uma nova prática pedagógica para a escola.

Outro projeto diretamente relacionado ao referido grupo e que é considerado o projeto mais importante para a escola, referiu-se à Elaboração da Proposta Pedagógica da COOPENSINO (Projeto XIII). Tratou-se do planejamento para a sistematização de sua filosofia, diretrizes, e objetivos da proposta pedagógica da escola. Ele é a concretização do Projeto I (CEFUNBB: A Proposta de uma Pedagogia Social Cooperativa). O Projeto XIII encontra-se em andamento e com algumas alterações.

No ano de 1993, a área de cooperativismo conseguiu atingir seus objetivos junto à equipe técnico-pedagógica, conforme mencionado. Mesmo assim esta área deverá ter aprofundadas as suas reflexões com o término do Projeto XIII acima citado. Para este ano urge que os encontros tenham a mesma seriedade anterior, uma vez que tal equipe se propõe elaborar todas as atividades coletivamente e em consonância com os aspectos cooperativistas. Percebeu-se após um ano de trabalho nesta escola que é necessário a institucionalização desta área em Regimento Escolar e a devida contratação de um especialista em cooperativismo. A condição deste elemento apenas como pesquisador e não como um profissional contratado pela escola, dificulta que algumas medidas sejam acatadas. Pode-se exemplificar a elaboração do novo projeto pedagó-

gico, que na concepção da pesquisadora era prioridade, mas que não ocorreu nos prazos previstos devido a outras atividades da escola.

A psicóloga, que elaborou um trabalho de implantação do serviço de psicologia escolar na escola, enfrentou dificuldades quanto à execução de seu trabalho. Isto quer por questões relacionadas à administração da cooperativa, quer pela incompreensão dos outros elementos da escola sobre o seu papel e importância na mesma. Em todo o trabalho com pais tal serviço atuou juntamente com a área de cooperativismo. Assim a psicóloga participou na organização de tais atividades com pais e também com professores e na execução dos encontros com estes. Sua importância junto ao trabalho da área de cooperativismo foi também de fornecer subsídios à especialista desta área, quanto à percepção das reações à situações vivenciadas. Esta constituiu-se em um elo entre área de cooperativismo e os demais componentes da escola, tanto pela sua condição de psicóloga, como pela carga horária maior que lhe permitia maior contato com os elementos da escola.

O serviço de psicologia escolar e a área de cooperativismo tiveram seus trabalhos interrompidos em julho de 1993, em função da dispensa das responsáveis pelas mesmas. Tais trabalhos foram retomados em setembro do mesmo ano, pela pesquisadora e em outubro pela psicóloga, atrasando desta forma as atividades previstas, o que veio prejudicar o andamento das mesmas.

A equipe tecnico-pedagógica vivenciou e vive a cooperação no sentido proposto por este trabalho. Há um partilhar de responsabilidades em que a troca de conhecimentos tem permitido uma percepção crítica da cooperativa de ensino, e a viabilização de uma educação verdadeiramente cooperativista. O ato educativo no cooperativismo de ensino deve ser pensado a partir da relação teoria/prática, onde a cooperação deverá permear todas as atividades pedagógicas. Isto não como algo imposto, ou doutrinário mas sim como práxis. Nesta perspectiva este grupo expressou interesse e motivação para participar da elaboração de uma pedagogia histórico-dialética cooperativista para a COOPENSINO, em uma situação de práxis.

2.3 - Os alunos

Os projetos elaborados para a área do cooperativismo tiveram como meta básica o aluno, uma vez que ele se constitui em objetivo da existência de uma escola. Entretanto, a maioria destes projetos, visaram a atingir o aluno. Isto ocorreu quer trabalhando com os professores, quer com a coordenação pedagógica e direção e quer ainda com os pais. Os projetos que atingiram mais diretamente o aluno foram o III (Planejamento de Ensino para a disciplina: Cooperativismo) e mais de perto ainda o XII (Pesquisa-COOPENSINO).

Desta forma, no primeiro ano de trabalho, para sistematização de uma proposta pedagógica cooperativista, o que se pre-

tendeu foi trabalhar com os pais, com a direção, com a coordenação pedagógica e professores, sobretudo o da disciplina cooperativismo. O trabalho não está concluído, e portanto, ainda não se pode ter dados sobre os reflexos desta proposta no aluno. A pesquisa realizada com os mesmos, e descrita a seguir, comprovou que não se aprofundou um trabalho na área do cooperativismo, o que deverá ocorrer a partir do ano de 1994.

Na Pesquisa-COOPENSINO os alunos responderam a um questionário que teve como objetivos conhecer o perfil do aluno na escola, seu entendimento acerca da cooperação/cooperativismo, e suas sugestões para melhoria da escola. Através dos dados da pesquisa, bem como do trabalho junto aos profissionais que atuavam diretamente com o aluno, foi possível elaborar a análise geral da percepção do aluno em relação à COOPENSINO.

O alunado da COOPENSINO, como foi dito anteriormente, apresenta um nível sócio-econômico médio (69.77% dos pais são bancários), é proveniente, 84,62% de escolas particulares, sendo que apenas 9.13% desta clientela já estudou em uma escola pública. Uma questão foi levantada para verificar se, na opinião do aluno, a escola cooperativista era ou não diferente das demais instituições por ele conhecidas. Verificou-se também que 87.02% dos alunos considera a COOPENSINO diferente das demais escolas em alguns aspectos como por exemplo: relacionamento professor/aluno, conteúdo, didática, organização da escola, espaço físico, dentre outros.

Quanto à opinião do aluno sobre o desempenho do professor e diferenciação do mesmo com os profissionais de outras escolas, 76.56% dos alunos perceberam diferenças dos docentes da COOPENSINO em relação aos das outras escolas. Consideraram dentre as especificidades de sua escola a forma dos professores se relacionarem com eles e a parte didática, como por exemplo, que tais professores explicavam bem a matéria. As respostas variaram, de acordo com as respectivas séries.

Foi investigado também o grau de conhecimento do aluno sobre a diferença entre a Escola Pública, a Escola Privada e a Escola Cooperativista. Detectou-se que 66.83% não sabiam a diferença e os 33.17% que diziam saber são, em sua maioria, alunos de 8ª série. Muitos não souberam explicar as diferenças.

Ao serem questionados a respeito do conhecimento sobre cooperativismo, 45.19% dos alunos disseram ter algum conhecimento sobre o assunto, 27.88% têm poucas informações e 20.67% dizem ser conhecedores de muitas informações.

Perguntou-se também sobre a opinião a respeito da proposta de implantação da disciplina cooperativismo. Para 72.60% dos alunos ela foi considerada importante e, somente 5.77%, considerou-a dispensável.

O alunado que diz perceber diferenças entre a COOPENSINO e as demais escolas, sob aspectos tais como conteúdo, relação professor/aluno, didática e espaço físico, relaciona estes aspectos às questões como a cooperação ou escola cooperativista. Entretanto eles não possuem elementos teóricos formadores desta consciência cooperativista. Assim, se os professores parecem ser mais amáveis e ministram bem suas aulas, foi percebido pelo aluno como sendo relacionado a uma proposta específica do cooperativismo de ensino. Percebeu-se mais uma vez que não havia ainda na escola a preocupação em estabelecer elementos diferenciadores dela e das demais instituições. Neste sentido é que se evidenciou que a escola cooperativista apresentava-se, naquele momento, com uma proposta semelhante às encontradas no atual sistema educacional, no que se refere aos alunos.

É preciso relembrar que na época da pesquisa, outubro de 1993, a disciplina cooperativismo não estava sendo ministrada. Também percebeu-se que tópicos específicos sobre o cooperativismo, repassados aos professores, que por sua vez deveriam ser trabalhados com os alunos, não o foram da forma proposta.

Os dados coletados nesta pesquisa tornaram-se material para o trabalho da coordenação pedagógica, que teve a oportunidade de verificar o quadro docente sob a ótica do aluno e também avaliar seu desempenho junto aos mesmos, uma vez que os mesmos atribuíram conceitos à ela. Os alunos assim apresentaram suas percepções sobre os profissionais da escola. Assim sendo, houve

reinvidinças, sugestões, elogios, críticas, sendo possível observar como o aluno percebia as relações de trabalho na escola e verificar como era possível intervir na mesma.

Quanto ao entendimento sobre o próprio conceito de cooperação, as respostas variaram também de acordo com cada série. Observou-se, desta forma, características peculiares do ponto de vista do desenvolvimento intelectual dos alunos. O que se pode resgatar sobre a concepção geral do alunado é que a cooperação está basicamente associada com: *auxílio, colaboração, ajuda, divisão de bens, apoio aos outros, trabalhos em grupos, amizade, compreensão, participação, democracia, solidariedade, ajuda mútua, interesse pelos outros, união e amor*. Tais conceitos estão atualmente sendo resgatados pelo professor da disciplina cooperativismo, utilizando-se as tabulações específicas de cada turma, com o objetivo de que cada educando forme um conceito a partir de uma reflexão sobre suas atividades, dentro e fora da escola.

Esta pesquisa, que teve boa receptividade por parte dos alunos, permitiu um conhecimento do perfil dos mesmos na COOPENSINO, naquele momento, e estes expressaram que se sentiram importantes ao serem consultados sobre assuntos referentes à escola.

Os alunos foram também veículos de comunicação entre pais/cooperados e escola, para entrega e recolhimento dos questionários e estimularam os mesmos à cooperarem neste processo.

Concluindo, o que se pode vislumbrar quanto aos resultados deste trabalho realizado por esta pesquisadora (1 ano), é que foi preliminar diante das necessidades e do que se pretende atingir na área de cooperativismo. Algumas características foram percebidas nos alunos neste ano e descritas por professores e coordenadores pedagógicos tais como: interesse pelo assunto, maior participação nas aulas; maior questionamento e capacidade de reivindicar. Mas não se pode afirmar com certeza que estes aspectos sejam resultantes diretos do trabalho desenvolvido, apesar de ser inegável que houve na escola ações relacionadas ao cooperativismo.

2.4 - Os pais/cooperados

O cooperado, em uma cooperativa de ensino, possui um papel mais amplo que ser apenas pai de aluno. Uma cooperativa de ensino espera que os pais tenham conhecimento acerca da proposta educacional da escola e que contribuam no sentido de efetivá-la.

O papel previsto para os pais na COOPENSINO é o de serem elementos de divulgação consciente da escola afim de aumentar o número de alunos da mesma, de serem responsáveis pelo crescimento da instituição, de propagarem uma mentalidade cooperativista na sociedade, além do acompanhamento escolar junto aos filhos, ga-

rantindo a viabilização da proposta educacional deste tipo de ensino. No Estatuto da COOPENSINO, o conselho pedagógico, que é composto por pais, diz em seu Artigo 37, que compete a este conselho o seguinte:

- "a) planejar, coordenar, orientar, acompanhar, controlar e supervisionar, assistir e avaliar o processo pedagógico dos Estabelecimentos de Ensino da Cooperativa
- b) designar as diretorias de cada Unidade de Ensino
- c) traçar a política educacional
- d) definir os métodos e tecnologia a serem aplicados nas Unidades de Ensino."²⁶

Ao dar início às suas atividades, a COOPENSINO pensou no cooperado como um agente mobilizador, empenhado no sentido de dar encaminhamentos às questões relacionadas a situações de ordem organizacional da escola tais como: condições materiais para funcionamento, manutenção, divulgação e crescimento. Neste sentido no Estatuto da COOPENSINO, Capítulo II, pode-se encontrar os seguintes objetivos sociais desta cooperativa:

Parágrafo 1° - O estímulo, o desenvolvimento progressivo e a defesa de suas atividades educacionais e de ensino de caráter comum, relativos ao cônjuge, filhos e demais dependentes dos cooperados;

Parágrafo 2° - Criar, organizar, manter e dirigir unidades dedicadas ao ensino e educação de alunos, através

26 - Estatuto da Cooperativa de Ensino de Goiânia Ltda - COOPENSINO, p.18.

de curso completo, em qualquer grau, em consonância com a legislação brasileira; pode também instituir cursos técnicos, profissionalizantes ou quaisquer outros de caráter cultural e oferecer instrução artística e esportiva.

- Parágrafo 3°** - Celebrar convênios com entidades especializadas, públicas ou privadas, e aperfeiçoamento técnico profissional para os cooperados, seus dependentes e empregados, participando inclusive de campanhas de expansão do Cooperativismo;
- Parágrafo 4°** - Supervisionar a aquisição, na medida em que o interesse social o aconselhar e a necessidade educativa o exigir, de material educacional, para fornecimento a seus cooperados, filhos, dependentes legais e funcionários;
- Parágrafo 5°** - Promover o ensino do Cooperativismo, que será desenvolvido através de metodologia aplicada a todas as matérias curriculares;
- Parágrafo 6°** - O funcionamento escolar e a assistência técnica educacional sem qualquer objetivo de lucro;
- Parágrafo 7°** - A admissão de alunos de ambos os sexos sem restrições por motivo de raça, nacionalidade ou religião;
- Parágrafo 8°** - Promover e desenvolver a pesquisa educacional, bem como registrar e divulgar os resultados desta produção intelectual."²⁷

Diante da necessidade de viabilizar a efetiva participação dos pais nas decisões da COOPENSINO, estruturou-se um trabalho na área de cooperativismo, em que os pais/cooperados constituíram-se em metas fundamentais. Assim sendo dos 13 projetos elaborados nesta área na escola, 6 se destinaram diretamente aos pais. Os projetos para a realização destas atividades, apresentados no Capítulo III foram: IV (I Encontro de Pais - Apresentação

27 - Idem, Ibidem, p.1-2.

da Proposta Pedagógica da CEFUNBB); VII (II Encontro de Pais - Integração e Levantamento de Propostas); VIII (Elaboração e Discussão do Plano Estratégico para COOPENSINO); X (Participação no Jornal COOPENSINO); XI (Avaliação do I Semestre); e XII (Pesquisa-COOPENSINO).

Na primeira reunião de pais do ano de 1993 (Projeto VI), na parte referente à participação dos pais, apresentou-se a Proposta Pedagógica da CEFUNBB que foi recebida com entusiasmo pelos mesmos. Em tal encontro sugeriu-se para os próximos encontros uma metodologia que propiciasse uma construção coletiva de metas. Que os pais/cooperados fossem os elementos importantes no encaminhamento das decisões na cooperativa. Procurou-se proporcionar aos cooperados a abertura para participação nas decisões. Estes mostraram disposição para participar efetivamente da cooperativa.

No Projeto VII - Integração e Levantamento de Propostas, que ocorreu no II Encontro de Pais, houve um diagnóstico participativo, levantando expectativas e dificuldades para a sistematização de uma proposta de trabalho. Foi percebida a existência de problemas em relação às lideranças. Na avaliação deste encontro, percebeu-se a satisfação e o interesse dos mesmos em continuarem com este trabalho, cuja proposta direcionaria para o crescimento e a participação dos mesmos na construção desta cooperativa. Entretanto, é preciso ressaltar que, compareceram ao encontro apenas 25 cooperados dos aproximadamente 200 que possuem filhos na escola.

O Projeto VIII - Elaboração e Discussão do Plano Estratégico para a COOPENSINO, que ocorreu nos Encontros de Pais subsequentes, foi importante, uma vez que atingiu o objetivo maior que era o de envolver o cooperado na elaboração de metas a serem desenvolvidas na cooperativa. O Planejamento Estratégico, ao ser elaborado coletivamente, permitiu que as pessoas se comprometessem com o grupo, no sentido de executar as tarefas, havendo inclusive distribuição das mesmas entre os cooperados. Houve, portanto, interesse e participação dos mesmos durante a realização destas atividades. Segundo os cooperados, *"foi a partir deste momento que a Cooperativa começou a viver um momento novo"*. Entretanto, situações posteriores, como a súbita mudança de presidência da cooperativa, a perspectiva de transferência da escola para uma sede própria em vias de construção, e incertezas provocadas em tais momentos, foram fatores que não promoveram a mobilização dos cooperados. Isto em todos, desde os que ocupavam cargos de lideranças até os demais, impossibilitando a efetivação de tal Planejamento.

O Jornal da COOPENSINO (Projeto X), uma das metas do Plano Estratégico, foi instrumento de comunicação entre escola/cooperados, apesar de se estender a todos os elementos da escola. Constitui-se em meio de divulgação da mesma, tanto na sua perspectiva pedagógica, quanto em sua organização como instituição escolar, sob forma de cooperativa. Em seu primeiro número, o

jornal apresentou muitas questões, as quais puderam ser repensadas, dentre estas: tentar um envolvimento maior de professores e coordenadores nas atividades da escola; programar com maior antecedência e coletivamente a pauta do jornal; possibilitar a participação de alunos de todas as séries na composição do mesmo; e repensar uma forma de envolver os cooperados neste tipo de atividade.

O artigo sobre Cooperativismo intitulado "Carta Aberta aos Cooperados" (Anexo 2.6), marcou o início de uma parte do Jornal destinada à informação e conscientização dos cooperados no que concerne à prática cooperativista, especificamente em uma Cooperativa de Ensino. Tal artigo, todavia, pôde posteriormente ser repensado em alguns aspectos não mencionados nele e em outros revistos pelo aprofundamento teórico do tema. Por exemplo: que o cooperativismo de ensino, apesar de ser uma inovação na área educacional, constitui-se em uma das alternativas para a resolução dos problemas da educação e não como o "redentor" dos mesmos, conforme pode ser pensado por alguns; que os cooperados, por sua vez, devem contribuir para a construção deste tipo de escola no que concerne aos seus aspectos materiais, mas sem intervirem nos aspectos filosóficos e pedagógicos. Quanto a este último aspecto, o artigo reforçava a participação dos pais na escola em todas as áreas da escola.

O segundo artigo, "A Escola de Nossos Sonhos", (Anexo 2.7) publicado no 2º Jornal COOPENSINO em novembro de 1993, teve

a finalidade de informar ao cooperado a situação atual e as perspectivas no âmbito do cooperativismo de ensino, conclamando-o mais uma vez à participação na mesma. Assim informou-os sobre a realização de uma pesquisa na escola, procurando apresentar uma perspectiva crítica do cooperativismo de ensino, na tentativa de envolver o cooperado neste processo. Estes jornais foram considerados veículos eficazes de divulgação da cooperativa, uma vez que foram distribuídos fora da mesma e continuam circulando até o momento.

Na pesquisa realizada na COOPENSINO, (Projeto XII), que se estendeu também aos pais, constatou-se que a maior parte dos mesmos se encontrava na faixa etária de 30 a 39 anos (44.96%); também foi verificado que 61.24% destes são bancários do Banco do Brasil, e 30.23% de outras categorias profissionais. Quanto ao número de cotas adquiridas, 39.53% possuíam 2 cotas, seguido de 34.88% que possuíam 3 cotas. Nem sempre o cooperado possui filhos na escola, o que significa a aquisição de cotas como forma de investimento.

Através da pesquisa verificou-se também que, ao associar-se à cooperativa, o cooperado partiu de expectativas específicas. Questionado sobre estas, em relação à COOPENSINO, verificou-se o seguinte: 34.38% estavam pleiteando um ensino mais barato, 33.93% queriam alcançar um ensino qualificado, 21.43% disseram acreditar na filosofia cooperativista, 9.38% queriam participar na construção de uma escola, e somente 0.89% apresentou outra

razão. Assim sendo, deve-se questionar qual o verdadeiro papel do cooperado em uma cooperativa de ensino, já que o discurso do cooperativismo é que a cooperativa se institui para atingir objetivos comuns e o que se percebeu nesta questão foi o número variado de expectativas. Normalmente, o que se observa em tais instituições é que nem sempre o que o cooperado espera da cooperativa é o que esta espera dele. Nos estatutos da COOPENSINO encontram-se os direitos e deveres do cooperado, embora não enfoque com maior profundidade o ponto de vista da escola. A participação dos pais às reuniões facilitaria o trabalho educativo no sentido de orientá-los para obter-se uma maior coerência entre o trabalho escolar e familiar.

Ainda na pesquisa, constatou-se que 70.84% deles pouco ou nada conhecem sobre o cooperativismo. Percebeu-se, também, pela convivência com os mesmos, a dificuldade destes em vivenciarem a cooperação. Tal situação foi detectada também em Assembleias em que, através de atitudes e discursos expressos, evidenciou-se competição, rivalidades e busca de poder, elementos que não condizem com a cooperação. Além disso o próprio número reduzido de participantes nestas reuniões demonstra a falta de envolvimento do grupo.

Foi questionado se os mesmos desejariam receber formação cooperativista. Para isto foram apresentadas as seguintes alternativas, caso sua resposta fosse afirmativa: 1) curso básico, 2) curso de formação cooperativista e administração empresarial,

3) material didático, 4) outra sugestão. 65.89% dos pais tiveram interesse em receber formação cooperativista, sendo que 34.44% optaram por um curso básico e 32.22% por um curso mais especializado. A elaboração de um curso para cooperados foi uma das metas traçadas no Plano Estratégico para a COOPENSINO.

Quanto à satisfação do cooperado em relação ao que ele esperava da COOPENSINO, detectou-se que 51.94% afirmou que a escola estava correspondendo às suas expectativas, porém 37.98% disseram que estas somente foram atendidas em parte. Os fatores relacionados à insatisfação dos pais foram motivo de reavaliação por parte da direção e da coordenação pedagógica quanto ao trabalho desenvolvido. Perguntou-se também aos pais se estes se viam como responsáveis e integrantes no processo de consolidação da cooperativa. 93.80% responderam entender-se como partes integrantes. Questionou-se, em caso afirmativo, as possíveis formas de contribuição do cooperado neste processo, apresentando-lhes alternativas. Suas respostas por ordem de classificação foram: 1) participar com os filhos nas atividades, 2) sugestões para melhoria da escola, 3) comparecimento a todas reuniões de pais, 4) divulgar a COOPENSINO e 5) acompanhar o trabalho pedagógico.

Questionou-se aos cooperados o nível de conhecimento dos mesmos sobre a proposta educacional da COOPENSINO. Os resultados foram os seguintes: 68.22% a conhecia mais ou menos, 17.05% não a conheciam e 14.73% se disseram conhecedores da proposta pedagógica desta instituição. A partir destes dados verificou-se, ainda,

que 38.76% perceberam a proposta como boa e que está sendo seguida, ao passo que 34.11% afirmaram que ainda era cedo para tirar conclusões. Perguntou-se também o nível de desejo do cooperado em conhecer melhor, a partir de uma apresentação mais detalhada, a proposta pedagógica, e o resultado foi que 92.25% dos cooperados a deseja. É importante salientar que tal proposta fora apresentada anteriormente em um dos encontros de pais.

O cooperado foi interrogado acerca da implantação da disciplina cooperativismo na escola. Assim 75.19% foi favorável a esta implantação, sendo que dos cooperados que não foram favoráveis, a explicação dada foi que o conteúdo desta disciplina poderia ser ministrado juntamente ao das demais. Quanto ao reflexo da filosofia cooperativista na vida do filho, 52,71% dos pais afirmaram que este ocorreu. Porém, 47.29% afirmaram que tal filosofia não refletiu em seus filhos.

Acredita-se que a participação da maioria dos pais nesta pesquisa, além de ter permitido o alcance dos objetivos propostos, serviu também como um veículo incitador de um maior envolvimento e participação dos pais na escola. Considera-se importante esta coleta de dados uma vez que os seus percentuais indicam a constatação de prioridades em relação aos objetivos a serem traçados. A trajetória da COOPENSINO neste ano de 1994 está sendo delimitada segundo tais informações. Percebeu-se, no entanto, que não houve uma concepção definida de Cooperativismo de Ensino entre os pais. Mesmo que alguns tenham considerado que a filosofia

cooperativista estava refletindo na vida do filho, não se pode afirmar com certeza que isto ocorreu. Tal fato é devido não apenas ao trabalho em cooperativismo com o aluno estar em fase inicial, como também à falta de maiores informações dos pais nesta área.

A maioria das metas estabelecidas para o ano de 1993 pelos pais não foi cumprida. Houve também, conforme já salientado, índice baixo de comparecimento dos mesmos às reuniões e trabalhos propostos. E ainda, momentos em que o próprio grupo de cooperados demonstrou ansiedades, angústias e críticas em relação aos rumos da cooperativa, considerando a falta de participação de um maior número destes. Uma contradição a ser apontada neste aspecto foi o próprio desconhecimento do cooperado acerca de seus direitos e deveres, do Estatuto da COOPENSINO, do Regimento Escolar e também de um novo projeto pedagógico.

A finalidade de envolver muito o cooperado nas atividades da escola, tendo na sua participação a própria viabilização das mesmas, já que ele é um dos seus sócios, foi considerada idealista. Isto devido à constatação de que apesar de o cooperado desejar, enquanto pai, uma escola que funcione bem, ele não se propõe envolver-se neste processo, não se sentindo, portanto, responsável por ele. Entretanto o próprio andamento deste trabalho, como também um aprofundamento teórico maior na perspectiva da dissertação, mostrou que os pais não têm condições técnico-pedagógicas para assumirem as funções propostas pelo Estatuto. Não

possuem um preparo profissional para estabelecer uma política educacional e nem para desenvolverem o processo. O que compete aos pais nesta proposta é criar condições financeiras e materiais para o funcionamento da escola. A responsabilidade da área pedagógica numa cooperativa de ensino deve ser de competência da equipe técnico-pedagógica da mesma.

No trabalho realizado na área de cooperativismo na COOPENSINO priorizou-se também os pais, por acreditar que os mesmos se constituíssem em metas básicas nas instituições de tal natureza. Convém ressaltar aqui que, quando esta pesquisadora foi convidada a trabalhar na escola, pensou-se inicialmente que seria na elaboração de uma proposta pedagógica na área de cooperativismo. Porém, em função da solicitação da presidência da cooperativa e de inúmeros problemas encontrados na escola (falta de mobilização dos pais, falta de motivação dos professores para trabalharem neste sentido, etc.) passou-se a enfatizar os pais, aspecto questionado no presente trabalho.

CAPÍTULO V

SUBSÍDIOS PARA A ELABORAÇÃO DE UMA PEDAGOGIA HISTÓRICO-DIALÉTICA COOPERATIVISTA

"O homem com a característica que possui, da práxis, não recebe passivamente as influências ambientais... a individualidade do homem, na visão socialista, é a de um homem ativo, que se envolve com o mundo, que nele recebe influências e que também deverá transformá-lo."

(MONTENEGRO, M.E.)

Neste capítulo serão discutidos os pressupostos histórico-dialéticos que devem fundamentar uma educação cooperativista, que, por sua vez, constituíram-se em categorias¹ que nortearam a reflexão crítica do cooperativismo de ensino afim de levantar subsídios que possibilitassem a introdução de uma Pedagogia Histórico-Dialética Cooperativista em uma cooperativa de ensino.

1 - O conceito de categoria explicitado neste estudo assume a seguinte definição: "*Em Ciência, as categorias correspondem à definição de atributos dos objetos para fins de classificação*". (Cf. Dicionário de Ciências Sociais, Rio, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1987.) As categorias constituem-se, portanto, em instrumento de compreensão de uma realidade social e, desta forma, relacionam-se, ao mesmo tempo com o real e o pensamento, ou seja, a todo o movimento no real e no pensamento. É na práxis que se expressam as categorias, sendo a dialética um processo e um movimento do próprio real.

Vários são os pressupostos histórico-dialéticos que poderiam subsidiar a análise de um fenômeno social. Entretanto, fez-se necessária a delimitação daquelas categorias que permitiriam uma maior compreensão do objeto aqui analisado, mediante os objetivos propostos.

O presente capítulo discute a cooperação na perspectiva apresentada por MARX, como fundamento do trabalho coletivo, possibilitando também a formação da consciência, da subjetividade do indivíduo a partir de sua práxis. Assim, a cooperação, a consciência e a práxis serão algumas das categorias dialéticas analisadas, uma vez que estas permitem compreender a escola cooperativista, verificando-se suas limitações e propondo novas formas de atuação para as cooperativas de ensino. cooperação além da observação do indivíduo neste contexto.

A consciência é analisada também com propósito de investigar a existência da individualidade do homem, ainda que se esteja tratando de cooperação como uma construção coletiva. Considera-se que tais situações não engendrem a perda desta dimensão do indivíduo, mas, ao contrário, ao serem resgatadas no presente estudo, permitam compreender sua importância para a construção do próprio social, neste caso uma cooperativa de ensino.

A dialética no ensino cooperativista é por sua vez tratada, sob alguns de seus aspectos: um deles, como uma forma de conhecer e pensar um fenômeno social, diferenciada de outras comumente utilizadas tais como as mecanicistas, lineares ou de cau-

sa e efeito; e outro, como categoria de estudo e de análise.

5.1 - Pressupostos teóricos da Pedagogia Histórico-Dialética Cooperativista:

Pensar a educação cooperativista tem como objetivo compreendê-la enquanto processo, e também como produto de relações sociais que, em um determinado contexto histórico, emergem com o intuito de satisfazer as necessidades do ser humano de viver e desenvolver-se em sociedade. Oferecer subsídios para a uma Pedagogia Histórico-Dialética Cooperativista, pressupõe além do conhecimento das cooperativas de ensino, o estudo dos teóricos que delinearão princípios e interpretaram a atividade pedagógica nesta perspectiva. O objetivo fundamental de uma nova proposta pedagógica será a articulação dos conteúdos escolares à práxis cooperativista, na perspectiva enfocada no presente trabalho.

A finalidade de tal estudo é a de mostrar que as instituições cooperativistas podem influenciar o modo de vida do indivíduo, ainda que o mesmo esteja inserido no contexto de uma estrutura social individualista e competitiva, como a capitalista. Tal influência será possível caso o indivíduo venha a aprender e a vivenciar novos valores que incentivem a cooperação.

5.1.1. A Cooperação e a Práxis no Ensino Cooperativista

A cooperação tem sua origem nos primórdios da humanidade, quando as sociedades agrárias já vivenciavam esta idéia, no

trabalho, na produção e na propriedade, resultando sempre em ações de caráter coletivo. Assim em uma economia de subsistência ocorria o desenvolvimento de uma mutualidade e, mesmo com o desenvolvimento populacional, as tribos, na escassez de alimentos, realizavam o escambo, que era a troca de bens entre si, num espírito de autodefesa.

São encontrados, nas diversas civilizações, inúmeros exemplos que revelam a cooperação no que concerne à realização do trabalho coletivo, permitindo, desta forma, a sobrevivência dos grupos. Pode-se exemplificar a exploração de terras na Babilônia, os enterros e sepulturas na Grécia Antiga, os colégios de Roma, as leitarias comunitárias na Armênia, as pastagens coletivas na Romênia, entre tantos outros.

Quando surge a desigualdade dos indivíduos, ou de grupos sociais, na participação da produção e distribuição das riquezas e dos bens materiais produzidos, a história do homem passa a ser marcada por constantes lutas sociais. Igualmente, outros fatores marcaram os movimentos sociais no sentido de alterar a situação de desigualdade entre os componentes de determinada sociedade, quais sejam, a cooperação e a ajuda mútua.

Com o advento da Revolução Industrial e a expansão do capitalismo como modo de produção dominante na Inglaterra, a idéia de cooperação esteve subjacente no Movimento Cooperativista que surgiu na época. Muitas propostas de cooperação, de intelec-

tuais do século XVII e XVIII, ocupavam-se não tanto com a crítica ao sistema econômico, mas com a elaboração de recomendações e projetos utópicos. Tais projetos resultariam, segundo estes intelectuais, na transformação da sociedade injusta.

LAKATOS define **cooperação**, sociologicamente, da seguinte forma: "*é o tipo particular de processo social em que dois ou mais indivíduos ou grupos atuam em conjunto para a consecução de um objetivo comum.*"²

A cooperação concebida como um processo social é um fenômeno social também que, por se tratar de processo, encontra-se em constante mutação. É, ainda, uma forma típica e básica de interação social, em que grupos ou indivíduos interagem e estabelecem relações e, nesse sentido, a cooperação pressupõe a passagem de uma condição ou estado social para outro. Assim, a cooperação é uma das características dos processos sociais chamados associativos, em contraposição aos dissociativos, como é o caso da competição, conflito, oposição, etc...

HIEBSCH & VORWERG citam a cooperação como processo social, segundo as deduções por eles realizadas a partir da análise feita por MARX do modo capitalista de produção. Também, que a cooperação existe sob a forma de processos econômicos (portanto,

2 - LAKATOS, Eva. M. *Sociologia Geral*, São Paulo, Atlas, 1977, p.89.

captáveis do ponto de vista do valor), mediante a interação social dos homens. Segundo estes autores, a *cooperação humana é ponto de partida básico da investigação psicossociológica; o seu objeto é a interação social.*³

Pode-se, ainda, observar as modalidades da cooperação a partir dos interesses e formas específicas em que ela se origina. Desta forma, tem-se a *cooperação espontânea* em que somente o interesse comum pelo fim visado é fato gerador da mesma (ex.: organização de uma festa); a *cooperação coercitiva*, aquela cuja existência baseia-se no temor das sanções (ex.: escravismo); há, ainda, a *cooperação formal*, cujas formas são organizadas, e a *informal* que se dá mediante impulsos e improvisos; existe também a *cooperação direta*, como o caso das cooperativas e por último, a *indireta*, que subjaz à divisão do trabalho.⁴

A cooperação pode ser apreendida também a partir de sua origem bio-psicológica. Assim, observa-se a existência de uma *cooperação baseada no reflexo*, em que há ações reflexas, como o caso das amebas que sobrevivem ao ficarem juntas. Há uma *cooperação instintiva* quando o trabalho só se realiza conjuntamente, como o caso das formigas e abelhas. Há a *cooperação pela sobrevivência*, que se dá conscientemente e, neste exemplo, tem-se a família; a *cooperação* pode ser ainda *progressiva*, à medida em que o

3 - HIEBSCH, H. & VORWERG, M. *Introdução à Psicologia Social Marxista*. Portugal, Novo Curso, 1980, p.37.

4 - YOSHIDA, Gláucia R.C. *Cooperativismo e Cooperação*. Texto mimeografado, apresentado no Curso de Cooperativismo e Administração Empresarial para a Cooperativa de Trabalho Médico - UNIMED, Goiânia, 1992, p.3.

indivíduo progride no próprio grupo e, finalmente, tem-se a cooperação altruísta, nível mais elevado de cooperação, uma vez que ela visa ao desenvolvimento próprio e de terceiros, como é o caso da sociedade cooperativa.⁵

Para compreender a cooperação, enquanto uma categoria que deverá fundamentar a educação cooperativista, bem como uma Pedagogia Histórico-Dialética Cooperativista, partiu-se da concepção de MARX. Segundo este autor, a cooperação no processo de trabalho é encontrada desde o início da civilização humana e fundamenta-se na propriedade comum dos meios de produção. A cooperação em larga escala, no mundo antigo, na Idade Média e nas colônias modernas, baseava-se em relações diretas de domínio e serviço. Por sua vez, o capitalismo pressupõe o trabalhador livre assalariado. Nesse sentido, MARX considera a manifestação da cooperação como uma forma histórica peculiar do processo de produção capitalista, que o distingue especificamente.⁶

Sob o enfoque de MARX, a cooperação poderá ainda ser apreendida enquanto uma categoria de análise. MARX propõe um método de análise científica, que parte do princípio de que o concreto é a síntese do diverso, isto é, no pensamento, o concreto se representa como a síntese de muitas determinações. Categoria é, portanto, entendida como um elemento, um componente destas

5 - Idem, *Ibidem*, p.3.

6 - MARX, *K.O Capital*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil S.A, 1989, p.383.

múltiplas determinações.

A categoria cooperação, poderá ser uma das abstrações realizadas para a compreensão do Cooperativismo enquanto Movimento Social⁷, bem como do ensino cooperativista. Além disto, tal categoria constitui-se em um princípio subjacente à própria divisão do trabalho. A cooperação é então analisada como categoria econômica, pois pressupõe a realização do trabalho coletivo, isto é, de uma força produtiva que é *força coletiva*. A cooperação poderá, portanto, ser considerada como uma categoria simples ou complexa, conforme a seguinte exposição de MARX :

*"as categorias simples são a expressão de relações nas quais o concreto menos desenvolvido tem podido se realizar sem haver estabelecido ainda a relação mais complexa, que se acha expressa mentalmente na categoria concreta, enquanto o concreto mais desenvolvido conserva a mesma categoria como uma relação subordinada."*⁸

Analisar a cooperação enquanto categoria econômica se faz necessário tanto para o entendimento do trabalho coletivo, como da divisão do trabalho, não apenas como expressão da sociedade capitalista, mas também como necessidade da natureza humana que é social. Nesta perspectiva percebe-se que no trabalho cole-

7 - Movimento Social é entendido neste estudo como: *"organização de um grupo para reivindicações e consolidação de interesses no âmbito social, a partir da integração de categorias e/ou classes sociais, onde a mobilização coletiva possibilita o enfrentamento de dificuldades"*. (Cf. YOSHIDA, Gláucia R.C. *Pensando a Escola Cooperativista em Busca de uma Pedagogia Social Cooperativa*. Artigo apresentado na disciplina Educação Escolar Brasileira, MEEB, Goiânia, 1992, p.5.

8 - MARX, K. "Posfácio".in: *Contribuição à Crítica da Economia Política*. trad. Florestan Fernandes. São Paulo, Flama, 1946, p. 219-31, *apud* KARL MARX - *Sociologia*. (org. Otávio Ianni, São Paulo, 1987, 5ª ed.pa.64.

tivo a categoria cooperação permeia a relação entre indivíduos que trabalham com objetivos comuns e definidos, ainda que dotados de diferenças individuais.

A cooperação enquanto categoria simples fornece, ainda, subsídios para o entendimento de relações mais complexas no âmbito da sociedade capitalista, dentre estas o próprio Movimento Cooperativista, o qual deve ser apreendido não apenas sob seu enfoque social, mas especialmente sob sua conotação econômica. Logo, a cooperação é, por assim dizer, uma das abstrações a serem realizadas para a compreensão de situações mais complexas, neste caso, o Cooperativismo.

Assim sendo, cooperação pode existir, e existiu historicamente, antes que existisse o Movimento Cooperativista, antes que existissem cooperativas e antes que existisse o ensino cooperativista. Deste modo, a cooperação é uma categoria simples, pois pode exprimir relações que já existiam antes que o todo tivesse se desenvolvido na direção que é expressa em uma categoria mais complexa, qual seja, o Movimento Cooperativista e o ensino cooperativista.

Segundo BOTTOMORE, não é encontrado, na obra de MARX, um tratamento sistemático da cooperação, no sentido de movimentos cooperativos ou de formas particulares de produção, embora haja referências ao assunto. MARX não condena em si, segundo este autor, a idéia de cooperativismo, mas as suas deformações, ou seja,

a forma como foram conduzidas as cooperativas da Prússia, apoiadas pelo Estado. Quanto à análise das cooperativas por MARX, não foram examinadas enquanto tais e por elas mesmas, mas como células de um modo de produção possível no futuro ("o modo de produção de produtores associados"), como é mencionado no terceiro livro de *O Capital*, possuindo sempre a perspectiva geral de emancipação da classe trabalhadora.⁹

O capítulo XI de *O Capital* é dedicado ao conceito da cooperação. Assim, MARX se posiciona: .

*" Chama-se de cooperação a forma de trabalho em que muitos trabalham juntos, de acordo com um plano, no mesmo processo de produção ou em processos de produção diferentes mas conexos."*¹⁰

Logo, a cooperação, ainda que tenha existido em modos de produção anteriores, no capitalismo pode ser sistematicamente explorada, uma vez que houve a disponibilidade de trabalhadores assalariados, reunidos em grande número (exército industrial de reserva) .

MARX aborda a questão das diferenças individuais no que concerne às forças de trabalho estabelecendo a idéia de um trabalho social em que muitos trabalhadores postos em movimento reali-

9 - BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*, Rio de Janeiro, Zahar, 1988, p.20.

10 - MARX, K. *O Capital Op. Cit.*, 1989, p.374.

zam a lei da produção do valor. Nesse sentido, chama a atenção não para a elevação da força produtiva individual através da cooperação, mas para a criação de uma força produtiva nova, a saber, a *força coletiva*. O que fica explícito é a *força social*, ou seja, a soma das forças mecânicas dos trabalhadores, produzindo o trabalho combinado.

A força coletiva de trabalho é mais do que a soma das partes que a constituem, uma vez que a cooperação deve ser vista em termos sociais e não reificados.¹¹ MARX analisa que o aumento do rendimento, através da cooperação, possui essencialmente duas causas: a *motivação para a atividade*, que pressupõe o estímulo para o esforço, tanto do indivíduo como do grupo, e a *coordenação* que se refere aos aspectos das funções de comunicação e liderança.

A partir destas considerações é que se percebe a relevância das seguintes afirmações de HIEBSCH & VORWERG:

*"...a cooperação só é possível se todas as pessoas participantes na cooperação visam o mesmo objetivo e o fazem com consciência de praticarem um ato voluntário"*¹².

11 - Entende-se por *reificação* o "ato (ou resultado do ato) de transformação das propriedades, relações e ações humanas em propriedades, relações e ação de coisas produzidas pelo homem, que se tornaram independentes (e que são imaginadas como originalmente independentes) do homem e governam sua vida." (Cf. BOTTOMORE, T. Op.Cit., 1988 p.314.)

12 - HIEBSH, H. & VORWERG, M. Op. Cit. 1980, p.175.

Os autores afirmam ainda que existem duas premissas da cooperação que são: "visar o mesmo objetivo" (1) com base no "voluntariado" (2). Tais premissas são denominadas por eles como *comportamento disciplinado da cooperação*.¹³ Observa-se, portanto, que os autores consideram o *comportamento disciplinado da cooperação* como a relação entre o trabalho e a motivação do indivíduo, isto é, a motivação deste para tal atividade.

Sob tais aspectos, pode-se compreender o ato da cooperação em seu aspecto psicológico à medida em que ela se constitui em elemento motivacional para a realização de um determinado trabalho. É preciso observar de que forma um ato cooperativo é realmente realizado, segundo o entendimento dos indivíduos de que a força social que nasce da cooperação não é voluntária e sim natural. Conforme MARX:

*"A força social, ou seja, a força produtiva duplicada que nasce da cooperação dos diversos indivíduos condicionados pela divisão do trabalho, não surge aos olhos desses indivíduos como a sua própria força conjugada, porque esta cooperação não é voluntária mas sim natural: aparece-lhes, pelo contrário, como uma força estranha situada fora deles, da qual não sabem de onde vem, nem para onde vai..."*¹⁴

O trabalhador individual difere muito pouco do trabalhador médio, sendo tais diferenças, no sentido matemático, chamadas de erro. Isto quer dizer que a medida em que o número de trabalhadores aumenta, as diferenças tendem a compensar-se ou desapa-

13 - Idem, *Ibidem*, p.175.

14 - MARX, K. *A Ideologia Alemã*. Estampa, 1975, p.44-45.

recerem. No entanto, as diferenças individuais permitem atribuir valores ao trabalho de um homem. É importante perceber também que, embora os indivíduos se esforcem coletivamente para a execução de determinada tarefa, realizando necessariamente a cooperação, suas atividades estarão ainda permeadas pela competição. No entanto, MARX relembra Aristóteles ao afirmar que "a natureza humana é social". Portanto, para MARX, os trabalhos individuais podem representar-se como partes do trabalho total.¹⁵

Ainda segundo MARX,

" a cooperação permite ampliar o espaço no qual se realiza o trabalho, sendo exigida por certos processos de trabalho em virtude da extensão do espaço em que se executa. É o que ocorre com a drenagem, com a construção de diques, com obras de irrigação, canais, estradas, ferrovias etc. Além disso possibilita que a produção, relativamente à sua escala, seja levada a cabo num espaço menor.¹⁶

Nesse sentido, a cooperação, enquanto categoria econômica, justifica a aglomeração de homens, eliminação de custos, bem como a conjunção de vários processos e a concentração de produção. Portanto, a jornada do trabalho coletivo é a força produtiva do trabalho social, permitindo, através da cooperação, que o trabalhador desfaça-se de sua individualidade e desenvolva a capacidade de sua espécie.

15 - MARX, k. O Capital. Op.Cit. 1989, p.377.

16 - Idem, Ibidem, p.379.

Ao mesmo tempo em que a cooperação justifica a aglomeração de homens, a conjunção de vários processos, a eliminação de custos e a concentração de produção, ela também adquire forças e mecanismos para permear as relações entre homens, no sentido de justificar a coesão dos mesmos para a própria realização do trabalho coletivo. É assim que a cooperação assume também um caráter ideológico, no sentido já definido neste trabalho, quando utilizada como instrumento que justifica uma coesão grupal para a realização de alguma tarefa, a qual vincula-se essencialmente às questões econômicas.

Desta forma, analisar a conotação ideológica da categoria cooperação faz-se necessário à medida em que o processo do trabalho coletivo permite não somente o estudo da cooperação, como também o da competição. Por conseguinte, a relação entre cooperação e competição pode ser entendida em um nível dialético, em que cada uma destas categorias se faz entender a partir da existência da outra, ambas se expressando uma na outra. Indivíduos e grupos inseridos num contexto mais amplo, para a satisfação de suas necessidades e aspirações, competem entre si, com maior ou menor energia. A competição é também uma forma de interação pela qual dois ou mais indivíduos ou grupos se esforçam para conseguir *um mesmo objetivo*, mas agindo separadamente. Esforçam-se para conseguirem vantagens uns sobre os outros, sem procurar, como no conflito, eliminar ou destruir o rival. A competição é geralmente impessoal, uma vez que, se considerada como pessoal, transforma-se em rixa.

Segundo LAKATOS, apoiada na definição de alguns sociólogos, a competição poderá ser conceituada como:

" a forma mais elementar e universal de interação, consistindo em luta incessante por coisas concretas... trata-se de uma contenda contínua (o que é certo) , inconsciente e impessoal."¹⁷

Pode-se então apreender a cooperação enquanto categoria ideológica, uma vez que ela pressupõe o estabelecimento de novos tipos de relacionamentos e atitudes, numa sociedade que é fundamentalmente marcada pelas diferenças e antagonismos sociais. Sob esta perspectiva é que se torna possível analisar o cooperativismo enquanto sistema econômico, isto é, sua consolidação mediante o respaldo ideológico que a cooperação poderá lhe propor.

Conforme HIEBSCH & VORWERG, no ato da cooperação realiza-se a determinação externa da psique humana, nomeada pelos mesmos de *determinação social*. Nesta perspectiva tais autores afirmam:

*"...o processo de cooperação é um encontro, um confronto entre condições de vida, as externas e as já interiorizadas; é o "ponto de partida" e o "ponto de retorno" das forças essenciais do homem".*¹⁸

17 - LAKATOS, E.M. Op. Cit., 1977, p.90.

18 - HIEBSCH, H. & VORWERG, M. Op. Cit.,1980, p.36.

Na sociedade capitalista o indivíduo tem, por um lado, a oportunidade de satisfazer suas necessidades, as quais são realizadas socialmente mediante o trabalho que é coletivo e, portanto, via cooperação e, por outro lado, o confronto das condições de vida. Neste sentido, afirma MARX:

*"A divisão social do trabalho faz confrontar-se produtores independentes de mercadorias, os quais não reconhecem outra autoridade além da concorrência, além da coação exercida sobre eles pela pressão dos recíprocos interesses, do mesmo modo que no reino animal a guerra de todos contra todos, o bellum omnium contra omnes, preserva mais ou menos as condições de existência de todas as espécies."*¹⁹

Desta forma é que, na análise da cooperação capitalista, MARX demonstra que o papel de um grupo humano é determinado pela sua função no trabalho associado. Nesse sentido, o progresso econômico é essencialmente propiciado por homens, através da cooperação concreta. Assim novas decisões tornam-se constantemente necessárias, criando-se objetos de cooperação, coordenação dos atos de cooperação e, finalmente, coordenando informações para que a cooperação tenha êxito no cumprimento de tarefas coordenadas. Neste processo de descrição da origem do capital, MARX assinala que vai surgindo a diferença, ou seja, o possuidor do dinheiro se torna capitalista no processo da valorização do valor²⁰

19 - MARX, K. Op. Cit. 1989, p.408.

20 - Idem, Ibidem, p.187.

A cooperação nesta perspectiva deverá ser vista enquanto processo, uma vez que se torna um dos fatores responsáveis pela hominização. Será agindo no mundo, ao mesmo tempo que recebe influência deste, ao lado de outros homens, compartilhando funções e refletindo sobre as mesmas, que o indivíduo estará se desenvolvendo. Um indivíduo cooperativo, na perspectiva marxista, é um sujeito que pensa e que conscientemente realiza suas atividades. MARX apresentou a atividade consciente, a práxis, como a possibilidade que o homem possui de modificar o mundo e, desta forma, a sociedade, o processo de sua história. Conforme citado por MANACORDA este processo significa para o homem:

*"apropriar-se da natureza de modo universal, consciente e voluntário, modificá-la e, ao modificar a natureza e seu próprio comportamento em relação a ela, modificar a si próprio como homem."*²¹

Para repensar a escola cooperativista, deve-se incentivar a questão da "força coletiva" do trabalho, enfocada por MARX, a fim de que haja o fortalecimento do grupo para reivindicações. Para isto todos os elementos da escola deverão apresentar-se de forma coesa na realização das atividades educacionais. Acredita-se que esta forma de agir levará a uma maior motivação para o trabalho. As atividades educacionais, em uma escola cooperativista, devem ser relações de troca, no sentido de ajuda mútua.

21 - MANACORDA, M.A. Marx e a Pedagogia Moderna, Cortez, 1991, p.126.

Na base da ajuda mútua encontra-se a auto-ajuda que para uma proposta pedagógica para uma Cooperativa de ensino, deve ser considerada uma orientação básica já que é um princípio norteador da filosofia cooperativista. Conforme SCHNEIDER,

*"Auto-aprendizagem que não dispensa nem despreza o saber e a experiência do mestre e dos maiores, mas que representa a participação efetiva e constante do aluno no processo de tal atitude, o aluno democraticamente cobra e exige qualidade do professor e da administração da Escola, mas num atitude de co-participação num processo comum de aquisição de conhecimentos e de experiência entre alunos/professores/pais/direção"*²²

Auto-aprendizagem, portanto, não do sentido do aluno ser único sujeito do seu conhecimento e de seu amadurecimento, mas no sentido de participação do processo ensino/aprendizagem. Desta forma o professor transmite os conhecimentos e os alunos os assimila de forma ativa, crítica e questionador.

Nesta instituição a cooperação é proposta também como forma teórica e não apenas prática. Ela será trabalhada em sala de aula em sua história, seus fundamentos e suas relações. Assim, unir-se-á teoria à prática e a educação constituir-se-á em práxis, integrando-se o *saber* e o *fazer*, onde os indivíduos possam reconhecê-los como fundamentais para um trabalho crítico. A práxis nesta escola é requisito fundamental para a formação de um indivíduo cooperativista, quer se trate de alunos, de professo-

22 - SCHNEIDER, J.O. Op. Cit. 1994, p. 2.

res, quer de pais/cooperados, uma vez que ela pressupõe o processo social de atividade material, não se referindo apenas às atividades individuais. Esta atividade coletiva ocorrerá através da cooperação. Assim se expressou LIBÂNEO sobre o assunto:

" A cooperação significa trabalho conjunto, auxílio, convívio fraternal entre professores, alunos e pais. A solução dos unilateralismos (o social ou individual) (...)Mas o sujeito da educação é o homem todo (...)requerendo uma ativa cooperação do aluno segundo a natureza própria de cada um."²³

Para SCHNEIDER, os valores e os princípios oferecem os referenciais axiológicos que motivam e irradiam o sentido ao que fazer cooperativo. Deste modo ele afirma,

"não é a mera praxis, mas a práxis inspirada em determinada teoria e em determinados valores e concepções do mundo, da sociedade e do homem, que permite fazer avançar o processo cooperativo"²⁴

A cooperação não é assim filantropia, em que a ajuda ocorre unilateralmente e nem se apresenta com uma conotação moralista, que a resgata como obrigação social. É necessário ainda cuidar para que ela não seja entendida com um enfoque ideológico, por exemplo, como única possibilidade para a atenuação de conflitos sociais. Uma educação cooperativista somente será possível se for resultante de uma atividade específica, coletiva, consciente

 23 - LIBÂNEO, J.C. *Fundamentos Teóricos e Práticos do Trabalho Docente - Estudo Introdutório sobre Pedagogia e Didática*. Tese de doutorado. São Paulo PUC, 1990, p.88-89.

24 - Idem, *Ibidem*, p. 3.

e livre, sendo caracterizada por ações transformadoras do mundo e do próprio indivíduo. Assim o educador cooperativista, o aluno e o pai/cooperado deverão estar cômnicos de seus respectivos papéis de cidadãos.

Há uma grande importância da cooperação em MARX e, portanto, para este trabalho é muito relevante, uma vez que nela pode-se encontrar a síntese da resolução do problema de determinação biológica do social x individual. Neste sentido expressam-se HIEBSCH e VORWERG, apoiados em MARX:

"...é supérfluo responder à velha polêmica sofista, da qual partiram duas tendências de desenvolvimento da psicologia social moderna: O que é primário, a sociedade ou o indivíduo? Este problema da galinha ou o ovo está mal posto. Isto já Marx respondeu há mais de cem anos com seu conceito de cooperação, que engloba a dialética do indivíduo e grupo ou sociedade."²⁵

Sob a perspectiva de a cooperação ser resultante de decisões necessárias para se concretizar e dar continuidade a um determinado processo produtivo é que esta poderá ser analisada, também, a partir da práxis. É preciso, inicialmente, expressar a conotação de práxis utilizada neste estudo, considerando a existência de variadas compreensões acerca deste termo.

25 - HIEBSCH, H. & VOR

Da mesma forma que se partiu da visão de MARX para apreender-se a categoria cooperação, historicamente situada, em suas variadas possibilidades de análise, parte-se também desta perspectiva no que concerne ao termo práxis, enquanto pressuposto que deverá fundamentar o ensino cooperativista.

Segundo BOTTOMORE, MARX, quando aborda o termo práxis descrito em sua forma positiva, em seus *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*, afirma que:

"a atividade consciente, livre, é o caráter da espécie do ser humano...a construção prática de um mundo objetivo, o trabalho, que se exerce sobre a natureza inorgânica, é a confirmação do homem como um ser de espécie consciente"²⁶

BOTTOMORE conclui que o significado de produção prática do homem (práxis) encontra também sua explicação no confronto entre a produção humana e a dos animais, onde apenas o homem é dotado desta possibilidade.

Em MARX, práxis é o critério de verdade do conhecimento²⁷, sendo tal conceito central em sua teoria, que inclusive recebe a denominação de filosofia da práxis. Segundo esta perspectiva, práxis pode ser concebida como a atividade material humana, que transforma tanto o mundo natural quanto o so-

26 - BOTTOMORE, Op. Cit. 1988, p.293.

27 - Critério de Verdade no sentido marxista do termo é a afirmação de que a pretensão à verdade é ou envolve a prática humana. Nos escritos de MARX e ENGELS *verdade* normalmente significa *correspondência com a realidade*. (Cf. BOTTOMORE, T. Op. Cit. 1988, p.403).

cial, tornando-o, desta forma, humano. No entanto a atividade aqui expressa não significa toda e qualquer ação, e sim uma forma de atividade específica, a atividade consciente, livre do homem. Apesar de serem encontrados na literatura marxista sobre o assunto práxis, trabalho, prática e até mesmo atividade praticamente como termos sinônimos, aqui, práxis será entendida no sentido exposto acima por MARX. Além disto, como uma atividade reflexiva e crítica e ainda como uma ação transformadora do mundo.²⁸

Uma outra forma de abordar o termo práxis pode ser encontrada em VASQUEZ que propõe seu estudo a partir do nível de consciência da práxis pelo sujeito. Nesta abordagem, este autor classificou práxis como *espontânea* e *reflexiva*. Na primeira há um baixo grau de consciência da práxis, à medida em que a prática é percebida apenas para o atendimento de necessidades imediatas. Na segunda, por sua vez, refere-se à consciência da práxis mais elevada, pois há uma maior atividade da consciência, a qual constituiu-se em condição para uma práxis criadora²⁹. Para VASQUEZ a

28 - Assim, continua BOTTOMORE ao abordar este assunto: "As definições de práxis vão desde o seu enfoque simplesmente como atividade humana por meio da qual o homem modifica o mundo e a si mesmo, até outras mais desenvolvidas, que introduzem as noções de liberdade, criatividade, universalidade, história, futuro, revolução, etc." Idem, *Ibidem*, p.295.

29 - VASQUEZ, Adolfo. *Filosofia da Práxis*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p.285-286.

práxis reflexiva é transformadora e revolucionária³⁰, e somente desta forma é possível o conhecimento da realidade.

WITTICH aborda práxis como prática, no sentido marxista, afirmando que esta "*se refere sempre à totalidade do processo social de atividade material e não às atividades individuais.*"³¹

No ensino cooperativista, proposto neste estudo, a práxis tende a ser direcionada mais para a perspectiva de uma práxis grupal, conforme termo utilizado por LANE³². Ao analisar a questão da práxis grupal LANE afirma que, da negação ideológica do individualismo³³, emergirá uma contradição, que ela denomina de periférica, pela qual, no nível das determinações concretas e da vivência subjetiva, poderá nascer ou não um tipo de consciência prática, capaz de engendrar qualquer práxis grupal.³⁴

30 - Práxis revolucionária é mencionada por MARX nas *Teses sobre Feuerbach* da seguinte maneira: *A coincidência da transformação das circunstâncias e da atividade humana ou auto-transformação só pode ser concebida e racionalmente entendida como práxis revolucionária.* (Cf. BOTTOMORE, T. Op. Cit. p.293). Nas *Teses sobre Feuerbach* MARX apresentou o conceito de "práxis revolucionária", citado por KOWARZIK da seguinte forma: *"significa o projeto de luta comum pela constituição de um novo inter-relacionamento da vida humana, que implica simultaneamente uma renovação dos indivíduos em suas relações humanas* (Cf. KOWARZIK, Wolfdietch. *Pedagogia Dialética - De Aristoteles a Paulo Freire*, São Paulo, Brasiliense, 2ª ed., 1988, p.47

31 - WITTICH, Dieter, *Práxis* in.: *PRÁXIS - Categoria Materialista de Prática Social* MAGALHÃES-VILHENA, Vasco (org.)- Vol. I, Lisboa, Livros Horizonte, 1980, p.20.

32 - Cf. LANE, Sílvia. "*O processo Grupal*" in. *Psicologia Social - O Homem em Movimento*. Sílvia Lane (org.) São Paulo, Brasiliense, p.86.

33 - Negar o Individualismo na concepção de LANE é: *o indivíduo só poderá ser livre e autônomo pela negação do outro indivíduo.* (idem, *ibidem* p.86)

34 - Idem, *ibidem*, p.86.

Compreende-se práxis grupal, também, como sendo atitudes conscientes do grupo. Neste caso, de todos os indivíduos inseridos no contexto da escola cooperativista, os quais deverão estar sempre envolvidos em ações coletivas que expressem a vontade de todos. Todavia, isto não significa a tentativa de homogeneizar os pensamentos, ou somente de promover situações de coesão do grupo, uma vez que é nos conflitos que, muitas vezes, abrem-se oportunidades para a discussão, para as mudanças e, principalmente, para as trocas. Assim, a práxis grupal será o resultado da própria satisfação e interação dos indivíduos enquanto grupo, em que haverá a identificação do próprio indivíduo com uma proposta maior.

A emergência de uma práxis grupal só será possível quando cada indivíduo, inserido neste grupo, perceber seu papel social e interagir no mesmo. Segundo LEONTIEV, todo o trabalho deve ser uma atividade, caracterizada como:

*"... uma forma complexa de relação homem-mundo, que envolve finalidades conscientes e atuação coletiva e cooperativa. A atividade é realizada por meio de ações dirigidas por metas, desempenhadas pelos diversos indivíduos envolvidos na atividade."*³⁵

35 - OLIVEIRA, M. K. Vigotsky - *Aprendizado e Desenvolvido de um Processo Sócio-Histórico*. São Paulo, Scipione, 1993, p.97-98.

5.1.2 - A Consciência do Indivíduo e a Educação para a Cooperação (a construção da subjetividade)

O estudo da consciência se fez necessário, neste trabalho, por entender que esta se forma no social, na práxis, e, portanto, isto estará ocorrendo também na escola, na educação, no ensino. Como nos conceitos anteriormente mencionados, buscou-se o conceito de consciência nas contribuições de MARX e seus seguidores. Em sua obra, MARX enfocou a consciência, como resultante das relações sociais engendradas mediante os sistemas sociais de atividade. Assim, o conceito de consciência, nesta perspectiva, deverá orientar a discussão sobre o processo de formação da consciência do indivíduo uma vez que a escola, no caso uma cooperativa de ensino, é também uma instância formadora da consciência, e desta forma, contribui para o repensar de uma educação cooperativista.

Segundo MARX, não *"é a consciência dos homens que determina a realidade; ao contrário, é a realidade social que determina sua consciência."*³⁶ A consciência social, ao mesmo tempo em que expressa as relações sociais, determina a formação das mesmas. Analisar dialeticamente as relações sociais pressupõe apreender de que forma o homem pensa a si mesmo, bem como uns aos outros. A autoconsciência, segundo a concepção de MARX, só é possível no espelho do outro.

36 - C.f. MARX, K. IN.: Contribuição à Crítica da Economia Política p.31. *apud*: Karl Marx - Sociologia. Otavio Ianni Op. Cit. 1987, p.23.

É em movimento dialético que se dá a formação da consciência do indivíduo, na relação do mesmo com o mundo exterior, que é também a sua interação com o outro mediante as relações sociais. O indivíduo compreende a si mesmo a partir da percepção de um mundo sensível, e ainda pela própria definição de suas relações sociais. Observa-se, nesse sentido, que a sociabilidade humana é alcançada conforme o percurso da consciência, em cuja trajetória vê-se o homem desprendendo-se da natureza, porém sem separar-se de outras consciências.

O conceito de consciência, sob o enfoque da psicologia soviética³⁷, possibilita compreender a vida psíquica do indivíduo na perspectiva histórico-dialética. MONTENEGRO define a vida psíquica do indivíduo como sendo fruto de sua atividade orientada e mediatizada no mundo, portanto, de sua práxis.³⁸

As atividades psicológicas do indivíduo são provenientes das diferentes formas de relações sociais realizadas por ele. A consciência do homem é formada no contexto da consciência social. Tal concepção pode ser encontrada em VYGOTSKY, sistematizador da psicologia soviética, bem como em seus seguidores, LÚRIA e LEONTIEV.

37 - A Psicologia Soviética foi sistematizada na União Soviética após 1917, tendo em L.Vygotsky seu maior expoente. Esta linha psicológica considera como objeto da psicologia a atividade consciente.

38 - MONTENEGRO, M. E.Op. Cit. 1993, p.122.

Uma das premissas consideradas por VYGOTSKY, quanto ao aspecto social da consciência, é que o "verdadeiro curso do desenvolvimento do pensamento não vai do individual para o socializado, mas do social para o individual"³⁹. Para ele o desenvolvimento da psique humana, a formação da consciência, que é uma característica básica do comportamento humano, constrói-se na relação estabelecida entre os homens e o ambiente, sendo que o próprio homem influencia esta relação. Assim, através desse ambiente, os homens pessoalmente modificam seu comportamento ⁴⁰

OLIVEIRA, ao analisar os estudos de VIGOTSKY apresentou a seguinte observação:

"é o grupo onde o indivíduo se desenvolve que fornece formas de perceber e organizar o real, as quais vão constituir os instrumentos psicológicos que fazem a mediação⁴¹ entre o indivíduo e o mundo." ⁴²

Compreender a consciência humana, na perspectiva proposta por VYGOTSKY, significa apreender os instrumentos que fazem a mediação entre o mundo exterior e o indivíduo. O pensamento e a

39 - VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo, Martins Fontes, 1993, p.18.

40 - VIGOTSKY, L.S. *A Formação Social da Mente*. Op. Cit, 1991, p.58.

41 - *Mediação segundo BOTTOMORE, é uma categoria central da DIALÉTICA. Em sentido literal, refere-se ao estabelecimento de conexões por meio de algum intermediário (Cf. BOTTOMORE, T. Op. Cit. p.263.)*

42 - OLIVEIRA, Martha K. Op. Cit, 1993, p.36.

linguagem são alguns dos elementos que, na concepção de VYGOTSKY, refletem a realidade diferentemente da percepção e, por isto, constituem-se como elementos essenciais para a compreensão da natureza da consciência humana. Deste modo, este autor afirma: *"uma palavra é um microssomo da consciência humana."*⁴³

É importante ressaltar ainda que VYGOTSKY, ao tratar do desenvolvimento social, bem como da interação social e da atividade prática, enfocou as ações cooperativas enquanto instrumento utilizado para solução de um problema. Para ele, a criança não vê diferença nos papéis desempenhados por ela e por quem a ajuda, constituindo-se a solução do problema conjunto um todo geral e sincrético.⁴⁴ Deste modo, é possível perceber a cooperação como um dos elementos que contribuem para a formação da consciência humana e assim, de sua personalidade, individualidade ou da subjetividade do indivíduo.

LEONTIEV, para compreender a consciência humana, partiu do estudo do modo de vida do homem, observando que a *"...estrutura da consciência do homem se transforma com a estrutura de sua atividade. Determinar os caracteres da estrutura interna da consciência é caracterizá-la psicologicamente."*⁴⁵ Desta maneira, a

43 - VYGOTSKY, L.S. Op. Cit. 1993, p.132.

44 - VYGOTSKY, L.S. Op. Cit. 1991, p.32.

45 - LEONTIEV, A.N. *O Desenvolvimento do Psiquismo*. Lisboa, Livros Horizonte, 1978, p.92.

consciência somente poderá ser compreendida como produto das relações e mediações que surgem durante o estabelecimento e desenvolvimento da sociedade. LEONTIEV entendeu por atividade, enquanto meio de formação da consciência humana, "*uma unidade de vida, mediatizada pela reflexão mental, por uma imagem, cuja função real é reorientar o sujeito no mundo objetivo.*"⁴⁶ A consciência individual é, portanto, na concepção de LEONTIEV, "*uma forma especificamente humana de reflexo subjetivo da realidade objetiva*".⁴⁷

MONTENEGRO, ao abordar a questão da consciência em LURIA, outro psicólogo soviético, afirma que o mundo psicológico do homem é a sua consciência. As formas superiores de atividade consciente são consideradas por ele como produtos naturais da evolução do cérebro, sendo o resultado da forma social específica de vida. Assim sendo, a atividade consciente do homem constitui-se no principal objeto da psicologia.⁴⁸ Percebe-se, com isto, que uma das contribuições de LURIA para a compreensão da consciência humana foi o enfoque dado ao cérebro, em cujo sistema de funcionamento percebeu de que forma a ação humana é regulada pelo biológico, mediante a relação estabelecida entre homem e meio social. Sob o aspecto da relação consciência e cérebro, afirma BARBO-

46 - LEONTIEV, A.N. *Atividade e Consciência*. in.: PRÁXIS - Categoria Marxista e Prática Social. MAGALHÃES-VILHENA, Vasco de. (org.), Op.Cit. 1980, p.61.

47 - Idem, *Ibidem*, p.61.

48 - MONTENEGRO, M. E. Op. Cit. 1993,p.242-243.

SA: " fica claro que consciência não é um estado interior primário do homem, cujas bases estariam no sistema nervoso".⁴⁹

A cooperação, conforme já se abordou, é formada no âmbito do trabalho coletivo, à medida em que, a partir da consciência, o homem se conhece, expressa-se, relaciona-se e também se aliena. Na discussão sobre a consciência do indivíduo, para se analisar posteriormente de que forma seria uma educação para a cooperação, é importante observar ainda como a escola participa do processo de construção da subjetividade. A partir da perspectiva histórico-dialética, a subjetividade do indivíduo poderá ser entendida, conforme MIRANDA, como sendo "*construída e reconstruída no jogo das relações sociais*".⁵⁰ É nas relações sociais que é possível observar a forma como se desenvolve não somente a subjetividade do indivíduo, mas seu pensamento e seu conhecimento, uma vez que o seu meio social e as suas relações dentro de um grupo influem em tais formações. Deste modo, cada homem *aprende a ser homem*, segundo a concepção de LEONTIEV⁵¹.

A compreensão de cooperação envolve, portanto, a percepção da subjetividade do homem. Tal percepção poderá ser realizada a partir da objetivação dos sentimentos dos indivíduos. A coope-

49 - BARBOSA, Ivone G. *Psicologia Sócio-Histórico-Dialética e Pedagogia Sócio-Histórico-Dialética: Contribuições para o Repensar das Teorias Pedagógicas e Suas Concepções de Consciência*. Tese de Mestrado, Goiânia, FE/UFG, 1991, p.170.

50 - MIRANDA, Marília G. *Psicologia do Desenvolvimento: a construção do homem como ser individual*. mimeo, 1997, p.3.

51 - LEONTIEV, A.N. " O Homem e a Cultura", in.: *O papel da Cultura nas Ciências Sociais*. Porto Alegre, Villa Martha, 1980, p.47.

ração constituir-se-á em um dos elementos formadores desta subjetividade, no momento em que as as atividades do indivíduo forem a exteriorização de todo um processo social. Pode-se observar a subjetividade também através da cultura⁵² de um povo. Sob tal aspecto, é importante ressaltar a seguinte afirmação de RESENDE:

*" A constituição do indivíduo através da cultura e a produção e reprodução da cultura através do indivíduo se dão num mesmo movimento pelo qual o indivíduo se constitui enquanto tal e efetiva, no processo social, a apropriação da cultura, e através do qual a cultura se produz e reproduz nas consciências individuais. Por essa razão, o todo e a parte, a história e a subjetividade são mutuamente relacionados num processo de constituição e reconstituição recíprocos."*⁵³

A cultura constitui-se, portanto, em importante elemento para a definição e expressão da subjetividade do indivíduo.

A proposta de investigar a subjetividade do indivíduo, no contexto de uma escola cooperativista, baseia-se na perspectiva histórico-dialética que, conforme LANE, percebe o indivíduo como ser concreto, inserido numa totalidade histórico-social, sendo o conhecimento do indivíduo uma manifestação desta

52 - Cultura neste estudo é definida conforme DURAHAN apoiada em MALINOWSKI: " noção de cultura parte do estabelecimento de uma unidade fundamental entre ação e representação, unidade esta que está dada em todo o comportamento social. Neste sentido, padrões ou instituições não são simplesmente "valores" mas ordenações implícitas na ação que só secundariamente podem vir a ser formuladas explicitamente como regras e normas". Assim concluiu esta autora: " A cultura constitui portanto, um processo pelo qual os homens orientam e dão significado às suas ações através de uma manipulação simbólica que é atributo fundamental de toda prática humana." (Cf. DURAHN, Eunice *A Dinâmica Cultural na Sociedade Moderna*. Trabalho apresentado no Congresso da SPBC de 1977 e originalmente publicado em *Ensaio de Opinião* n° 4, 1977.

53 - RESENDE, Anita. *Feitichismo e Subjetividade*. Tese de Doutorado. São Paulo, PUC, 1992, p.204.

totalidade e, portanto, processado de forma cumulativa.⁵⁴

A análise da subjetividade do indivíduo na perspectiva histórico-dialética é possível também em um contexto social específico, no caso deste trabalho, na cooperativa de ensino. Assim é possível observar como é formado tal indivíduo, cuja personalidade se expressa e é resultante de suas relações sociais. Partindo-se destas considerações é que a subjetividade pode ser entendida, conforme RESENDE, como "*uma manifestação real do conjunto social*".⁵⁵

REZENDE, ao considerar que a vida individual, espiritual e subjetiva se converterá em abstração, caso não seja compreendida como manifestação real do conjunto social, concebe a consciência como "*uma específica atividade positiva para a apropriação da realidade*".⁵⁶ Desta forma, a autora considera a subjetividade como uma dimensão fundamental da realidade.

Concluindo, a consciência do indivíduo e de sua subjetividade se constrói no social, na vida, onde o indivíduo, não de forma passiva, mas interativa, vai agindo no e com o mundo, modificando-o e sendo modificado por ele; vai *humanizando-se* continuamente, numa situação dialética, onde ao mesmo tempo é um ser

54 - LANE, Sílvia. Op. Cit. 1992, p.44-45.

55 - Idem, Ibidem, p.9.

56 - Idem, Ibidem, p.14,21-22.

social e individual.

A formação da consciência cooperativista irá ocorrer também à medida que o indivíduo aja de forma coletiva. A sua consciência estará sendo uma "existência percebida"⁵⁷ e não uma forma alienada⁵⁸ de ser. A consciência se formará, portanto, na ação, na atividade, no trabalho e a partir de suas condições sócio-econômicas de vida.

Segundo MONTENEGRO, a formação da consciência se processa da seguinte maneira:

*"...se as relações de produção se alteram, a consciência também se altera. Logo, a consciência é o reflexo das condições reais ou concretas da vida dos homens e de suas atividades. As mudanças na consciência do homem são reflexos da história e do desenvolvimento social."*⁵⁹

As instituições escolares têm um papel fundamental no sentido de contribuir para as transformações sociais. O homem, neste processo, também vai se desenvolvendo internamente, construindo a sua subjetividade ou individualidade. É neste confronto

57 - Termo extraído de SMIRNOV, G. *apud* MONTENEGRO, M.E. A Psicologia Histórico-Dialética Para os Cursos de Licenciatura. Campinas (SP), Tese de Doutorado, UNICAMP, 1993, p.123.

58 - O termo *alienação* no sentido atribuído por MARX significa "ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim alienados [1] aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), e/ou [2] à natureza na qual vivem, e/ou [3] a outros seres humanos, e - além de, e através de, [1], [2] e [3] - também [4] a si mesmos (às suas possibilidades humanas constituídas historicamente)". (Cf. BOTTOMORE, T. Op. Dicionário Marxista, Rio de Janeiro, Zahar, 1988, p.5)

59 - MONTENEGRO, M.E. Op.Cit. p.132.

das condições de vida que emergem e se desenvolvem as suas capacidades individuais.

A individualidade do homem na escola cooperativista deverá ser assegurada no sentido de que o mesmo seja um sujeito ativo, que reflita e atribua significados ao mundo e que nele participe de forma interagente e cooperativista. Cabe a esta escola cuidar da relação individual e coletiva, favorecendo que cada elemento compreenda a sua importância, e que perceba que seu desenvolvimento pessoal se construirá na participação e contribuição ao trabalho coletivo.

5.1.3 - A Dialética e o Ensino Cooperativista

Para a elaboração deste trabalho, procurou-se utilizar o princípio da dialética na observação de uma realidade específica, a COOPENSINO, na intervenção da mesma e no levantamento de subsídios para a proposta de introduzir uma Pedagogia Histórico-Dialética Cooperativista em uma cooperativa de ensino. O método dialético permitiu perceber em que medida houve a transformação ou não, deste contexto, bem como dos próprios participantes neste processo, inclusive desta pesquisadora.

Após os estudos de HEGEL, MARX transformou o velho materialismo, desenvolvendo assim o materialismo dialético. O velho materialismo teve como fundamentação que o processo do pensamento, sob o nome de idéia, criava o real, sendo o real apenas sua

manifestação externa. Para MARX, todavia , *"o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ela interpretado."*⁶⁰ Neste sentido, MARX considerou que a consciência é secundária à matéria, ou seja, derivada desta.

Em sua concepção moderna, a dialética pode-se referir também a um modo de pensar as contradições existentes na realidade. Concebe a realidade numa perspectiva contraditória e de constante transformação. A contradição constitui-se na essência da dialética. No entanto, é preciso ressaltar a reciprocidade entre homem e mundo, ou seja, a relação sujeito/objeto. GADOTTI, citando MARX afirmou que a dialética *"não é um movimento espiritual que se opera no interior do entendimento humano. Existe uma determinação recíproca entre as idéias da mente e as condições reais de sua existência."*⁶¹

KONDER analisou a dialética em suas origens, estrutura e possibilidades para a construção do conhecimento e transformação da realidade. Fez ainda, uma ressalva quanto às leis da dialética. Para ele, a dialética não deverá deixar-se reduzir às três leis propostas por ENGELS: 1) lei da passagem da quantidade à qualidade (e vice-versa); 2) lei da interpenetração dos contrários; 3) lei da negação da negação. Na concepção de KONDER esta redução não deveria ocorrer uma vez que: *"os princípios da dialé-*

60 - MARX, K. Op. Cit. 1989, p.16.

61 - GADOTTI, Moacir. *Concepção Dialética de Educação - Um Estudo Introdutório*, São Paulo, Cortez, 1992, p.21.

tica se prestam mal a qualquer codificação. Um código, por definição articula as leis, fixa as leis em artigos..."⁶² Assim o autor não concorda com esta delimitação, já que ela abriria ainda um espaço para a fixação de artigos às leis. Neste sentido seria contraditório à própria perspectiva da dialética, que possui uma filosofia da mudança, e que tem sempre algo novo no que concerne à concepção de mundo.

KOSÍK, ao abordar a dialética como um pensamento crítico, afirma que a realidade não deve ser aceita da maneira como se apresenta, ou seja, em seu aspecto imediato. Para o autor, ao se explicar criticamente o mundo, é necessário que *"a explicação mesma se coloque no terreno da práxis revolucionária."*⁶³

Para o materialismo dialético o homem é um elemento presente no mundo material e, desta forma, poderá conhecê-lo e transformá-lo. A dialética permite que, na investigação e análise, de um determinado fenômeno seja observado em sua historicidade, suas contradições e sua totalidade.

A dialética é um método que, ao ser utilizado no estudo de fenômenos sociais e psicológicos, segundo MONTENEGRO, deverá ter sempre presente a história da cultura e da sociedade. Deste

62 - KONDER, Alexandre. *O que é dialética*. São Paulo, Brasiliense, 1981, p.60.

63 - KOSÍK, Karel. *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, p.18.

modo é que, para a autora, os fenômenos sociais e psicológicos poderão ser estudados de forma desmistificadora, quando se aliar, ao método dialético, as análises antropológicas e sociológicas dos fenômenos, tendo, com isto, uma visão de historicidade e totalidade do sujeito estudado.⁶⁴

FRIGOTTO, afirmou que a dialética situa-se "no plano de realidade, no plano histórico, sob forma da trama de relações contraditórias, conflitantes, de leis de construção, desenvolvimento e transformação dos fatos".⁶⁵ Nesta perspectiva, MARX, citado por BOTTOMORE, explicitou que a dialética é histórica, uma vez que possui raízes nas mudanças, nas relações e circunstâncias que descreve (dialética relacional), ao mesmo tempo em que é condição e agente de tais mudanças.⁶⁶ Assim, a análise dialética constrói e transforma o objeto.

A história se preocupa com o registro do movimento, a evolução e a dinâmica dos fenômenos. A **historicidade**, constitui-se em uma das categorias dialéticas que permite apreender o fenômeno numa perspectiva de movimento, percebê-lo no próprio desenvolvimento da história humana.

64 - MONTENEGRO, M. E. Op. Cit., 1993, p.149.

65 - FRIGOTTO, Galdêncio. "O Enfoque da Dialética Materialista Histórica na Pesquisa Educacional" in.: Metodologia da Pesquisa Educacional. FAZENDA, Ivani (org.), São Paulo, Cortez, 1989, p.75.

66 - BOTTOMORE, T. Op.Cit. 1988, p.104.

O materialismo dialético vê na história o processo de desenvolvimento da humanidade, buscando descobrir suas leis dinâmicas. ENGELS, sobre esta questão, afirmou que *"o materialismo moderno é substancialmente dialético e já não precisa de uma filosofia superior às demais ciências."*⁶⁷

VYGOTSKY, conforme já citado neste trabalho, tratou a questão da historicidade da seguinte forma: *"estudar alguma coisa historicamente, significa estudá-la no processo de mudança"*⁶⁸. Assim a historicidade constitui-se em requisito básico do método dialético, por ser a história o próprio movimento da sociedade. A história, no materialismo dialético, é concebida como práxis.

Na base de uma metodologia dialética, a categoria da **contradição** reflete o movimento mais originário do real, sendo, portanto, o próprio motor interno do desenvolvimento histórico. Segundo CURY, nas contradições há uma relação entre o que há de comum a todos os fenômenos e o que há de específico a cada um deles.⁶⁹

67 - ENGELS, F. *Do socialismo Utópico ao Socialismo Científico*. São Paulo, global, 8ª ed, 1989. p.51.

68 - VYGOTSKY, L. Op. Cit. 1991, p.74.

69 - CURY, Carlos R. J. *Educação e Contradição*. São Paulo, Cortez, 1989, p.32.

No que concerne à importância da contradição para análise de um determinado fenômeno, CURY afirma que é esta categoria que possibilitará a interpretação do real, captando-o enquanto uma inadequação pugnativa entre o que é e o que ainda não é (grifos do autor), numa síntese contraditória. Desta forma, CURY percebe o real como um processo que contém, sem encerrar, o possível numa unidade dialética.⁷⁰

KONDER observa que há muita confusão no que concerne à palavra contradição, devido à hegemonia do pensamento metafísico, em que somente um tipo de contradição foi reconhecida: a contradição lógica. Nesta perspectiva a contradição é considerada como um defeito no raciocínio, segundo o autor.⁷¹ Explicita ainda que existem aspectos da realidade humana que não podem ser analisados isoladamente, uma vez que existem conexões entre o que são os fenômenos e aquilo que eles não são. Tais conexões íntimas, existentes entre realidades diferentes, criaram as *unidades contraditórias*. Nestas unidades a contradição é essencial, e por isso a dialética "*não se contrapõe à lógica, mas vai além da lógica desbravando um espaço que a lógica não consegue ocupar*".⁷²

70 - Idem, *ibidem*, p.31.

71 - KONDER, A. Op. Cit. 1981, p.48.

72 - Idem, *ibidem*, p.49

Complementando esta afirmação, CHAUI expressou que:

*"...o aspecto mais fundamental da contradição é que ela é um motor temporal, ou seja, as contradições não existem como fatos dados no mundo, mas são produzidas. A produção e superação das contradições é o movimento da história."*⁷³

A reflexão do cooperativismo de ensino, a análise da sua origem, estrutura e funcionamento permitirá detectar suas contradições. A importância da categoria contradição está na sua própria dialética em destruir e ao mesmo tempo pode criar novas possibilidades para sua existência.

Uma última categoria da dialética a ser analisada e considerada necessária à compreensão de uma educação cooperativista, é a **totalidade**. Na dialética a dominação geral e determinante do todo sobre as partes, constitui-se na essência do método de MARX, que desta maneira, institucionalizou a base de uma ciência inteiramente nova. Segundo BOTTOMORE, MARX teorizou o desenvolvimento social "a partir do ponto de vista totalizante de história mundial que surge das determinações objetivas dos processos materiais e interpessoais"⁷⁴

Segundo BOTTOMORE, o conceito dialético de totalidade é expressado como algo que: "é dinâmico, refletindo as mediações e transformações abrangentes, mas historicamente mutáveis, da rea-

73 - CHAUI, M. Op. Cit. 1991, p.38.

74 - BOTTOMORE, T. Op. Cit. 1988, p.381.

lidade objetiva"⁷⁵. Em KONDER encontra-se a concepção de totalidade como sendo uma estrutura significativa da realidade, que é a síntese da visão de conjunto.⁷⁶

Segundo ENGELS, somente o caminho da dialética permitirá não se perder de vista as inumeráveis ações e reações gerais do devir e do perecer, das mudanças de avanço e de retrocesso, chegando-se, deste modo, a uma concepção exata do universo, do seu desenvolvimento histórico e do desenvolvimento da humanidade.⁷⁷

Para se entender a sequência lógica destes momentos dialéticos, SAVIANI apresentou a seguinte esquematização: "ação-problema-reflexão-ação"⁷⁸. A sequência da teoria dialética, no que concerne ao conhecimento, foi assim apresentada por OLIVEIRA: "*começa no plano sensorial, a partir das sensações que o mundo objetivo (a natureza e a sociedade) provoca no homem, e se eleva no plano racional.*"⁷⁹

Assim, a compreensão do cooperativismo de ensino deverá se dar sob o prisma da totalidade, onde cada momento definido

75 - *Idem Ibidem*, p.381.

76 - KONDER, A. *Op. Cit.* 1981, p.37.

77 - ENGELS, F.*Op. Cit.*, 1986, p.49.

78 - SAVIANI, Demerval. *Op. Cit.*, 1991, p.28.

79 - OLIVEIRA, Maria Augusta. *A Aula: Momento-Síntese do Trabalho Docente. Tese de Mestrado, MEEB/UPG, Goiânia, 1992, p.68.*

está relacionado a si e a outros fenômenos. A dialética constituir-se-á em uma categoria que permeará a educação cooperativista, como uma forma de conhecimento, de ação e de pensamento e também como um método de análise que permita a reflexão da construção de um ensino cooperativista. SUCHOLDOLSKI apresentou o método dialético da seguinte forma:

*" consiste em considerar as coisas e fenômenos como processos. Ensina a ver as coisas em relação à atividade humana. Nestas condições, a prática não é só uma aplicação da teoria, mas um elemento da realidade na qual unificam conhecimento e atividade. O método dialético defende não apenas do praticismo, que deprecia a importância do conhecimento da verdade, mas também de uma teorização tal que por ignorância da prática conduz a erros especulativos."*⁸⁰

A proposta de se formar um indivíduo cooperador deve ser pensada por todas as instâncias da sociedade e, portanto, pelas instituições educacionais como um todo. Não há, no entanto, um modelo pronto do que vem a ser um indivíduo cooperador. Isto seria inclusive contraditório à historicidade e à totalidade, elementos que compõem esta proposta. Cada grupo, escola ou instituição deverá se envolver no sentido desta busca.

A organização e o funcionamento de uma cooperativa de ensino deverá pressupor sempre a reflexão, o questionamento e a crítica com o envolvimento de todo o grupo, afim de que sua atuação não seja meramente o desempenho de uma ação. Neste sentido

80 - SUCHOLDOLSKI, Bogdan. *Teoria Marxista da Educação*. Lisboa, Estampa, 1976, p.101.

FRIGOTTO afirma:

*" o que importa fundamentalmente não é a crítica pela crítica, o conhecimento pelo conhecimento, mas a crítica e o conhecimento crítico para uma prática que altere e transforme a realidade anterior no plano do conhecimento e no plano histórico-social"*⁸¹

Neste sentido será a dialética que proporcionará a todos os elementos da escola observar criticamente a realidade, percebendo suas contradições e verificando todos os fatores que nela interferem, considerando ainda o contexto na qual está inserida.

É preciso atentar para que esta não seja apenas mais um proposta pedagógica que caminha no sentido de criticar as tendências tradicionais ou outras existentes, ou que apresente alternativas que não sejam soluções para os problemas da educação. Esta questão é colocada da seguinte forma por MANACORDA:

*"...o marxismo se coloca em polêmica direta com aquelas tendências pedagógicas novas que, representando uma oposição válida às instituições escolares e às posições pedagógicas tradicionais da sociedade dividida, podem, no entanto proporcionar uma superação aparente e parcial...as pedagogias novas que por diversas vias destacam a natureza da criança ou do homem, produzem, sem dúvida, uma ruptura, mas permanecem limitadas a um desenvolvimento espontâneo, e por isso mesmo parcial..."*⁸²

81 - FRIGOTTO, G. in.: Metodologia da Pesquisa Educacional. Ivani Fazenda (org.) São Paulo, 1989, p.81.

82 - MANACORDA, M.A. Op. Cit, p.106.

Apontou-se nesta parte algumas categorias a serem adotados na escola cooperativista de maneira geral, como subsídio para repensar a educação cooperativista e propor a introdução de uma Pedagogia Histórico-Dialética Cooperativista. A seguir serão enfatizados alguns subsídios que poderão compor esta nova proposta pedagógica, com relação à equipe técnico pedagógica, ao educador, ao educando e aos pais/cooperados.

5.2 - Proposta para uma Equipe Técnico-Pedagógica de uma Cooperativa de Ensino

Com a finalidade de dirigir uma escola cooperativista e de conduzir o trabalho pedagógico, compete aos indivíduos que ocupam tais cargos o aprofundamento de seus conhecimentos na área da educação e do cooperativismo, e que tenham a capacidade de liderança, viabilizando deste modo a implantação de uma pedagogia sob este enfoque. Assim sendo, o diretor e coordenadores pedagógicos deverão ser, ao lado do especialista em cooperativismo, elementos primordiais na elaboração de uma proposta pedagógica específica para o cooperativismo de ensino, bem como na efetiva implantação da mesma, na escola.

Nesta perspectiva, o cargo de direção em uma cooperativa de ensino necessita de muito rigor quanto à admissão do elemento que ocupará o mesmo. É necessário que seja um educador com experiência na área. Além dos requisitos para o ingresso dos demais

funcionários da escola, propõe-se que o diretor seja cooperado, tendo, portanto, direito de voto e participação nas deliberações de Assembléias.

O trabalho destes indivíduos deverá ser da forma proposta por HIEBSCH e VORWERG, e mencionada anteriormente, de que só é possível alcançar a cooperação se todos os indivíduos participantes do processo visarem ao mesmo objetivo e o fizerem com consciência de praticarem um ato voluntário⁸³. Portanto neste processo os indivíduos não poderão ser autoritários ou doutrinadores da cooperação, mas deverão possibilitar a constante reflexão de educadores e alunos em busca de alternativas e objetivos comuns no que concerne aos rumos da escola.

Uma equipe técnico-pedagógica deve possuir também em seu quadro um psicólogo escolar que, além das atribuições específicas de seu cargo, deverá atentar-se para as relações humanas presentes nesta instituição. Assim compete a ele suscitar situações que favoreçam à cooperação e perceber aquelas que possam se constituir em entraves para a consolidação de uma proposta educacional voltada para a mesma.

O psicólogo escolar de uma cooperativa de ensino deverá identificar a subjetividade dos indivíduos que compõem a instituição, já que se trata de uma dimensão fundamental para a constru-

83 - HIEBSCH, H e VORWERG, M. Op. Cit p.175.

ção social desta realidade. Deverá ainda refletir sobre as possíveis situações que permitem ao indivíduo alcançar uma consciência de práxis, de forma coletiva, reflexiva e criadora. É no movimento dialético entre indivíduo e mundo que se construirá e reconstruirá a sua subjetividade no jogo das relações sociais.

Permeando todo o processo educacional, que é dialético, deverá ocorrer nas cooperativas de ensino a institucionalização da área de cooperativismo com sua inclusão no Regimento Escolar. Esta responsabilizar-se-á pela coordenação deste trabalho na escola. Cuidará da articulação dos conteúdos escolares aos elementos teóricos do cooperativismo, quer em seu sentido mais amplo, como atividades que se direcionem a todos elementos da escola, quer seja de forma direta através da disciplina cooperativismo. Entretanto, urge que se faça uma reflexão mais aprofundada sobre a implantação desta disciplina na escola. Que seja verificada se, como disciplina, não estaria ocupando espaço de outros conhecimentos a serem transmitidos aos alunos. Caso contrário, os conteúdos de cooperativismo deverão ser repassados aos alunos através de outras disciplinas e atividades. Em qualquer uma das duas alternativas citadas considera-se importante a interdisciplinariedade nesta proposta. Isto, quer no planejamento coletivo, quer na relação abordada em sala de aula.

O objetivo maior do trabalho de um especialista em cooperativismo será a permanente reflexão a respeito dos aspectos que envolvem o cooperativismo como prática efetiva na escola.

Será, portanto, responsável pelo planejamento de atividades que possibilitem a formação de docentes, equipe técnico-pedagógica, alunos e cooperados para uma práxis cooperativista.

As cooperativas, de um modo geral, possuem programas na área de capacitação cooperativista, tanto a nível do seu quadro social, quanto do quadro funcional. Entretanto, nesta proposta o especialista em cooperativismo visará ao aluno em seu processo educacional e, ao voltar-se para a formação de outros elementos da escola, estará atendendo este objetivo.

A equipe técnico-pedagógica será, em uma cooperativa de ensino um grupo de pessoas cujos pensamentos deverão voltar-se para a filosofia cooperativista, buscando alternativas a partir do repensar da própria instituição para que haja a concretização de uma práxis cooperativista na escola como um todo.

5.3 - Perfil do Educador Cooperativista

A redefinição de uma prática pedagógica cooperativista possibilitará a formação de um indivíduo capaz de exercer a cidadania e a democracia, bem como de conquistá-las. Ao professor compete um papel chave neste processo, fornecendo os elementos teóricos que propiciarão o desenvolvimento destes valores e criando condições para uma vivência cooperativista.

Além do domínio da matéria de sua responsabilidade, caberá ao professor ser também um estimulador da cooperação. Ele deverá ser um elemento que pensa, reflete, questiona e que proponha mudança no que se refere a este assunto. Suas contribuições deverão ser direcionadas tanto para a sala de aula como para as demais instâncias sociais do aluno. Esta deve ser a sua responsabilidade e seu envolvimento com a cooperativa de ensino. Deste modo, o professor estará realizando, através de sua competência técnica, o seu compromisso político com a sociedade. Sobre este assunto, afirmou LIBÂNEO:

"...competência profissional e compromisso político não são termos contraditórios. A competência técnica ou profissional é uma forma de atividade prática, é uma forma de trabalho, e como tal, se desenvolve dentro de condições determinadas numa determinada formação sócio-econômica, portanto é sempre política..."⁸⁴

Uma cooperativa de ensino deve verificar de que tipo de profissional necessita em seu quadro, selecioná-los bem, cuidar de sua formação e acompanhamento, tanto em relação aos aspectos pedagógicos quanto aos princípios cooperativistas. Deverá promover e incentivar reuniões, cursos e encontros. Esta formação não assumirá um sentido doutrinário⁸⁵ e sim o de abertura para a prática, de forma que o professor construa e repense suas atividades, desde os princípios a serem seguidos até conteúdos e metodologia

84 - LIBÂNEO, J.C. Op.Cit. 1990 ,p.155.

85 - O termo doutrinário é utilizado aqui para referir-se a algumas tendências do cooperativismo que afirmam que as pessoas devem ser instruídas e amestradas com relação aos seus princípios.

utilizados. Deverá cuidar de suas relações de trabalho na instituição, a fim de tornar possível uma práxis reflexiva e essencialmente cooperativista.

A implantação de uma proposta desta natureza passa necessariamente pela redefinição das relações de trabalho. É importante que haja, por exemplo, a adoção de plano de cargos e salários adequados. Redefinir relações de trabalho pressuõe também repensar e avaliar as formas como estas ocorrem na instituição, ou seja, as questões operacionais em função de uma hierarquia, a predisposição e interesses dos indivíduos no cumprimento de suas tarefas e finalmente o próprio ambiente de trabalho, enquanto elemento fundamental para promover relações de trabalho mais prazerosas e, portanto, satisfatórias do ponto de vista da instituição e também do próprio indivíduo que nela trabalha.

A motivação para o trabalho docente será subsídio primordial para a construção contínua do conhecimento e da prática pedagógica em tais escolas. Em algumas cooperativas escolares a motivação tem sido alcançada mediante a participação dos professores na gestão da escola, sob a condição de cooperado. Um dos exemplos é o caso de Maringá, cuja proposta foi a de entregar a administração de cada unidade escolar a cooperativas de trabalhadores desvinculados do poder público, mas a ele prestando serviço e recebendo por produtividade. Assim constataram GADOTTI e ROMÃO, ao analisarem o funcionamento da escola:

*"Com interesse direto nos resultados, os trabalhadores passam a se preocupar com a produtividade, o desempenho, a pontualidade, a assiduidade e o atendimento à comunidade"*⁸⁶

Na proposta mencionada, com o envolvimento direto e participativo do professor e de todos os elementos da escola, desde o planejamento à execução das atividades, acredita-se que haverá uma maior motivação para o trabalho.

MARX pensou a escola com a finalidade de promover informações rigorosas, mas também atribuiu importância à educação da vida de maneira geral, como sendo "*à aquisição pelo homem de uma possibilidade total de plena fruição humana, e não apenas natural ou animal*".⁸⁷ Desta forma, acredita-se que uma cooperativa de ensino, enquanto uma instituição escolar, além de cuidar da transmissão dos conhecimentos deve criar condições para que o indivíduo perceba sua realidade verificando o modo de intervir na mesma de forma consciente e que se constituam em instrumentos para formação integral do aluno. Tais atividades poderão ser: o trabalho profissionalizante; tarefas em grupo que exijam o esforço comum e ajuda-mútua; ações que visem ao desenvolvimento da inteligência; e discussões e participações em questões sociais e econômicas da sociedade. Todos estes aspectos, como co-

86 - GADOTTI, Moacir e ROMÃO, J. Eustáquio. *Maringá: A Escola Cooperativa*. in.: *A Educação e o Município - Sua Nova Organização*. Brasília, Cadernos Educação Básica, série inovações 3, MEC, 1993, p.26.

87 - MANACORDA, M. A. Op.Cit, 1991, p.195.

participantes do processo ensino-aprendizagem e não como fatores preponderantes à transmissão/assimilação dos conhecimentos, conforme proposto pela Escola Nova.

Os conteúdos, numa perspectiva histórico-dialética, deverão vincular-se à prática cooperativista. Para se atingir o aluno no sentido de ser um cidadão cooperativista todos os professores devem, sempre que possível, estabelecer a relação de sua disciplina com a cooperação. Além disso poderão trabalhar esta questão em pesquisas, em tarefas de casa, em atividades extra classe, todas voltadas para o cooperativismo. Espera-se também um apoio e ajuda dos pais neste sentido.

A cada tema a ser abordado em sala de aula, o professor deverá refletir sobre onde e quando poderá trabalhar a questão da cooperação, de forma criativa. Cita-se como exemplos: em Ciências e Biologia, no tema "reino animal": o professor poderá discutir com os alunos as diferenças entre os tipos de cooperação animal e humana (reflexa, instintiva, sobrevivência e progressiva); em História, ao abordar movimentos sociais, fatos históricos, personagens, e análises do processo histórico, o professor deverá fazê-lo reportando tais conteúdos aos aspectos do cooperativismo e da cooperação; em Português, em atividades como debates, redação, entrevistas e gramática, poder-se-á tratar deste tema; a disciplina Geografia atualmente tem apresentado oportunidades para uma nova reflexão de sociedade e espaço. Em uma aula sobre densidade demográfica será possível suscitar as questões que engendram a

cooperação ou a competição; o estudo de Línguas permitirá que se trabalhe o conceito de cooperação, resgatando como esta é vivenciada em outras culturas.

As atividades extra classe como excursões, passeios, visitas, pesquisas, teatros e shows musicais deverão ser planejadas de forma que seja possível trabalhar e vivenciar a cooperação. Estes são apenas alguns exemplos. Não se trata de apresentar modelos prontos e acabados ao professor. Cabe a este, de acordo com sua formação específica, sistematizar a melhor forma de viabilizar esta proposta. Assim, todo este processo vai sendo construído e reconstruído pelo professor, assessorado pelas coordenações pedagógicas e de cooperativismo, com a participação do aluno. O planejamento de ensino levará em conta a relação entre as disciplinas, tanto no ato coletivo de planejar como na execução em sala de aula, que deverá estar permeada pelos princípios da cooperação.

A cooperação é, portanto, conceito detonador do trabalho coletivo. O método da reflexão dialética levará a esta impregnação da educação cooperativista nos conteúdos. Será, portanto, de importância fundamental o constante estudo dos professores afim de terem elementos em sua disciplina para planejarem, refletirem e relacionarem seus conteúdos à proposta do cooperativismo.

O conhecimento do conceito de práxis pelo professor permitirá que o ensino seja ministrado com a constante e efetiva

participação consciente dos alunos, percebendo ainda a importância da aprendizagem enquanto mecanismo do desenvolvimento humano. Quanto a este último aspecto assim se expressou VYGOTSKY:

*"...aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança."*⁸⁸

É preciso observar também o tipo de ação docente condizente à esta proposta educacional. VIGOTSKY apresentou importantes considerações acerca da aprendizagem escolar:

*"O aprendizado escolar induz o tipo de percepção generalizante, desempenhando assim um papel decisivo na conscientização da criança dos seus próprios processos mentais. Os conceitos científicos, com o seu sistema hierárquico de inter-relações, parecem constituir o meio no qual a consciência e o domínio se desenvolvem, sendo mais tarde transferidos a outros conceitos e a outras áreas do pensamento. A consciência reflexiva chega à criança através dos portais do conhecimento científico."*⁸⁹

A aula, nesta perspectiva, necessita ser pensada de uma forma dialética. Segundo OLIVEIRA, dentro da abordagem histórico-crítica a aula deverá:

" privilegiar a articulação conteúdo-metodologia, professor e alunos são sujeitos do processo de ensino e aprendizagem, cada um com seu papel bem

88 - VYGOTSKY, L.S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1987, p.97.

89 - Idem, *Ibidem* p.79.

definido; o professor é a autoridade competente no encaminhamento da aula e o aluno é o participante ativo"⁹⁰

Segundo LIBÂNEO este tipo de aula deve ocorrer da seguinte forma:

"... começa pela constatação da prática real, havendo, em seguida, a consciência dessa prática, no sentido de referi-la aos termos do conteúdo proposto, na forma de um confronto entre experiência e a explicação do professor. Vale dizer: vai-se da ação, até a síntese, o que não é outra coisa senão a unidade entre a teoria e a prática."⁹¹

A pedagogia proposta por este trabalho alia aos conhecimentos sistematizados as experiências sócio-culturais e a vida concreta dos alunos. Não privilegia os métodos como em escolas regidas pelos princípios da escola nova e nem somente os conteúdos, conforme as escolas tradicionais. Os métodos podem e devem ser utilizados em correspondência aos conteúdos. Estes últimos são destacados nesta proposta, uma vez que são considerados como mais uma das formas de se instrumentalizar o aluno para a reflexão e superação dos problemas sociais. Neste sentido se expressou LIBÂNEO:

" a atuação da escola consiste na percepção do aluno para o mundo adulto e suas contradições, fornecendo-lhe um instrumental, por meio da aquisição de conteúdos e da socialização, para uma participação organizada e ativa na democratização

90 - OLIVEIRA, M. Augusta de. A Aula: Momento-Síntese do Trabalho Docente. Dissertação de Mestrado, Goiânia, MEEB, 1992, p.44.

91 - LIBÂNEO, J.Carlos. Democratização da Escola Pública - A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos. São Paulo, Loyola, p.41.

da sociedade." 92

Continuando este enfoque, MONTENEGRO, ao se referir às teorias progressistas de educação, afirma que:

*" a escola é vista como uma realidade histórica e que deve centrar-se na igualdade essencial entre os homens. Para isto, longe de secularizar os conhecimentos, descuidando de sua transmissão, considera a difusão de conteúdos, vivos e atualizados, uma das tarefas primordiais do processo educativo, em geral, e da escola em particular. O domínio da cultura constitui instrumento indispensável para a participação do povo."*⁹³

Reafirmando a importância do compromisso e envolvimento do professor nesta escola, sugere-se que ele se torne um cooperado, sendo que desta forma poderá participar nas Assembléias, com seu voto assegurando que os interesses pedagógicos sejam contemplados. Também que os objetivos comuns sejam garantidos e não os de elementos ou grupos específicos da escola.

5.4 - Educando: um cooperador

A educação na escola passa a todo momento pelo cumprimento da grade curricular e, além disto, em uma escola cooperativista, deve trabalhar os alunos para que estes se tornem também

92 - Idem, Ibidem, p.39.

93 - MONTENEGRO, Op. Cit. 1990, p.194 - 195.

cooperadores. Isto seria a concretização da proposta do cooperativismo, que normalmente fica a nível de papel, ao afirmar que através dela há a libertação do homem a partir da construção de seus ideais, mediante o trabalho coletivo e participativo.

Falar de um indivíduo cooperador poderá parecer uma atitude contraditória à filosofia do próprio cooperativismo, diante da perspectiva de parecer algo impositivo. A cooperação pressupõe tarefas e normas que superam a vontade individual. Neste sentido HIEBSH e VORWERG expressaram que :

" a natureza social do homem mostra-se claramente no fato de os homens viverem em grupos, e isto desde o início da sua existência, e que a sua vida está dependente da vida dos outros membros do grupo. A natureza do homem necessita da cooperação." ⁹⁴

Ao pensar uma educação cooperativista de um indivíduo inserido no contexto de uma sociedade capitalista, propõe-se que haja, junto aos alunos, a discussão destes dois aspectos: a prática cooperativista e a inserção dele em uma sociedade capitalista.

O aluno deverá perceber as contradições existentes na sociedade, discernindo as relações consideradas cooperativistas daquelas contrárias a estas. Sob este enfoque é que estará constantemente refletindo sobre aspectos do seu dia-a-dia, observando

94 - HIEBSCH, H. e VOWERG, M. Op.Cit. p.65.

a sociedade que o permeia. Deste modo, o aluno formará um conceito mais sólido de cooperação e uma vivência cooperativista. Ao perceber as dicotomias existentes na sociedade e na escola, desenvolvendo sua consciência crítica, ele terá elementos para uma práxis cooperativista, constituindo-se, portanto, em um agente para a superação dos problemas sócio-econômicos e transformação da sociedade.

O aluno na perspectiva ora proposta, será considerado conforme SCHNEIDER, estando motivado pelo espírito da auto ajuda, passará a cobrar responsabilidade não apenas de si mesmo, mas do próprio professor. Desta forma, deixará de ser passivo tornando-se reivindicativo em relação aos outros, mas também em relação a si mesmo. Assim ele afirma:

*"A auto-ajuda reforçada pela ajuda mútua permite um potencial incalculável de energias para o processo de aprendizagem. Educa para a autonomia, porém, não uma autonomia individualista, mas firmada na solidariedade, comunitariamente situada. Educa para a responsabilidade, o uso adequado e até parcimonioso dos recursos e dos meios em geral, à luz dos objetivos definidos num clima de participação democrática por alunos, professores, direção da Escola e não apenas impostos pelo professor ou pela direção da Escola"*⁹⁵

A escola deverá contribuir com o processo da formação do indivíduo afim de torná-lo um cidadão cooperativista consciente, sem que seja fruto de uma manipulação de comportamentos através

95 - SCHNEIDER, J.O. Op. Cit. 1994, p. 2.

de professores e de pesquisadores. O indivíduo cooperador não é também aquele que atende aos seus impulsos ou às doutrinas. Viver a cooperação estaria no prisma da ação consciente, da reflexão de suas ações e da proposta de transformação da escola e da própria sociedade.

Somente a percepção do próprio indivíduo a respeito da sua realidade, de forma que suas condições reais lhe permitam um pensamento crítico, poderá levá-lo à formação de uma consciência voltada para uma nova forma de pensar o mundo. A cooperação será retomada para a construção de uma nova sociedade. Também a cooperação não deverá ser vista como forma paliativa de sobrevivência mas terá que lutar por transformações numa práxis revolucionária.⁹⁶ Pode-se dizer que, diante do individualismo exacerbado nas instituições da sociedade, viver a cooperação seria uma atividade que significaria a existência e vivência de uma consciência cooperativista.

5.5 - Pais: cooperados e cooperadores

Educar para a cooperação deveria ser uma tarefa essencialmente da família e da sociedade, constituindo-se a escola apenas em uma extensão desse trabalho. Todavia, a realidade tem mostrado o contrário. O indivíduo é educado na sociedade capita-

96 - Não se entende neste trabalho práxis revolucionária apenas como ações que culminariam com as lutas de classe, mas também como toda e qualquer atividade do indivíduo ou grupo, no sentido de lutar e agir na sociedade por melhores condições sociais.

lista para a competição e, como tal, continuará perpetuando os valores individualistas.

A escola, ao se propor a formação do indivíduo cooperador aliada à sua função básica que é a de ensinar, estará corrigindo distorções. No entanto, é necessário envolver a família e a escola neste processo, se se pretender a formação de um indivíduo cooperativista. O homem é um ser de totalidade que se constrói tanto em relação às coisas quanto às pessoas num contexto social mais amplo. Sobre este assunto afirmou MIRANDA: "*o desenvolvimento do indivíduo é um processo integral de uma totalidade em permanente movimento*".⁹⁷ O indivíduo deve voltar-se para os princípios da cooperação, se quiser mudar a sociedade marcada pela má distribuição de renda, pela luta de classes, pela violência, e por situações que na verdade significam a fuga da trilha natural do homem, que não nasceu para viver as desigualdades e injustiças sociais.

Neste tipo de escola o pai/cooperado assumirá necessariamente duas áreas de atuação. Uma no sentido de manutenção material da escola e outra junto ao filho, garantindo e reforçando a proposta educacional adotada pela mesma.

Os pais deverão estar envolvidos constantemente com a formação educacional dos filhos, mediante a participação em reu-

97 - MIRANDA, Marília G. *Psicologia do Desenvolvimento: a*
p.6-7.

construção do homem como ser indivíduo texto mimeografado, 1978,

niões, palestras, seminários e cursos promovidos pela instituição. É preciso ficar claro para os pais que há uma proposta educacional diferenciada nesta escola, a qual necessita ser entendida, apreendida e vivenciada, afim de que possam assumir a parte que lhes compete neste processo. Os pais cooperados que ocuparem cargos de administração da cooperativa terão por obrigação estar ainda mais atentos e participantes nesta proposta.

No caso da presidência da cooperativa é necessário que o cargo seja ocupado por um cooperado sensível aos assuntos educacionais. Isto se torna extremamente importante uma vez que facilitará a comunicação entre estes e os demais educadores da escola. Evitar-se-á também que sejam formados grupos específicos na cooperativa quais sejam, o grupo da administração, o grupo de docentes e o de funcionários, gerando antagonismos e lutas por interesses particulares. É preciso que haja um grupo único e integrado que vise ao bom funcionamento da escola, trabalhando por objetivos comuns, cumprindo assim uma proposta cooperativista em todas os seus níveis.

Ao se candidatar para ocupar cargos administrativos em uma cooperativa de ensino é importante que cada chapa apresente seu plano de ação, cuja proposta para aceitação deverá ser apreciada pela equipe técnico-pedagógica. A fim de que seja garantido o compromisso da presidência com a instituição, se necessário for, deve-se discutir a questão da remuneração desta atividade.

Aos pais não competem as funções técnico-pedagógicas da escola. É competência do cooperado assumir cargos de administração da cooperativa e criar condições para o bom funcionamento da escola, a fim de que a equipe técnico-pedagógica e os professores realizem bem o seu trabalho.

Os pais que possuem formação em educação, se desejarem participar das questões pedagógicas desta instituição, necessitam submeter-se a todo o sistema da escola, desde aqueles estabelecidos para a admissão de pessoal até aos de formação e de acompanhamento do pessoal docente e da coordenação pedagógica. Desta maneira eles passariam necessariamente à condição de funcionários da escola.

REFLEXÕES FINAIS

Nesta parte serão salientados alguns aspectos importantes com relação à elaboração deste trabalho. Cita-se em primeiro lugar a dificuldade encontrada em se conseguir bibliografia na área de cooperativismo de ensino no Brasil, devido à sua ausência, especialmente daquela que a analisa e faz sua crítica.

No presente trabalho, ao partir da constatação de que na prática, nem sempre as escolas cooperativistas vivenciam os princípios da cooperação, concluiu-se que estas instituições deverão reger-se por pressupostos históricos-dialéticos como referencial teórico-prático para a implantação de uma práxis cooperativista.

Outro aspecto a ser mencionado, é a justificativa de não se ter elaborado uma Pedagogia Histórico-Dialética Cooperativista propriamente dita, e sim a apresentação de subsídios para tal. Isto se deve à tamanha responsabilidade deste empreendimento. Além disso, fazê-la solitariamente seria inclusive uma incoerência com a perspectiva aqui discutida, que é a de elaboração coletiva e na práxis. Considera-se que tal tarefa compete às cooperativas de ensino.

A implantação de uma Pedagogia Histórico-Dialética Cooperativista, deverá partir de um trabalho conjunto, onde diretores, coordenadores pedagógicos, professores, alunos e demais indivíduos envolvidos na área administrativa da escola, elaborarão estratégias que redefinem as concepções, objetivos e métodos para o funcionamento destas instituições. É portanto necessário que todos os elementos que a compõem adquiram também conhecimento na área de educação cooperativista. Esta formação deverá advir de leituras, estudos, discussões, reflexões, cursos e palestras, com a supervisão do especialista em cooperativismo.

Uma Pedagogia Histórico-Dialética Cooperativista, deverá surgir **no e para** o coletivo. KOWARZIK, ao analisar a pedagogia, afirma que esta deve iniciar e dirigir um processo educacional coletivo, através de medidas organizacionais gerais e medidas educativas específicas, atentando às exigências da práxis. Uma pedagogia nesta perspectiva poderá, ao mesmo tempo, controlar permanentemente, a partir da prática, o curso e os resultados do processo educacional, modificando-os e corrigindo-os de acordo com seu sucesso ou insucesso, em um processo dialético de aperfeiçoamento recíproco entre pedagogia e educação.¹

A elaboração de uma proposta pedagógica, específica para as cooperativas de ensino, deverá partir da contextualização do

1 - KOWARZIK, W. S. *Pedagogia Dialética - De Aristóteles a Paulo Freire*. São Paulo, Brasiliense, 2ª ed. 1988, p.67.

cooperativismo no Brasil e da emergência e constituição de seu segmento de ensino sob estruturas e contextos diversificados. Deste modo, deve ser resgatada a história do cooperativismo de ensino, analisando antropologicamente as diversidades culturais e verificando-se as causas do aparecimento destas instituições. Deve ser observada a forma de educação ministrada nestas escolas, relacionando-a aos novos princípios estabelecidos.

Não foi proposto, neste estudo, trabalhar com a parte administrativa de uma cooperativa de ensino no que diz respeito às questões organizacionais e materiais. Pretendeu-se refletir sobre os aspectos filosóficos, teóricos e pedagógicos necessários ao bom funcionamento da mesma.

Os indivíduos podem se reunir, fundar uma cooperativa de ensino, pensar na qualidade associada ao baixo custo, não havendo, com isto, nenhum problema para a sociedade. O que não se concebe são estas instituições se julgarem redentoras dos problemas educacionais. As escolas públicas, principalmente, e também as escolas particulares têm o seu lugar na sociedade e precisam ter assegurado seu bom funcionamento. A escola cooperativista pode colaborar com um bom ensino e educação, mas não poderá considerar-se única neste processo. Além disso não poderá fazê-lo de forma isolada, uma vez que está inserida num contexto mais global.

Também esta escola não deverá usar os princípios cooperativistas apenas para sua institucionalização e para propaganda, sem vivenciá-los no cotidiano da escola. Nesta linha de pensamento, se a escola se propõe ser cooperativista, impõe-se-lhe a responsabilidade de expressar a cooperação em seu currículo e prática pedagógica. Caso contrário, é preciso que fique claro para estas instituições que a sua organização, sob forma de uma cooperativa, dá-se apenas para a sua viabilização, enquanto a criação de uma escola, para fins econômicos. Deste modo, estas não querem ser regidas pelos princípios cooperativistas.

O que se assiste hoje são instituições escolares, levadas pelo modismo, autodenominando-se seguidoras de determinados princípios filosóficos, ou de alguma abordagem de ensino, mas que não vivenciam seus pressupostos fundamentais, e atuam de forma irresponsável e eclética.

A perspectiva de trabalho ora proposta exige que suas ações sejam refletidas dentro de uma filosofia maior, de forma crítica. Não se concebe, por exemplo, que as cooperativas regidas por tais princípios ajam no sentido de reforçar a situação vigente na sociedade capitalista, onde imperam os antagonismos de classe, a má distribuição de renda, a violência etc.

Dada a seriedade da educação, as escolas de maneira geral e as cooperativistas necessitam de uma coordenação pedagógica e de um corpo docente de alto nível, com formação e experiência

profissionais condizentes ao trabalho proposto. As cooperativas de ensino, devido à participação de pais como cooperados e daí sócios da escola, correm risco de os mesmos intervirem em questões pedagógicas, para as quais não estão preparados. Constitui-se este aspecto um fato para o qual as cooperativas de ensino devem estar atentas.

A autogestão², nesta proposta, vai ter um caráter diferenciado da usual. Ela pressupõe uma autogestão nos aspectos administrativos, afim de garantir que a equipe de profissionais da escola, sobretudo o pessoal da coordenação pedagógica e professores, possam cuidar da educação de uma maneira geral e da educação cooperativista de maneira particular. Portanto, a autogestão não atingirá as questões relacionadas ao ensino e aprendizagem, ficando restrita à promoção de condições materiais da escola.

Propõe-se para estudos posteriores a verificação dos efeitos da implantação de uma Pedagogia Histórico-Dialética Cooperativista, ou seja, uma proposta pedagógica diferenciada, daquela que é comum as escolas cooperativistas.

2 - A autogestão é o sentido principal da tendência pedagógica denominada por LIBÂNEO Tendência Progressista Libertária. Segundo ele, esta "abrange quase todas as tendências antiautoritárias em educação, entre elas, a anarquista, a psicanalista, a dos sociólogos e também dos professores progressistas." Dentre outros, cita como exemplos desta tendência, os trabalhos de C. Freinet, na França e Maurício Tragtemberg e Miguel Arroyo no Brasil. A idéia básica desta pedagogia, "é introduzir modificações institucionais, a partir dos níveis subalternos que, em seguida, vão "contaminando" todo o sistema." (Cf. LIBÂNEO, J.C. Democratização da Escola Pública - A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos. São Paulo, Loyola, 1990, p.36 e 38).

Apesar de a escola cooperativista ser norteadada por princípios da cooperação, esta continuará a ter como função primordial a transmissão e assimilação dos conteúdos escolares historicamente armazenados e socialmente transmitidos. A responsabilidade da educação para a cooperação deve ser social e familiar. Entretanto, como isto não ocorre, a escola deverá compatibilizar os conteúdos escolares aos princípios cooperativistas, se quiser desempenhar a sua função e também suprir esta lacuna.

Numa sociedade marcada pela fome, pelo desemprego e por crises institucionais é necessário a retomada do sentido da cooperação para superação e transformação da mesma. Não em uma conotação demagógica, ideológica ou filantrópica, conforme criticou-se neste estudo, mas como resultado de uma práxis cooperativista. Não se quer neste trabalho delegar à escola tamanha responsabilidade. Como uma das agências formadoras de cidadãos e futuros dirigentes, ela tem uma parcela de contribuição a dar neste processo.

Esta proposta poderá ser implementada também em outras escolas, públicas ou privadas do país. Acredita-se que os princípios histórico-dialéticos extraídos do pensamento de MARX, deverão nortear não somente estas escolas como a própria sociedade. A cooperação deve ser um princípio universal, uma vez que ela propicia a justiça e a igualdade de condições de vida. A hominização somente se dá de forma coletiva e cooperativa. O homem nesta

perspectiva não pode ser individual, como preconizam algumas teorias filosófico-pedagógicas educacionais. Também não se trata de considerá-lo apenas um ser social, conforme as teorias comportamentalistas, pois deste modo estaria desprezada a sua dimensão individual.

O homem é um ser interagente com o mundo de uma forma dialética havendo entre eles, uma relação de interdependência. Isto não afetará o *primado genético da sociedade*, conforme mencionaram HIEBSH e VORWERG.³ Há portanto, uma forte determinação externa no homem representada por suas condições materiais de vida e sua atividade concreta-trabalho, coexistindo simultaneamente à formação de sua individualidade. Nas cooperativas de ensino é possível que o aluno, ao participar das atividades, concilie a liberdade e a independência pessoal com a dependência e a solidariedade da atuação grupal.

A partir desta visão, pode-se afirmar, pela experiência vivenciada numa cooperativa de ensino, que a cooperação, enquanto práxis, ainda é uma situação a ser alcançada. A realidade apresenta entraves para se conduzir um trabalho numa perspectiva cooperativista, tanto pela dificuldade dos indivíduos de compreender a cooperação como "ponto de partida" e de "retorno" das forças essenciais do homem, como pelo confronto entre as condições de

3 - HIEBSCH, H. e VORWERG, M. *Introdução à Psicologia Social Marxista*, 1980, p.67.

vida e a sua proposta. Estes, estando inseridos em uma sociedade capitalista, expressam muito mais atitudes de uma cultura individualista e competitiva, do que participativa.

BIBLIOGRAFIA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER et.alli. **Materialismo Histórico e Materialismo Dialético**. Global, Coleção Bases, n° 19, 1979.
- ANDRÉ, Marli E.D.Afonso, *A Produção Coletiva de Conhecimento e Cotidiano Escolar*. Texto mimeografado, 1994.
- BANKS, Luci. *As dimensões interacionista e construtivista e Vygotsky e Piaget. Pensamento e Linguagem - Estudos na Perspectiva da Psicologia Soviética*. Caderno CEDES, n° 24, 1991.
- BARBOSA, Ivone Garcia. *Psicologia Social Histórico-Dialética: contribuições para o repensar das teorias pedagógicas e seus conceitos de consciência*. Goiânia. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, 1991.
- BORDIN, Jussara e GROSSI, Ester. (organizadoras) *Paixão de Aprender*, Petrópolis, Vozes, 1992.
- BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*, Rio de Janeiro, Zahar, 1988.
- CAMPOS, Kátia D. et alii. *Relatório de uma Observação, Diagnóstico na Área Escolar*. Relatório de Psicologia Escolar/UCG, 1992.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é Ideologia*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- . *Crítica e Ideologia*. in.: *Cultura e Democracia*. São Paulo, Cortez, 1989.

- CURY, Carlos R.J. **Educação e Contradição**. São Paulo, Cortez, 1989.
- DRIMER, Alícia e DRIMER, Bernardo. **Las Cooperativas Escolares**. Buenos Aires, Ediciones Intercoop, 3ª.ed.,1987.
- DURHAN, Eunice R. *A Dinâmica Cultural na Sociedade Moderna*. Ensaio de Opinião, nº 4, 1977.
- DUARTE, Laura M.G. **Capitalismo & Cooperativismo no R.G.S. - O cooperativismo empresarial e a expansão do capitalismo no setor rural do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, L&PM, 1986.
- ENGELS, F. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico**. São Paulo, Global, 8ª ed.,1986.
- FAZENDA, Ivani. (org.) **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo, Cortez, 1989.
- FREITAG, Bárbara. **Estado, Escola e Sociedade**. São Paulo, Moraes, 1980.
- GADOTTI, Moacir. **Concepção Dialética de Educação - Um Estudo Introdutório**. São Paulo, Cortez, 1992.
- e ROMÃO, J.Eustáquio. *Maringá: A Escola Cooperativa*. in.: **A Educação e o Município - Sua Nova Organização**. Brasília, Cadernos Educação Básica, série inovações 3, MEC,1993.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo, Atlas, 1991.
- GOULART, Iris B. **Psicologia da Educação - Fundamentos Teóricos Aplicações à Prática Pedagógica**. Petrópolis, Vozes, 1987.
- GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro, Civilização, 1982.
- GRUNWALDT, Ingeborg. *Pesquisa Etnográfica Aplicada à Educação: Uma Revisão*. in.: **Educação - Faculdade de Educação - PUC/RS**, Porto Alegre, Ano IX, n.10 - 1986.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis, Vozes, 1992.

HIEBSCH, H. & VORWERG, M. **Introdução à Psicologia Social Marxista**. Portugal, Novo Curso Editores, 1980.

HOLANDA, Aurélio B. **Dicionário da Língua Portuguesa**, São Paulo, Nova Fronteira, Revista aumentada, 2ª.ed., 1986.

IANNI, Otávio. (organizador). **Karl Marx - Sociologia**, São Paulo, Ática, 1987.

KONDER, Alexandre. **O que é dialética**. São Paulo, Brasiliense, 1981.

KOSÍK, Karel. **A dialética do Concreto**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

KOWARZIK, Wolfdietrich S. **Pedagogia Dialética - De Aristóteles a Paulo Freire**. São Paulo, Brasiliense, 2ª ed., 1988.

LAKATOS, Eva M. **Sociologia Geral**, São Paulo, Atlas, 1977.

LANE, Sílvia T.M. & CODO, Wanderley (organizadores). **Psicologia Social. O homem em movimento**. São Paulo, Brasiliense, 2ª ed., 1985.

LEONTIEV, Alexis N.O **desenvolvimento do psiquismo**, Lisboa, Livros Horizonte, 1978.

----- *O homem e a cultura*. in: **O Papel da Cultura nas Ciências Sociais**, Porto Alegre, Villa Martha, 1980.

LIBÂNEO, José Carlos. **Fundamentos Teóricos e Práticos do Trabalho Docente - Um estudo introdutório sobre pedagogia e didática**. Tese de Doutorado - São Paulo, PUC, 1990.

----- **Democratização da Escola Pública. A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos**. São Paulo, Loyola, 1990.

- Didática. São Paulo, Cortez, 1991.
- LIMA, M. Gasparina. **Cooperativas de Ensino em Goiás: em busca de uma nova escola.** Monografia de Especialização em Administração de Cooperativas, Goiânia, OCG/UCG, 1992.
- LIMA, Clêidna A. *O erro entendido como elaboração de hipóteses no processo de aquisição do conhecimento.* Texto mimeografado, Goiânia, COOPESINO, 1994.
- LUCKESI, Carlos C. **Filosofia da Educação.** São Paulo, Cortez, 1990.
- LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo, EPU/USP, 1986.
- MAGALHÃES-VILHENA, Vasco (org.). **PRÁXIS - A Categoria Materialista de Prática Social.** Vol.II. Lisboa, Livros Horizonte, 1980.
- MAGGIO, Mirta M. e LASAGNA, M. Cristina. **La Cooperativa En La Escuela.** Buenos Aires, INTERCOOP Editora Cooperativa Ltda, 1988.
- MANACORDA, M. A. **Marx e a Pedagogia Moderna.** São Paulo, Cortez, 1991.
- MARCUSE, Herbert. **Razão e Revolução** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- MARX, Karl. **Capital.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil S.A., 1989.
- Ideologia Alemã. Estampa, 1975.
- MIRANDA, Marília G. *Psicologia do Desenvolvimento: a construção do homem como ser individual.* mimeografado, 1978.
- MIZUKAMI, Maria da Graça N. **Ensino: As Abordagens do Processo.** São Paulo, E.P.U., 1986.

- MONTENEGRO, Maria Eleusa. **A Psicologia Histórico-Dialética Para os Cursos de Licenciatura**. Campinas (SP), Tese de Doutorado, UNICAMP, 1993.
- NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo, E.P.U/MEC, 1976.
- NASCIMENTO, Osvaldo V. **Evolução da Educação Cooperativista no Brasil**. in: **O Pensamento Cooperativo e o Cooperativismo Brasileiro** - PINHO, Diva B. São Paulo, Manual de Cooperativismo, v.III, CNPQ, 1982.
- OLIVEIRA, Maria Augusta de. **A Aula: Momento-Síntese do Trabalho Docente**. Dissertação de Mestrado, Goiânia-Go, MEEB, 1992.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky - Aprendizado e Desenvolvimento - Um Processo Sócio-Histórico**. São Paulo, Scipione, 1993.
- PINHO, Diva B. & PINHO, Carlos. **Educação Cooperativa Informal e Formal**, São Paulo, Separata-ASSOCEP, N. 1, 1975.
- PILETTI, Claudino. **Didática Geral**. São Paulo, Ática, 1989.
- RESENDE, Anita C.A. **Fetichismo e Subjetividade**. Tese de doutorado, São Paulo, PUC, 1992.
- SAVIANI, Dermeval. **Educação: Do Senso-Comum à Consciência Filosófica**. São Paulo, Cortez, 1991.
- . **Escola e Democracia**, São Paulo, Cortez, 1984.
- SCHINEIDER, José Odelso. **Democracia, Participação e Autonomia Cooperativa**. São Leopoldo, *Perspectiva Econômica*, V.26, n° 72 e 73, *Cooperativismo* 29 e 30, UNISINOS, ano 1991.
- SCHMIED, Kowarzik W. **Pedagogia Dialética**. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- SUCHOLDOLSKI, Bogdan. **Teoria Marxista da Educação**. Lisboa, Editorial Estampa, 1976.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**, São Paulo, Cortez, 1986.

TRONCOSO, José S. **Fundamentos de Cooperativismo Escolar**. Cadernos CEDOPE, UNISINOS, n.II-7, 1991.

URT, Sônia da Cunha. **A Psicologia na Educação: do real ao possível**. São Paulo, dissertação de mestrado, PUC, 1989.

VASQUEZ, Adolfo S. **Filosofia da Práxis**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

VIGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

-----**Pensamento e Linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

WATIKINS, W.P. **Los Principios Cooperativos Hoy y Mañana**, Bogotá, Esacoop, 1989.

YOSHIDA, Gláucia R.C. **Cooperativismo e Cooperação**. mimeografado, apresentado no Curso de Cooperativismo e Administração Empresarial para a Cooperativa de Trabalho Médico - UNIMED, Goiânia, 1992.

-----**Pensando a Escola Cooperativista em Busca de Uma Pedagogia social Cooperativa**. Artigo apresentado na disciplina Educação Escolar Brasileira, MEEB, Goiânia, 1992.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981.

BERGUER, Peter e LUCKMAN, Tomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis, Vozes, 1987.

BRANDÃO, Carlos R. **A Educação como Cultura**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

-----O que é Método Paulo Freire, São Paulo, Brasiliense, 1981.

CARVALHO, Hilma T.T.K. "Marxismo e Psicologia". in: Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social - ABRAPSO, Belo Horizonte, Ano III n° 4, 1988.

CHARLOT, Bernard. A Mistificação Pedagógica - Realidades Sociais e Processos Ideológicos na Teoria da Educação, Rio de Janeiro, Guanabara, 2a. edição, 1986.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir - História da Violência nas Prisões, Petrópolis, Vozes, 7a.edição, 1987.

LIBÂNEO, José Carlos. "Os significados da educação e a investigação pedagógica". mimeo, 1991.

NICOLACI, Ana Maria da Costa. Sujeito e Cotidiano - um estudo da dimensão psicológica do social. Rio de Janeiro, Campus, 1987.

MARCUSE, Herbert. Razão e Revolução. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

MARX, F. & ENGELS, F. Textos sobre Educação e Ensino. São Paulo, Moraes Ltda, 1983.

SAMPAIO, José Luis A. Cooperativismo Escolar: O Estudo de Uma Experiência. Monografia do Curso de Especialização em Associativismo, Recife, UFRPE, 1991.

XAVIER, M.E.S.P Poder Político e Educação de Elite, São Paulo, Cortez, 1980.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

- AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO - CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO
RESOLUÇÃO n° 101 de 12/06/1993

- ATA DE FUNDAÇÃO DA CEFFUNBB - COOPERATIVA DE ENSINO DOS
FUNCIONÁRIOS DO BANCO DO BRASIL NO ESTADO DE GOIÁS

LTDA. Goiânia 1º de outubro de 1991.

- GRADE CURRICULAR

- REGIMENTO ESCOLAR - Colégio Cooperativista São Paulo.

COOPENSINO - Cooperativa de Ensino de Goiânia - Ltda, 1994.

RESOLUÇÃO nº 615 de 30/08/1993.

JORNAIS E INFORMATIVOS CONSULTADOS

INFORMATIVO COPERGEL, Barreiras - BA, Cooperativa de Produtores de Grãos dos Gerais Ltda, Setembro, 1992.

INFORMATIVO COOPEN- Colégio São Tomás, Rio Verde-Go, Edição da 3ª Feira de Ciências e Artes, Outubro de 1991.

JORNAL COOPENSINO. Goiânia, Cooperativa de Ensino de Goiânia Ltda, Ano I, nº1, junho de 1993.

ANEXOS

I - QUESTIONÁRIOS

1.1 - QUESTIONÁRIO PAIS/COOPERADOS

1 - Sexo:

1 - homem

2 - mulher

2 - Faixa de idade do cooperado:

1 - 20 a 29

2 - 30 a 39

3 - 40 a 49

4 - 50 ou mais

3 - Categoria profissional do cooperado:

1 - Bancário (B.Brasil)

2 - Bancários (outros bancos)

3 - Outros

4 - Nº de cotas com que participa da COOPENSINO:

1 - 1 cota

2 - 2 cotas

3 - 3 cotas

4 - 4 ou mais

5 - Quantos filhos estudam na COOPENSINO?

1 - 1

2 - 2

3 - 3

4 - 4 ou mais de 4

5 - nenhum

6 - O que mais levou o Sr.(a) a associar-se à COOPENSINO? (Marcar somente as principais razões)

1 - Por acreditar na filosofia de uma escola cooperativista

2 - Pela possibilidade de alcançar um ensino qualificado

3 - Para pleitear um ensino mais barato

4 - Para participar efetivamente na construção de uma escola para meu(s) filho(s)

5 - outro _____

7 - A COOPENSINO está correspondendo com o que o Sr.(a) esperava dela como uma escola?

1 - sim

2 - não

3 - em parte

8 - Por quê? _____

9 - O Sr.(a) tem alguma formação na área de Cooperativismo?

- 1 - sim
- 2 - não
- 10 - (Se **sim**) Que tipo de formação possui:
- 1 - informações gerais
- 2 - leituras diversas
- 3 - curso básico
- 4 - curso de capacitação em cooperativismo
- 5 - outro _____

- 11 - O Sr.(a) gostaria de receber formação cooperativista mesmo que já tenha alguma formação nessa área?
- 1 - sim
- 2 - não

- 12 - (Se **sim**) Que tipo de educação desejaria receber?
- 1 - Curso básico
- 2 - Curso de Formação Cooperativista e Administração Empresarial
- 3 - Material didático
- 4 - outro _____

- 13 - (Se respondeu **NÃO** na questão 11), explique por que não gostaria de receber formação cooperativista?
- 1 - falta de interesse
- 2 - falta de tempo
- 3 - não sente necessidade
- 4 - outro _____

- 14 - O Sr.(a) vê o cooperado como parte integrante e responsável

no processo de consolidação e existência da Cooperativa de Ensino?

- 1 - sim
- 2 - não
- 15 - (Se **sim**) Como poderia ser sua contribuição?
(Marcar somente o que for possível)
- 1 - comparecer à todas as reuniões de pais
- 2 - apresentar sugestões para a melhoria da escola
- 3 - acompanhar o trabalho pedagógico da escola
- 4 - divulgar a COOPENSINO
- 5 - participar com os filhos das atividades propostas pela escola
- 6 - outra _____

16 - O Sr.(a) conhece a proposta pedagógica da COOPENSINO?

- 1 - conhece bem
- 2 - conhece mais ou menos
- 3 - não conhece

17 - (Se conhece bem ou mais ou menos) Qual a avaliação que o Sr.(a) faz da COOPENSINO:

- 1 - a proposta é boa, e a escola está caminhando de acordo com ela
- 2 - a proposta é boa, mas a escola não está caminhando de acordo com ela
- 3 - ainda é cedo para se tirar uma conclusão segura

4 - outra _____

18 - O Sr.(a) gostaria de que a escola apresentasse em um momento específico sua proposta pedagógica?

1 - sim

2 - não

19 - Com a transferência da escola para a sua sede própria, poderá :
(Marque somente as alternativas mais importantes)

1 - diminuir o rateio

2 - ser benéfico ao ensino e a aprendizagem do aluno

3 - ser necessária para oferecer condições de trabalho mais prazerosas

4 - abrir possibilidade de ampliar o quadro de associados aumentando o número de alunos

5 - outra _____

20 - Como cooperado, qual o motivo que o levou a se associar à cooperativa:

1 - qualidade de ensino

2 - custos mais baixos do ensino

3 - filosofia cooperativista

21 - A filosofia cooperativista tem refletido no dia a dia do seu filho?

1 - sim

2 - não

22 - Por quê ? _____

23 - O Sr.(a) é favorável à disciplina Cooperativismo na escola?

1 - sim

2 - não

24 - (Se respondeu NÃO na questão anterior), por que não é favorável?

1 - não é necessária à formação do aluno

2 - é necessária, mas sobrecarrega muito o aluno

3 - poderá ser ministrada junto a outras disciplinas

4 - outro _____

25 - Qual a sua opinião sobre um psicólogo escolar na COOPENSINO ? (Marque as principais)

1 - é necessário em uma escola

2 - não é necessário em uma escola

3 - poderá me ajudar no relacionamento com meu filho

4 - é importante no trabalho com o cooperado

5 - outro _____

2 - concordo, mas que não seja para o próximo ano

3 - concordo plenamente, mas que comece apenas com o 1.º ano

4 - concordo plenamente, e que sejam implantadas as três séries de uma vez

26 - Nas reuniões mensais com os pais, sobre quais assuntos devemos tratar?
(Escolha somente os principais assuntos):

1 - rateios da cooperativa

2 - relacionamento aluno/escola

3 - informações das atividades da escola

4 - temas educativos específicos: cooperativismo, criança, adolescente, mãe/mulher, relacionamento pais/filhos etc...

5 - outro _____

29 - Apresente uma sugestão que acha mais importante para a melhoria da escola:

1ª) _____

27 - Dê 2 temas de seu interesse, que a escola deveria promover por meio de palestras.

1º) _____

2º) _____

28 - Tem-se discutido a implantação do 2.º grau, para o próximo ano. Qual a sua posição ?

1 - não concordo, a escola deverá ser apenas de 1º grau

1.2 - QUESTIONÁRIOS - PROFESSORES

- 1 - Você já lecionou em quais redes de ensino :**
- 1 - pública
 - 2 - privada
 - 3 - ambas
- 2 - Quando você veio trabalhar na COOPENSINO, você já tinha conhecimento sobre o funcionamento de uma escola cooperativista?**
- 1 - sim
 - 2 - não
- 3 - Você acha que esta escola difere das outras em que você trabalha ou já trabalhou ?**
- 1 - sim
 - 2 - não
- 4 - Por que ?** _____

- 5 - Você sente necessidade de uma formação na área de cooperativismo?**
- 1 - sim
 - 2 - não
- 6 -(Se sim) Como?**
- 1 - leituras gerais
 - 2 - curso básico
 - 3 - curso específico para professores em
- cooperativas de ensino
- 4 - palestras
 - 5 - outros _____
- 7 - (Se não)Por que?** _____

- 8 - Você acredita na Escola Cooperativista como possibilidade de mudanças em nosso sistema de ensino?**
- 1 - sim
 - 2 - não
 - 3 - talvez
- 9 - Por que?** _____

- 10 - Você percebe seu papel e seu espaço na construção desta escola ?**
- 1 - sim
 - 2 - não
- 11 - (Se sim) Como?** _____

- 12 - (Se não por quê)?** _____

- 13 - Você se considera valorizado nesta escola?**

- _____
- _____
- 15 - O respeito ao profissional é praticado na COOPENSINO ?**
- 1 - sim
- 2 - não
- 3 - em alguns casos
- 16 - O que você considera ser respeitado profissionalmente?**
- _____
- _____
- _____
- 17 - Como educador você se considera bem remunerado?**
- 1 - sim
- 2 - não
- 18 - Como seria um sistema de remuneração adequado para a escola cooperativista? (escolha no máximo 3)**
- 1 - porcentagem definida independente do rateio
- 2 - criação de plano de cargos e salários
- 3 - elevar piso salarial do parâmetro atual
- 4 - criar remuneração a partir de produtividade (pagamentos de horas extras, estabelecer outro parâmetro de hora/atividade)
- 5 - outro** _____
- 19 - Como Você vê a atual coordenação?**
- 1 - excelente
- 2 - boa
- 3 - regular
- 4 - ruim
- 20 - Por quê ?** _____
- _____
- _____
- 21 - Você acha que as relações entre seus colegas estão satisfatórias?**
- 1 - sim
- 2 - não
- 22 - Como poderiam ser melhoradas?**
- _____
- _____
- 23 - Para melhorar estas relações (escolha duas prioridades)**
- 1 - encontros informais, trocas de idéias em todo momento oportuno
- 2 - momentos de reflexões pela leitura de textos
- 3 - conhecimento maior de cada um de seus colegas
- 4 - reuniões com psicóloga e especialista em cooperativis-

mo para explorar nossas reivindicações e encontrar meios para satisfazê-las

24 - As reuniões com psicóloga e especialista em cooperativismo poderiam ser:

- 1 - mensais
- 2 - quinzenais

25 - Estas reuniões deveriam ser:

- 1 - junto com reuniões pedagógicas
- 2 - separadas/ sem intervenções

26 - Qual a função de um psicólogo escolar na sua opinião:

27 - Cite 3 prioridades suas relacionadas a expectativas e satisfação com a administração:

1.3 QUESTIONÁRIOS - ALUNOS

1 - Você já estudou em outras escolas?

1 - sim

2 - não

2 - (se sim) Qual?

1 - pública

2 - privada

3 - ambas

3 - A COOPENSINO é diferente da escola em que você estudou?

1 - sim

2 - não

4 - (Se sim) Em que? _____

5 - (Se não) Por que? _____

6 - Os professores são diferentes das outras escolas?

1 - sim

2 - não

7 - Por que? _____

9 - (Se sim) Qual? _____

10 - Como é a participação de seus pais na escola ?

1 - vêm a todas as reuniões

2 - vêm em algumas reuniões

3 - vêm somente conversar com diretor e/ou coordenador

4 - vem apenas buscar boletins

5 - nunca vêm

11 - O que você entende por cooperação?

12 - O que você sabe sobre cooperativismo?

1 - Muitas informações

2 - Algumas informações

3 - Poucas informações

4 - Nenhuma informação

13 - O que você acha de uma disciplina sobre cooperativismo?

1 - importante

2 - dispensável

3 - sobrecarga

4 - indiferente

14 - Na COOPENSINO existem atividades que permitem o aluno cooperar ?

1 - sim

2 - não

15 - (Se sim) Quais? _____

16 - Como você poderia contribuir para a melhoria da escola?

1 - dando opiniões

2 - trabalhando nas atividades propostas pela escola

3 - divulgando a escola

4 - colaborando com a coordenação e professores

5 - chamando os pais para participar

6 - procurando viver a cooperação

17 - Você sabe o papel da psicóloga na sua escola?

1 - sim

2 - não

**18 - Como você considera a atuação da psicóloga na sua escola?
(escolha 2 opções)**

1 - tenta me ajudar

2 - me assusta

3 - me é indiferente

4 - faz falta

5 - é dispensável

6 - pode me ajudar no meu relacionamento com meus pais

19 - Você está satisfeito com seus professores?

1 - sim

2 - não

3 - em parte

20 - Por quê? _____

21 - Como você vê a atual coordenação da escola?

1 - excelente

2 - boa

3 - regular

4 - ruim

22 - Por quê? _____

23 - Dê sua sugestão para melhorar o que estamos construindo enquanto escola cooperativista.

II - TEXTOS

2.1 - EDUCAÇÃO: O SONHO POSSÍVEL

Os profetas não são homens ou mulheres desarrumados, desengonçados, barbudos, cabeludos, sujos, metidos em roupas andrajosas e pegando cajados.

Os profetas são aqueles ou aquelas que se molham de tal forma nas águas de sua cultura e da sua história da cultura e da história do seu povo, que conhecem o seu aqui e o seu agora e, por isso podem prever o amanhã que eles mais do que adivinham, realizam...

Eu diria aos educadores e educadoras: ai daqueles e daquelas que pararem com sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar. Ai daqueles e daquelas que, em lugar de visitar, de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, se atrelam a um passado de exploração e de rotina.

PAULO FREIRE

2.2 - FÁBULA

Certa vez os animais resolveram preparar seus filhos para enfrentarem as dificuldades do mundo atual, e para isso, organizaram uma escola. Adotaram um currículo, que constava de: corrida, escalagem, natação e vôo. Para facilitar, todos os alunos deveriam aprender todas as matérias.

O pato exímio em natação (melhor mesmo que o professor), conseguiu todas notas regulares em vôo, mas era fraco em corrida e escalagem. Para compensar essa fraqueza, ficava retido na escola todo dia, fazendo exercício extra. De tanto treinar corrida, ficou com os pés terrivelmente esfolados e, por isso não conseguia nadar como antes. Entretanto como o sistema de promoção era a média aritmética das notas nos vários cursos, ele conseguiu ser um aluno sofrível e ninguém se preocupou com o caso, exceto naturalmente o pobre pato.

O coelho era o melhor aluno no curso de corrida, mas sofreu tremendamente e acabou com um esgotamento nervoso de tanto tentar natação.

O esquilo trepava admiravelmente, conseguindo belas notas no curso de escalagem. Mas foi mal no vôo, pois o professor o obrigava a voar de baixo para cima e ele insistia em usar os seus métodos isto é, trepar na árvore e voar de lá para o chão. Ele teve que se esforçar tanto em natação que acabou por passar com nota mínima em escalagem, saindo-se mediocremente em corrida.

A águia foi uma criança problema, severamente castigada desde o princípio do curso, porque usava métodos exclusivos dela para atravessar o rio ou trepar nas árvores.

No fim do ano, uma enguia anormal, que tinha nadadeiras, conseguiu a melhor média em todos os cursos e foi a oradora da turma.

Dr. G.H. Beaves
Superintendente - Assistente das Escolas Públicas de
Cincinatti, Ohio, EUA.

2.3 - BREVE REFLEXÃO SOBRE COOPERATIVISMO E COOPERATIVAS DE ENSINO

O sistema cooperativista centraliza toda sua atenção na pessoa humana. São as pessoas físicas que, por vontade soberana, constituem a cooperativa para resolverem solidariamente os seus problemas.

Na cooperativa cada pessoa, por mais rica, poderosa ou sábia que seja, tem apenas um voto. Por isso é imprescindível desenvolver um processo permanente de capacitação cooperativista, para que todos os cooperados possam votar conscientemente nas grandes decisões da cooperativa.

Por outro lado, a administração de uma cooperativa, e isto inclui as cooperativas de ensino, tem suas peculiaridades. Além de seguir os ditames da ciência administrativa e no segmento de ensino a administração escolar, as cooperativas precisam ainda:

a) criar transparência entre diretoria e quadro social, pois esta é a condição necessária para que haja plena confiança e ajuda mútua.

b) servir da melhor forma possível ao seu quadro social, que são os próprios cooperados.

c) viabilizar a maior participação possível dos cooperados nos negócios da cooperativa, pois disso depende sua eficiência e eficácia como empresa, no caso da Cooperativa de ensino, como escola.

Sintetizando, o cooperativismo exige transparência, confiança, participação e ajuda mútua, como condição para a sua própria existência.

" Nas cooperativas mal sucedidas, uma razão permeia todo o leque de problemas causadores do insucesso: o momento em que a cooperativa se afastou dos seus objetivos para os quais foi constituída. Ou o instante em que a Diretoria deixou de fazer aquelas coisas que os cooperados desejavam que fossem feitas. Também, noutras palavras, o momento em que a cabeça se separou do corpo, e este veio a falecer."

Tudo que foi mencionado, ainda está longe da realidade, pois o cooperativismo brasileiro atua num contexto adverso, onde impera outra escala de valores. Todos os cooperados, técnicos, gerentes, administradores da cooperativa convivem diariamente com uma sociedade individualista, onde cada pessoa luta para vencer as demais. Esta realidade também acontece nas cooperativas de ensino ainda que sejam instituições voltadas para a educação.

Só o fato de uma pessoa associar-se a uma cooperativa não lhe confere conhecimentos sobre cooperativismo. Esses conhe-

cimentos ela adquire mediante reuniões encontros, seminários, e cursos, bem como a participação efetiva nas atividades da cooperativa.

Assim, pela vivência a pessoa vai descobrindo os valores da cooperação: a liberdade, a igualdade, a participação, a democracia, a solidariedade, a justiça social, a cidadania. Através do cooperativismo é possível solucionar grandes problemas no Brasil, tais como: desemprego, distribuição da renda, educação cívica etc...

O processo de capacitação cooperativista deve envolver a todos os que participam da cooperativa e estender-se também à comunidade onde ela atua, para que o sistema cooperativista seja cada vez mais divulgado.

A cooperativa de ensino possui em potencial uma grande possibilidade de divulgação do cooperativismo e da prática da cooperação, já que trabalha diretamente com a formação do indivíduo e portanto poderá prepará-lo para o exercício da cidadania voltado para os princípios cooperativistas.

2.4 - Pensando a Educação Hoje

A mudança no mundo ocorre velozmente. Nossa sociedade tem de enfrentar esse desafio de mudança na ciência, na tecnologia, nas comunicações, nos relacionamentos sociais. Não podemos descansar nas respostas proporcionadas pelo passado. Devemos colocar nossa confiança nos processos pelos quais iremos ao encontro de novos problemas. Quanto mais rápido a mudança chega, mais as prespostas, o conhecimento, os métodos, as habilidades se tornam obsoletas.

No mundo em que vivemos a finalidade da educação deve ser o desenvolvimento de indivíduos abertos à mudança. Estes podem, construtivamente, ir ao encontro das perplexidades de um mundo em que os problemas proliferam mais rapidamente que suas respostas.

O fim da educação deve ser o desenvolvimento de uma sociedade em que as pessoas se adequam mais às mudanças que à rigidez. É mais importante hoje a capacidade de enfrentar adequadamente o novo que repisar o velho.

Devemos ser capazes de conservar e transmitir o conhecimento e os valores do passado, assim como estarmos abertos às inovações que se façam necessárias, ampliando nossos conhecimentos e preparando-nos para um futuro incerto.

Temos que descobrir um meio de desenvolver no sistema educacional um clima que nos leve ao crescimento pessoal em que a inovação não seja temida, no qual as capacidades criativas sejam estimuladas ao invés de serem abafadas. Temos que encontrar um modo, nesse sistema, em que o objetivo não seja sobre o ensinar, mas a facilitação da aprendizagem autodirigida. Acredito que só assim se poderá desenvolver indivíduos criativos, abertos à totalidade da sua experiência e ao acompanhamento contínuo desse processo de mudança.

"A educação não é estática, sendo ela feita pelos homens, ela pode ser reinventada."

Paulo Freire

2.5 - Estas "defesas" nos protegem?

José Angelo Gaiarsa

Todos criamos "casca" protetoras. Para nos defender dos outros. Bichos cascudos têm pouca mobilidade. E machucam os outros.

Uma velha tradição diz que o ser humano faz tudo para ter prazer na vida. E evitar a dor.

Verdade?

Normalmente, não procuramos demonstrar o amor que sentimos, quando amamos. Amor é ruim? Feio? Dói?

Também evitamos o choro, mesmo quando a vontade é grande. Chorar é feio? Dói?

A mulher e o homem apaixonados se encontram. Têm vontade de pegar um na mão do outro, afagar o cabelo, abraçar, olhar nos olhos, puxar o nariz, brincar de faz-de-conta, manifestar ternura, contentamento, alegria, felicidade. Mas, em geral, não fazem nada disso. Tolhem os gestos mais espontâneos e ingênuos, que não são feios e nem doem.

Dariam prazer?

Realmente (e infelizmente), na hora das coisas boas ficamos cheios de dedos. Não sabemos senti-las, muito menos nos entregar a elas.

E usamos desculpas para esconder nossa incapacidade. Dizemos:

- Não estava na hora!
- Ele não é a pessoa certa!
- O lugar não era adequado!
- O que iriam pensar?
- Não devo, não sou dessas pessoas...

É verdade - mesmo - que procuramos o prazer e evitamos a dor

Acho que acontece o contrário e defendemo-nos de coisas excelentes, fabricando uma casca protetora, verdadeira couraça - os psicanalistas a chamam de "defesa psicológica" ou "mecanismo de fuga ou proteção".

Toda casca faz do indivíduo um especialista - ele sempre responde as incertezas do mesmo jeito! Por isso, torna-se muito capaz numa direção. E incapaz em outra. Alguns exemplos: o desdenhoso sabe desdenhar espetacularmente, mas sua habilidade termina aí. O orgulhoso especialista em colocar-se acima das coisas, e incapaz de vivê-las. O gozador tem grande capacidade em rir das coisas, porém não sente nada de importante, já que tudo é risível. O sério julga o mundo sério demais, e achata a vida,

pois não sabe rir.

Já o displicente não leva nada a sério; então não há o que lhe interessa. A ingênua diz com espanto nos olhos que tudo é novo, mesmo acontecimentos velhos de muitos anos, e não se enriquece com o acúmulo das experiências. O cobrador vive exigindo que as pessoas cumpram suas obrigações, e com isso elimina a possibilidade (e o risco) das respostas espontâneas. O desconfiado está sempre desconfiando e afasta as coisas boas, que as interpreta como malévola.

Por outro lado, o otimista inveterado vê tudo cor-de-rosa, e não quer saber do que pode abalar seu desligamento do mundo. A eterna vítima é técnica em queixar-se, e portanto não se arrisca a viver uma situação agradável. O Don Juan transforma a vida numa caçada à mulher, porém é incapaz de amar alguém. E o falador interminável teoriza sobre tudo e não vive, pois a vida para ele é um dicionário.

Esses são só alguns exemplos de cascas. Pois há tantas... e todas dificultam a vida. Como se fossem óculos escuros, impossibilitando a visão do arco-iris.

Veja só: o cavaleiro medieval, armado de imponente armadura, investe contra o índio nu. Casca e não-casca. Quem vai?

Se for preciso passar por uma ponte estreita (ou seja, por um momento difícil), é quase impossível manter o equilíbrio com a armadura. O índio ganha. Se surgir um perigo inesperado, como é que o cavaleiro se defende? Ele só sabe fazer as coisas de um jeito (é um especialista!). O índio ganha. Se acontecer um empurrão (isto é, se as pressões sociais forem muitas), o cavaleiro não resiste e cai. O índio ganha.

Além disso, durante todo o tempo da luta, o encouraçado tem a respiração deficiente. Em consequência, ele pensa, sente e se mexe mal. Pois a casca - feita, na verdade, por tensões musculares que o prendem, como uma roupa apertada - inibe todas as expansões.

Voltando aos exemplos, como o cavaleiro encouraçado, o desdenhoso, a vítima, o orgulhoso e outros "cascudos", especializados em suas defesas, se movem, respiram e sentem mal. Vivem mal.

Todo bicho muito cascudo - a tartaruga, o besouro - morre quando cai de costas. Seria bom aprender esta lição...

A casca oprime, limita e sufoca. Nos torna burros em todas as reações que fogem à nossa especialidade. Nos deixa tensos, com a respiração comprometida. E apreensivos, já que os músculos ficam esticados como cordas - são os músculos que rete- sam, não os nervos!

2.6 - CARTA ABERTA AOS COOPERADOS

O Cooperativismo de Ensino tem sido nesta década uma inovação no que concerne a uma proposta educacional. Neste sentido tem caminhado, ainda que com passos lentos, em busca de novas diretrizes para a educação.

A educação em si consiste em um contínuo processo de construção, onde gradualmente se pensa e repensa a formação do ser humano. Assim é também o Cooperativismo, emergente em um sistema antagônico como o capitalismo. A tarefa educacional nesta perspectiva se bifurca em dois sentidos, construir um sistema cooperativista e educar para a cooperação.

Ao mesmo tempo em que são implantadas nossas cooperativas, é preciso ainda a importante tarefa de conscientização do cooperado, como mola propulsora deste processo. Nesse sentido, é que a escola cooperativista necessita da constante participação do associado para sua consolidação, para que haja uma coerência entre sua forma de educar e a proposta cooperativista.

A cooperativa é do cooperado. É ele quem melhor poderá definir seus rumos, e foi por ele e para ele a sua implantação. É que privilégio para um pai poder participar do processo de formação de seu filho, à medida em que a concepção filosófica e educacional de uma escola é definida a partir daquilo em que ele acredita e com aquilo que ele contribui.

Pensando assim é que a COOPENSINO se propõe a repensar sua prática a partir de uma das propostas educacionais mais avançadas atualmente, qual seja, aquela cuja construção ocorre no dia a dia, a partir da necessidade e contribuição de todos aqueles que se inserem neste processo.

2.7 - A Escola dos Nossos Sonhos

Pode parecer utopia ou mesmo demagogia, diante da crise vivenciada pelo ensino brasileiro nas últimas décadas, além do aparecimento de inúmeras propostas pedagógicas que tentam sanar tais dificuldades, falar na possibilidade de concretizarmos a **Escola de Nosso Sonhos**.

A implantação da COOPENSINO, não foi diferente, ou seja, ela surgiu sim, em meio às turbulências educacionais e econômicas detectadas em nosso país. Nos seus dois anos de existência, caminhou no sentido de desbravar um território ainda não explorado em nossa capital - uma escola cooperativista. Assim é que para seu terceiro ano de fundação, trabalhará com maior maturidade no que diz respeito ao cooperativismo de ensino.

Quando falamos na "Escola de Nossos Sonhos", não estamos querendo colocar a Escola Cooperativista como uma instituição descontextualizada dos problemas sócio-econômico-político e culturais. Ao contrário, o conhecimento dos mesmos é o que nos leva a um posicionamento mais urgente, no que se refere à formação de nossos alunos e filhos.

Nesta perspectiva é que a COOPENSINO, tem pensado sua prática. Construir uma escola, mediante a efetiva participação de seus segmentos, ou seja, alunos, pais, professores. Para isso está realizando inicialmente uma ampla pesquisa, abordando os variados aspectos que compõem seu cenário educacional e a partir destes dados, gerir a escola no ano de 1994. Assim o trabalho da COOPENSINO será portanto, norteado pelas expectativas de alunos, cooperados e educadores, que de alguma forma contribuem para a construção da **Escola dos Nossos Sonhos**.

PARTICIPE !